

ERASMO PILOTTO

PRÁTICA DE
ESCOLA SERENA

ERASMO PILOTTO

PRÁTICA DE
ESCOLA SERENA



Ad. Tompila Cuigonda Esco

PR
372
P643

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



30 240 213



277420

PARA MINHA MÃE, -
CORAÇÃO PERFEITO
ATÉ O SACRIFÍCIO
SILENCIOSO

ÊSTE LIVRO, QUE É QUASI UM DIÁRIO...

"C'est icy un livre de bonne foy, lecteur. Il t'advertit dès l'entrée que je ne m'y suis proposé aucune fin que domestique et privée; je n'y ay eu nulle consideration de ton service ny de ma gloire: mes forces ne sont pas capables d'un tel dessein. Je l'ay voué à la commodité particulière de mes parens et amis: à ce que, m'ayant perdu (ce qu'ils ont à faire bien tost), ils y puissent retrouver aucuns traits de mes conditions et humeurs, et que, par ce moyen, ils nourrissent plus entiere et plus vifve la connoissance qu'ils ont eue de moy. Si c'eust esté pour rechercher la faveur du monde, je me fusse paré de beautez empruntées, ou me fusse tendu et bandé en ma meilleure démarche. Je veux qu'on m'y voie en ma façon simple, naturelle et ordinaire, sans estude et artifice, car c'est moy que je peins. Mes defauts s'y liront au vif, mes imperfections et ma forme naïve, autant que la reverence publique me l'a permis. Que si j'eusse esté parmi ces nations qu'on dict vivre encore sous la douce liberté des premières loix de nature, je t'asseure que je m'y fusse tres-volontiers peint tout entier et tout nud. Ainsi, lecteur, je suis moy-mesmes la matiere de mon livre: ce n'est pas raison que tu employes ton loisir en un subject si frivole et si vain. A Dieu donq. De Montaigne, ce 12 juin 1588."

Advertência ao leitor, de Miguel de Montaigne, ao principiarem os seus Ensaíos.

PRÁTICA DE
ESCOLA SERENA

"A educação é uma coisa admirável, mas é bom lembrar às vezes que nada daquilo que vale a pena ser conhecido é ensinado..."

Oscar Wilde

POSICÃO

De uma vez, em 1929, Waldo Frank, — que conseguiu merecer o título invejável de “servidor da dignidade humana”, — disse em Buenos Aires essas palavras que são, seguramente, eternas para o nosso destino:

“... a América tem que ser criada pelos artistas. Quero dizer artistas de toda a ordem: artistas do pensamento e da palavra, da arquitetura, das formas plásticas, da música; e também da lei, da concórdia e da ação. Só os artistas podem criar a América, e só na medida em que hajam cumprido a sua tarefa de criação, poderão os políticos e os críticos levar adiante o que tenha sido criado. Só na medida em que os artistas hajam criado a América, poderão os povos da América sentir e desfrutar a sua América. Percebeis que se trata de uma obra de arte no mais amplo sentido da palavra arte. Arte implica beleza. Porém, o sentido da beleza não é mais do que uma consciência cabal da vida. Beleza quer dizer participação consciente na vida. A América que deveremos criar deverá ser, pois, mais consciente, mais viva, quer dizer, mais bela que qualquer mundo do passado. Tomemos, por exemplo, a Grécia, ou a Índia ou o Egito. Grandes mundos, certamente, cada um a seu turno. Porém, quanto reduzida porção do organismo humano de tais mundos participou realmente em sua cultura e em sua beleza! Na Grécia, uns quantos patrícios cimentavam sua bela obra sobre uma obscura massa de escravos. Na Índia e no Egito, só possuíam a luz os homens da casta sagrada, ocultando-a zelosamente à cegueira das massas anónimas. Não só estava desterrada do consciente e ativo esplendor da cultura a imensa maioria dos homens, mas a maioria das mulheres. Aquelas não eram culturas de humanidade; eram só culturas de classe, de diminutas, insolentes minorias, que exploravam o todo. E em quasi todos os valores e na ideologia que herdamos, encontramos esse sentido de exploração, esse dualismo, essa exclusividade. Nem sequer pode dizer-se que a terra tenha visto uma

raça de homens que viva, integralmente, sob o fogo da mesma luz. E até que esse dia chegue, a raça humana viverá mutilada: será como um corpo separado de sua alma, como um corpo só em parte sustentado pelo alimento e pela luz, enquanto em parte enlanguidesse sem êles. A América foi fundada para produzir essa cultura humana. Porque êste foi o sonho de todos os tempos. Semelhante empreza parece-me mais estimulante que qualquer outra. E entendo que é superior a tudo mais, a mais humilde participação em tão alta empreza. Nosso problema consiste em criar MAIS VIDA. Bem no fundo, esta é a essência das artes: mais luz e mais vida”.

INSTITUTO PESTALOZZI

FESTAS ESCOLARES. — Há, em Curitiba, uma escola em que a infância não é triste. Eis que na sua entrada se pode ler: “A Alegria é tudo.”

.....
Eu vos disse que, na entrada daquela escola, se pode ler que a Alegria é tudo. Teria a inscrição nascido da piedade para a infância?

Ou teria vindo da crença nietzscheana ou dionisíaca de que “o homem que muito conheceu a Dôr é menos sábio do que aquêle que muito conheceu a Alegria.”

I

JARDIM DA INFANCIA — ARQUITETURA ESCOLAR, ETC.

Há, para os educadores, uma interessantíssima sugestão em *Poesia e Verdade*, de Goethe: êle nos refere o ambiente de seu primeiro lar e nos faz compreender que a materialidade desse fator não é tão sem importância para a formação do homem, como pode parecer no primeiro instante.

Até que ponto essa influência é eficaz e universal?

“Para nós, as crianças, uma irmã menor e eu, o lugar mais agradável da casa era o amplo saguão da entrada, que tinha ao lado da porta uma grade de madeira, pelo qual se comunicava imediatamente com a rua e o ar livre... e essa vida pública dava a sensação de mais liberdade.”

“No segundo pavimento, havia uma sala a que chamavam jardim, porque haviam colocado nas janelas algumas flores, com as quais se pretendia suprir a falta de jardim. Durante a minha infância, era para mim esta sala a mais amada da casa, e onde passei as horas, si não mais tristes, pelo menos mais nostálgicas. Alí... via-se... tudo isso excitou em mim, desde muito cedo, um sentimento de nostalgia e soledade que, correspondendo à minha natureza séria e à minha tendência para o mistério, cedo produziria as suas consequências. Além disso, a estrutura complicada da velha casa, cheia de lugares e de

cantos sombrios, era muito apropriada para despertar o medo e o terror no ânimo infantil”.

A sensação de liberdade e o jeito de excitar a imaginação: será isso o que faz mais estimado de uma criança um comentário qualquer da casa? E que temos aproveitado de tudo isso para as construções escolares? Seria o caso de que as construções fossem feitas de modo a poder dar aqui a sensação da liberdade e a excitar ali a imaginação? Ou que outras exigências deveríamos ter, dentro deste sentido?

Eis aí novos temas para observações e pesquisas, mostrando bem que o problema das construções escolares ainda tem claros da maior importância.

E quanto, na educação do indivíduo, se deve a fatores tão despercebidos assim?

Quando a investigação experimental invadirá este campo?

De uma vez, procedi, na Escola de Professores de Curitiba, a um inquérito entre crianças para saber qual o lugar de sua casa que lhes era mais querido.

Resultou serem as escadas, particularmente as escadas escondidas de interior. Brinca-se em cima e em baixo das escadas.

Por que? Porque a escada é como que um excitante da imaginação, podendo ser ao mesmo tempo com cousas diferentes, com o seu feitio em verdade tão singular?

Entre as recordações de minha infância escolar, nesse sentido, me vem, apenas, que, de toda a escola, de todas as escolas que frequentei, só pertenciam, de fato, às crianças, os túneis ou subterrâneos ou não sei que, — uns cedros, enfim, — aparados para separar o pátio da rua, e por entre os quais nos metíamos dificilmente, mas com uma seriedade cheia de encanto.

George Münch, o extraordinário educador que declarou que a Alegria, na escola, é o supremo dos valores, — lembro-me agora, — colocava os seus alunos na intimidade de cedros semelhantes, que também separavam o pátio da rua, — para levá-los a observar os que passavam, o que se passava diante de seus

olhos, e anotar tudo, para relatá-lo, em seguida, aos seus colegas que haviam ficado na sala de aula. É uma aula perfeita de composição.

Creio que cabe citar aqui Anatole France:

— As casas novas, redarguiu o sr. Bergeret, são mais cômodas que as velhas. Mas não gosto delas, talvez porque sintam melhor, num luxo que se pode medir, a vulgaridade de uma vida estreita. Não é que eu sofra, mesmo por vocês, com a mediocridade de minha situação. É o banal e o comum que me desagradam. Vão achar-me absurdo.

— Oh! não, papai!

— Na casa nova, o que me é odioso, é a exatidão das disposições correspondentes, a estrutura muito aparente dos alojamentos, que se nota de fora. Há longo tempo que os cidadãos vivem empilhados. E uma vez que tua tia não quer ouvir falar de uma casinha de arrabalde, desejo acomodar-me bem num terceiro ou quarto andar e é por isso que renuncio com pena às velhas casas. As irregularidades destas tornam mais suportável o empilhamento. Passando numa rua nova, surpreendo-me a calcular que essa superposição de famílias é, nas construções recentes, de uma regularidade que as torna ridículas. Essas pequenas salas de jantar, colocadas umas sobre as outras, com a mesma vidracinha, cujos pendentos de metal se acendem à mesma hora, — essas cozinhas, pequeníssimas, com o guarda-comidas dando para o pátio e as criadas sujas, e os salões com o seu piano, cada qual, um sobre o outro, — a casa nova, enfim, me revela, pela precisão da estrutura, as funções quotidianas dos entes que encerra, tão claramente como si os assoalhos fossem de vidro; e essas pessoas que jantam umas por baixo das outras, com simetria, formam, quando se pensa nisso, um espetáculo de cômico humilhante”.

Estava o Instituto Pestalozzi localizado em uma grande vila, no centro da cidade, — uma das últimas ainda dotadas de quintal que ia quase até a ser um parque.

Tinha a vila, antiga construção de cômodos ainda amplos e altos, o jeito de um pitoresco chalet, com um pequeno terraço e uma fila de colunas em frente, dois pavimentos, um pequeno jardim defronte, com roseiras de grandes rosas brancas, — e adiante a rua, que se podia apreciar amenamente, pelas

tardões, debruçado do muro do jardim, com u'a amável comocidade.

No fundo do pátio, árvores antigas, altas, sombra e frescura, morada de pássaros, — uma orquestra quasi.

E, no pátio, caramanchões de parreiras, uma área larga coberta, uma rede de embalo à sombra, um antigo poço coberto e pitoresco, diversos cantos que poderiam ser subterrâneos, um longo corredor entre a casa e um dos muros laterais.

Visinha, uma igreja protestante, de onde nos chegava, em certos dias, a voz dos côros e do órgão.

A garage foi transformada em um CENTRO DE ARTE: modelagem e pintura.

Fizemos, nesse ambiente, a nossa escola.

Ao referi-lo, imediatamente recorro aquêlo traço da vida de Epicuro, descrito por Fénelon, segundo Anatole France:

"Ele comprara um jardim encantador que cultivava com as suas próprias mãos. Foi aí que estabeleceu a sua escola: levava uma vida doce e agradável com seus discípulos, aos quais ensinava, passeando e trabalhando... Era para todos meigo e afável... E acreditava que nada é mais nobre do que se aplicar à filosofia".

Vamos, pois, visitar o nosso jardim da infância. A idéia que inspirou a sua organização material foi a de fazer uma casa para as crianças, de tal modo que muitas crianças pudessem aí viver como si estivessem em um lar concebido expressamente para elas, e por tal forma organizado que, só com viver nesse ambiente, usando livremente o que aí se encontrasse, já estivessem recebendo uma larga parte de educação. Sendo uma casa, procurou-se eliminar a sala de aula, substituída por uma sala de estar, uma sala de brinquedos, uma sala de refeições, etc. Já dissemos que o pátio tinha, não o caráter de um pátio de recreio, (ser de recreio já dá uma idéia de que o seu uso é excepcional e somente para as horas em que momentaneamente cessa a vida escolar), mas o caráter de um grande quintal, onde viviam o mais possível as crianças, — um grande quintal tão sugerente quanto a nossa compreensão da alma infantil e as nossas possibilidades financeiras nos permitiram organizar.

Enunciemos as cousas apenas, abreviadamente:

— Nas paredes, distribuídas pelas diversas salas, cinco

quadros decorativos, de dois dos melhores pintores do Paraná (Guido Viaro e Oswaldo Lopes: prêmios no Salão Nacional de Belas Artes). Dimensões: 2 m × 2 m. Motivo: Conhecidas histórias para criança.

— Uma sala de estar para as crianças, com u'a mobília de vime completa. A um canto, sobre duas esteiras em delicado tom cinzento de prata, as figuras, em pé, da Branca de Neve e dos Sete Anõezinhos, obra do primeiro decorador do Paraná: A. Garbaccio. A figura da Branca de Neve tem um metro de altura; as outras lhe são proporcionais. Sobre a mesa, baixa, mesa de sala de estar, quadrada, uma coleção de livros de gravuras, de histórias ilustradas. As crianças conhecem as histórias tôdas, contadas pela professora. De outro lado da sala, uma tableiro de areia, no chão, dentro do qual podem brincar duas crianças ao mesmo tempo. Jogos educativos e brinquedos. Nas paredes, ainda, dois quadros em cartolina contêm ilustrações, em recorte, de um conto aritmético muito simples: Era uma vez três patinhos, etc. O maior espaço livre possível, na sala: a disposição dos móveis é feita mesmo em função dessa idéia.

— Uma coleção de esteiras, em côres. Algumas cinzentas, daquele sensível tom cinzento. Por que tantas vezes o cinzento? Essa côr neutra é um excelente fundo para todos os brinquedos de côres, e até para as côres das próprias roupas infantis. Essas esteiras andam, por tôda a parte, de cá para lá, transportadas pelas crianças que, sobre elas, fazem os seus brinquedos e as suas refeições, em baixo das árvores, nas sombras que mudam de lugar, etc., etc. É bonito ver duas crianças carregando uma esteira de côr, enrolada, em passo meio ritmado, e cantando: Eu vou, eu vou, eu vou...

— Uma coleção de mesas (1,20×0,60) e as respectivas cadeirinhas, feitas de modo, as mesas, que a sua tampa leve pode ser retirada com a maior facilidade. O seu transporte torna-se, então, fácil, — tudo pode ser levado para baixo das árvores, dos caramanchões, nas sombras, por tôda parte. As tampas, encostadas ao lado dos pés, podem servir de paredes e transformar a sala grande da escola em uma grande casa, com todos os seus cômodos diversos. No pátio, é possível construir uma cidade com êsse material desmontável.

— No pátio, um tableiro de areia (4 m³ de areia), um

grande quadrado de três metros de lado, para mil atividades diversas.

— Animais: um formigueiro, sobre u'a mesa, em uma caixa de vidro, as paredes coladas com esparadrapo, isolada por quatro pés mergulhados em água; dois aquários nas salas, com peixinhos dourados, e plantas aquáticas; três tartarugas ou anêixos; um galinheiro, galinhas, pintinhos; coelhos em uma grande caixa com tela de arame; uma pata e seus patinhos que se lavam em um tanque raso improvisado; um canário mestre, ora em uma das salas ora nos corredores; ratos brancos; pombas. Não chegamos a ter o cabritinho, que desejamos muitas vezes.

— Jardim, horta. Foi projeto nosso fazer no jardim uma coleção de roseiras de tal valor que ela pudesse ser das mais preciosas da cidade, — Curitiba, tão bem disposta para a cultura de roseiras. Os pés de milho da horta, que cresciam sempre e sempre, e ficavam mais altos que as crianças e mais altos que a professora, duas vezes mais altos, tudo muito rapidamente, constituíam uma atração singular.

— Vasos com plantas ornamentais de interior, uma bela palmeirinha que era sempre posta ao lado de um aquário, sobre u'a mesma mesa quadrada.

— A garage, transformada em Centro de Arte: barro para modelagem; mesa rústica muito comprida, para modelagem; estantes longas onde ficam os trabalhos expostos; um saco de barro seco em pó, que é transformado, com grande alegria, pelas crianças, em massa para modelagem, dentro de um grande caixão; uma coleção de potezinhos simpáticos, rústicos, cheios de tinta de parede em pó; latinhas de cola; coleções de pincéis; tampas e fundos de caixas de papelão sobre os quais as crianças pintam; alguns cavaletes para quando é necessário ir pintar fora; nas paredes, postos em *passé-par-tout*, exposição de pinturas das crianças, exposição que permanentemente se renova. Havia aqui, ainda, u'a mesa de marceneiro, de tamanho próprio para crianças, e uma caixa de ferramentas, que serviam aos alunos do curso primário.

— Em um dos recantos, nem sei si recanto ou quartinho aberto para o pátio, sem porta, mas meio escuro o suficiente para ter uma nota de pitoresco, perto do velho poço fechado, uma coleção de instrumentos de jardinagem, em tamanho infantil, e o material para trabalhar no taboleiro grande de areia.

— Um teatrinho de fantoches, com cenários variados e excelentes, adequados às crianças, — a boca com um metro e trinta de largura, os bonecos bizarros, curiosos, muitos. Melhor fora que os cenários fossem criação dos alunos, como em outra oportunidade pudemos obter.

— Bonecos de bi-ba-bô, de manejo bem mais simples que os anteriores, soltos pelas mesas, pelas prateleiras, ao alcance das crianças, e que as professoras utilizavam para contar histórias, para conversar com as crianças, para distrair os chorões, etc..

— Será necessário referir o material comum nos jardins, as coleções de Decroli, etc.? Mencionaremos, em especial, as coleções de jogos de construção, que mandamos fazer em formato grande, com algumas peças que chegavam a ter 50 cmt. O material do Instituto Rousseau sobretudo.

— Uma grande coleção de brinquedos para crianças, caminhões, bonecas, bolas, ursos, um jardim zoológico quasi, (brincamos, muitas vezes, de jardim zoológico) etc..

— Um negocinho, que se podia em certos casos transportar, com prateleiras coloridas, caixas (caixas vazias de giz) coloridas, para colocar as mercadorias (folhas de árvores, papéis de balas de confeitaria, bolas de vidro, e um grande mundo de mil outras cousas infantis); havia sempre o cuidado de dispôr harmônicamente as caixas segundo a côr, dentro das regras clássicas a respeito. Um negocinho, com balcão e tudo.

— Uma sala, onde as crianças deixavam os seus objetos de uso individual. (Entre êsses objetos, cumpre salientar o seu macacãozinho, de uma côr que ficava livre ao pais escolherem, e que era o uniforme do Instituto: uma roupa para todos os usos, para sujar, que se vestia, no verão, sózinha, e, no inverno, sobre roupas quentes. As crianças eram levadas a vestir-se sós, diminuindo progressivamente o auxílio que se lhes concedia.) O nome da criança estava escrito no lugar que lhe correspondia e as crianças, em geral, sabiam lê-lo e conheciam-lhe as letras, sem maior esforço.

— Uma coleção de vassourinhas e outros objetos para os cuidados de limpeza da casa, que devia ser cuidada pelas crianças (Vocês são as donas da casa, etc.).

— Um piano e nem sei mais que (tambores, gaitinhas, uma coleção de caixas para estudo do ritmo, etc.), para o ensino da música.

— Uma vitrola e uma coleção de discos (Beethoven, Mozart, Debussy, etc.), que ora eram tocados estando as crianças reunidas em volta, ora nos momentos em que elas, brincando ou fazendo outra coisa, durante as refeições por exemplo, não estavam prestando ao que ouviam uma atenção especial. Para este último caso escolhiam-se, de comum, músicas que não pudessem excitar, antes acalmar as crianças. (Après midi d'un faune, etc.).

— Um museuzinho, cheio das maiores curiosidades trazidas pelas crianças: papel de seda, papéis de cores, papel celofane, folhas delgadas de estanho coloridas, de envolver bombons, caroços, pedras, cacos de vidros de cores, etc., etc.

— Uma coleção de tábuas inteiras, de dois e três metros de comprimento, que eram utilizadas em mil usos diferentes.

— Uma rede, em uma das melhores sombras do pátio.

— Uma coleção de meios tijolos, no pátio, de utilidades variadas, em construções, etc..

E tudo isso, utilizado com uma Alegria imensa. Por exemplo:

— Na hora do negócio, uma criança, tomada ao colo, e na barriga da qual se fazem cossegas, é oferecida à venda aos seus colegas: Quem quer comprar um porquinho bem gordinho? Todas as crianças riem gostosamente, algumas chegam a saltar de alegria.

— Nas esteiras, de uma vez, a professora deixou-se amarrear toda pelas crianças, depois de contar a história do gigante Guliver. Eu já disse que as professoras usavam também um como que macacão, semelhante ao dos jardineiros, o que lhes dava uma tão útil liberdade?

— Na hora de modelagem, era uma grande festa preparar o barro num caixão grande, e, lá dentro, amassá-lo, amassá-lo gostosamente, rindo muito.

— Ali vai um grupo de crianças, carregando esteiras, cantando.

— Os fantoches falam pessoalmente às crianças e brincam com elas. Não há prazer maior que palestrar com os bonecos e todos rindo em tórno, participando de uma contagiosa alegria.

TEATRO E MÚSICA: — A respeito do Instituto Pestalozzi, pa-

ra que bem se compreenda o espírito que o presidia, salientaremos dois pontos de sua orientação.

Sempre estivemos preocupados com o preceito de que é necessário respeitar a infância, significando com isso o respeito digamos biológico pela infância.

O caso é que os educadores têm, muitas e muitas vezes, quasi sempre, em matéria de educação, os seus olhos fixos no adulto que a criança vai ser e orientam todo o seu trabalho nessa exclusiva direção. Seguramente há uma certa dose de verdade em seu procedimento, pois é impossível que fechemos os olhos para o futuro. Ocorre, porém, que, por essa maneira de fazer, passam eles a cuidar desse futuro adulto e esquecem-se da criança, esquecem-se da infância. Deslocam o centro da vida da criança para os dias futuros e impõem-lhe um tipo de vida que ela ainda não está à altura de sentir, um tipo de vida que escapa totalmente aos seus interesses presentes.

Ora, acontece que o que sabemos de melhor em matéria de formação do individuo, nos indica que a melhor maneira de chegarmos a viver plenamente, amanhã, a nossa vida adulta, não é anteciparmos para hoje essa vida adulta, mas vivermos hoje a vida infantil que biologicamente nos está imposta, como si ela fôra já a nossa vida plena.

Assim, pois, si outros motivos não houvesse, este apenas seria uma razão poderosamente determinante para que organizássemos a educação da criança dentro do mais estrito respeito pela infância. As razões, porém, são múltiplas.

Sobre a indicada, apontariamos apenas mais outra, a de que a escola, para cuidar exclusivamente do adulto por vir na criança, teve de impôr à criança uma vida imprópria para os seus interesses, o que fez da escola um lugar triste, em vez do lugar animado onde a criança pudesse viver uma infância plena, uma infância rica e feliz.

Tal é o primeiro ponto da orientação que desejamos salienttar, e um dos aspectos de nossa reação contra a preponderância do **instrutivismo** que é a orientação comum do trabalho escolar entre nós.

De outra parte, — é o segundo ponto, — sempre demos uma particular atenção, particularíssima atenção, dentro de nossa concepção filosófica da educação, aos valores irracionais da cultura, ou, si quisermos usar termos inadequados mas cor-

rentes, às matérias de ordem irracional ou predominantemente irracional.

Recordemo-nos, aqui, das palavras de Waldo Frank, colocadas no pórtico deste livro.

Dentro disso, o ensino da modelagem, do desenho, do recorte, da música e tudo o mais, esteve fortemente orientado, sempre, no sentido de despertar as forças criadoras do espírito infantil, no sentido de que cada trabalho que realizassem as crianças pudesse ser apontado como uma pequena obra de arte, considerando-se que o elemento de criação é o que mais propriamente define a natureza artística do trabalho. Procuramos suprimir todo o mecânico, toda a imitação que não trouxesse um acento de criação, tudo que fosse reprodução ou cópia simplesmente. Conduzimos as crianças a criar, a criar sempre. De par com isso, estivemos animados da idéia de que a criança pode e deve estar em contacto com os valores mais altos da cultura humana. Sabemos de ciência própria, pelo trato assíduo com esse processo, que há obras imortais de todas as artes, da pintura, da música, da escultura, da literatura, que são perfeitamente acessíveis a uma criança ainda de jardim da infância, dependendo tudo da maneira como lhe forem as cousas apresentadas.

A modo de exemplo, damos, aqui, o nosso programa de música e de teatro, para o jardim da infância do Instituto Pestalozzi.

a) — O hino do Instituto Pestalozzi, — antes uma canção do que um hino, — era letra de Helena Kolodi, espírito *double* de grande educadora e primeira poetiza do Paraná. E a música, de autoria de Alceu Bochino, o nosso maior compositor atualmente, e uma disposição artística magnífica. Letra e música ao alcance das menores crianças, em um finíssimo ar à Debussy.

b) — “A Alegria é tudo” e as crianças cantavam muito, cantavam a propósito de tudo dentro da escola. Cantavam coletivamente. E cantavam individualmente. Foram para isso educadas. Procuramos encontrar o que nos foi possível encontrar de mais fino na poesia de nossos poetas e em nosso folk-lore. Vocês conhecem o Pescador da Barca Bela de Garret e as canções de Vaga Música de Cecília Meireles? Transformamo-las em

rondas para as nossas crianças. E eu lhes asseguro que elas são ao mesmo tempo tão grandes e tão simples como as estrelas.

Disseram que ele não vinha:
Mas assim mesmo o esperei.
Veio o rei, veio a rainha, —
— não veio o filho do rei!

c) — Lembrei-me de Jean Cristophe, sentado ao piano, na sua infância, escondido do pai, criando um mundo, vivendo com os sons no seu mundo cheio de alegrias e de sustos, como o nosso próprio mundo. E transformei isso em um processo de ensino. E vi o inacreditável! Contávamos histórias para as crianças, ao piano. Os sons eram gente e eram fadas e eram ambiente e eram ação. Os sons descreviam tudo. E as crianças temiam o gigante que falava muito grave, e riam, riam, quando, em uma escala perfeita e tocada com limpeza exemplar, a menina saía correndo de medo do gigante. E depois vinha a tempestade. Deviam ser umas frases de Beethoven. Não a tempestade toda, umas frases apenas. Há, nas notas, crianças alegres, dançando: é Schumann, o Carnaval, que tomou emprestado esse sentido.

d) — O Instituto tem uma vitrola. Em horas especiais, lá em baixo das árvores, sentadas nas esteiras, as crianças ouvem por exemplo a Tocata e Fuga em ré menor de Bach ou o Andante do Concerto número 4 de Mozart.

e) — Ou, então, estão trabalhando em um trabalho qualquer, fazendo modelagem talvez, enquanto em seu espírito se vai insinuando a calma do primeiro movimento da Sonata ao Luar.

f) — De uma feita, fomos ao extremo de dar um concerto de Grieg para as crianças do Jardim da Infância. Usamos cem artifícios, espaçamos uma execução da outra, antecipamos as execuções com o mais fascinante que podíamos dar, fizemos as crianças acompanhar as execuções como si fossem regentes, fizemos comentários animados acompanhando a música e realizamos o concerto de Grieg para crianças do jardim da infância. A música descritiva do Peer Gynt mostrou-se adequada.

díssima para as crianças. A execução esteve a cargo de conhecidas professoras de piano da cidade que atenderam, com gentileza, a um convite nosso para um recital na Escola de Professores e no Instituto Pestalozzi.

g) — Dada uma letra nova, eram as crianças levadas a cantá-la em uma das melodias que elas criassem. O inverso igualmente. Nada de impossível ou sequer difícil. A música, historicamente, é quasi a forma primitiva da linguagem, tão distante é a sua aparição, tão frequentes são as suas manifestações na vida do homem primitivo. Não é, pois, de estranhar a singular capacidade de criação das crianças, neste sentido.

h) — De par com isso, exercícios muito simples sobre o ritmo, dados em forma de histórias e mesmo dramatizados.

i) — Ginástica rítmica dramatizada.

* * *

Um capítulo que desejamos destacar é o relativo ao teatro, ao teatro como elemento educativo, e referir o que temos, nesse sentido, realizado por aí. Quando de um planejamento dos programas de ensino para os cursos primários do Estado do Paraná, propusemos a criação de uma cadeira de teatro. Fomos vencidos. Queríamos o teatro escolar na mesma categoria do desenho, da modelagem, do canto, da literatura, das outras artes, enfim, e pela mesma razão. Houve, então, quem dissesse que isso roubaria, inutilmente, todo o tempo para o ensino da aritmética.

De certo não é aqui o lugar para se fazer a justificação do valor do teatro como fator educativo. São mil as razões a invocar. Já vão sendo tão vulgarizadas que terminarão vitoriosas amanhã. Esperamos que o próximo programa das escolas primárias de nosso Estado já possa contar com um lugar para o teatro, com um título a parte, como a aritmética, e não apenas como uma atividade acessória.

Diremos alguma coisa de como temos orientado os nossos trabalhos nesse sentido, no Instituto Pestalozzi.

a) — Com as tampas das nossas mesas, cercamos um palco,

na própria sala de aula ou em baixo das árvores. Na Escola de Professores, numa outra tentativa, levamos os nossos alunos à confecção de um palco mais perfeito. Três armações quadradas, de sarrafos, com dois metros de lado. Hastes de apoio, para suportá-los, em qualquer parte, de pé. Nessas armações esticamos panos de estopa (tecido de juta), que foram alinhavados com lã muito grossa, os alinhavos horizontais azuis e os verticais vermelhos, — as duas côres do mesmo valor. Duas armações formavam os bastidores laterais e a terceira, o fundo do palco. Os bastidores são naturalmente dispostos em ângulo obtuso em relação ao fundo, aumentando a área do palco, e colocados de modo a deixar passagem para os atores, que ficam colocados atrás do palco quando fora de cena. Na Escola de Professores, esse palco assim se destina às representações que os seus alunos façam fora da Escola, para demonstração pedagógica em grupos escolares, para realização de festas populares, para o teatro popular em qualquer ponto da cidade onde possa ser difícil conseguir um teatro ou palco razoáveis. Demais, foi criado para mostrar às professorandas uma iniciativa possível para qualquer escola, de preço muito cômodo, esteticamente boa, e muito prática, desde que é um palco desmontável e de montagem muito rápida, tão rápida que se pode fazê-la em dois ou três minutos apenas.

b) — Em nosso palco, em qualquer dos dois casos, — o das tampas de mesa ou o de pano de aniação, — montado sem nenhuma perda de tempo, realizamos as nossas múltiplas atividades de teatro. Em frente estão tôdas as crianças assistindo, sentadas em esteiras ou nas suas cadeirinhas, que vão da sala para o páteo e para tôda a parte. Colocamos uma criança no centro do palco e vamos contando uma história muito simples e apropriada para a dramatização: Era uma vez um menino que havia saído passear na floresta. O Serginho vai ser o menino. Ele está passeando na floresta e vendo tôdas as cousas que encontra em seu caminho. Olha isso, olha aquilo. Agora parou para pegar uma pedra muito bonita que encontrou. Agora está vendo e escutando um passarinho. O Serginho nota que se perdeu. Sente medo. Etc. E a criança vai representando as diversas situações emocionais descritas. Comumente, as outras crianças, em seus lugares, vão, elas também, reproduzindo, por sua conta própria, as interpretações da história.

Essa atividade vai se estendendo. Logo virão interpretações em que a criança tem que pronunciar palavras e depois frases. Virão, após, cenas em que devem participar duas crianças, depois três, e mais em seguida. A própria ação dramática vai, naturalmente, se complicando.

c) — Mostramos à criança uma gravura, reprodução de uma obra célebre de pintura. Fazemos a criança compreender a cena representada. E depois, pedimos que ela faça o que se tem chamado um quadro vivo, — que reproduza a gravura apresentada. As interpretações chegam a ser de uma impressionante profundidade. O seu valor artístico é incontestável.

d) — Organizamos pequenas cenas para dramatizações que são brinquedos para as crianças. É certo que os atuais brinquedos de comadre das crianças são verdadeiras dramatizações livres. Até mesmo, em verdade, a imensa maioria dos brinquedos infantis não é mais do que dramatização. Aproveitamos isso e tiramos daí um processo para o ensino.

Organizamos brinquedos para serem brincados no palco, isto é, brinquedos que são dramatizações, brinquedos para serem representados diante de uma assistência. Dêsse modo, as crianças realizam uma interpretação muito livre e pessoal, de uma espontaneidade e de uma alegria que seria impossível conseguir si se tratasse das cenas comuns escritas para o teatro infantil. Frequentemente, de permeio, na estrutura da cena, entra o cântico, um hábito que nos veio da familiaridade com o teatro grego, e uma resultante da nossa concepção estética de alguma forma filiada àquela norma: "Retomar da música todo o seu bem".

e) — Teatrinho de fantoches. Isto só vale mais do que um programa completo de aritmética.

Esses processos, aplicados por nós para o jardim de infância têm cabida plena no curso primário, dando-se, naturalmente, extensão maior e gradual às dificuldades. Suprimimos o que se tem chamado teatro escolar, por julgá-lo sem valor artístico, mecânico e, por conseguinte, sem valor educativo. Alegria, espontaneidade, criação, vida, plenitude, são elementos básicos de nosso teatro escolar.

No curso primário, são-nos particularmente simpáticas as

idéias de Montessori a respeito da leitura interpretada, leitura de frases de conteúdo emocional rico que, lidas silenciosamente pelas crianças, são por elas interpretadas dramaticamente, procurando fazê-lo de modo a atingir o sentido mais profundo do que foi lido. As frases são tiradas dos melhores escritores da língua, nunca dão lugar a uma ação puramente mecânica, exigem sempre uma sensibilidade de sentido, e são organizadas em séries graduais, de modo que as dificuldades vão crescendo, desde a execução de uma ação simples até a interpretação de sainetes e pequenas cenas em que entram diversas crianças que falam entre si, dialogam e cantam.

De outra parte, sempre pensamos em dar mais cuidado à leitura verdadeiramente artística. Para isso, imaginamos uma seriação metódica das dificuldades. Imaginemos a primeira lição. Estamos lendo a notícia do descobrimento da América. Há um momento em que parte, de dentro das náus de Colombo, o grito de: Terra, terra! Pois bem: a modo de introdução, conte o professor aos alunos as esperanças, o desespero, a angústia, a revolta da expedição. No momento mais agudo da decepção, a visão da terra! Que exclamação havia de sair dos lábios, do peito daqueles homens? E como teria sido dita? Proponha o professor aos seus alunos o problema da leitura daquela exclamação. Faça-os lerem-na, em seus livros. É um ponto de partida para novas e graduadas dificuldades.

Penso que devemos temer o chamado teatro escolar, esse teatro de cousas tolas que querem passar por infantis. Não podemos pensar em dar às crianças uma educação de valor, si os valores com que as familiarizamos nós mesmos os temos como rejeitáveis. Feitas pequenas adaptações, a mim me parece que a Tempestade de Shakespeare é o modelo do teatro que deve ser dado às crianças maiores. É possível passar para o teatro das crianças obras de tanto valor como Smowgli, — o menino lobo, de Kipling. É esse teatro que eu estimo como educativo, o único que pode ter cabimento dentro da escola. Cabe esse teatro para crianças: ou de crianças para crianças ou adultos, ou de adultos para crianças.

No curso de extensão cultural do Instituto Pestalozzi, inauguramos um curso sobre o teatro grego, — particularmente o teatro trágico, — e o teatro clássico francês.

O ESTUDO DO ESCOLAR: — Tôda a organização material da

Ficha biométrica
(Curso primário)

Datas							
Exames		1	2	3	4	5	
Medidas morfológicas	Altura						
	Pêso						
	Busto						
	Pernas						
	Envergadura						
	Perímetros	Torácico	Repouso				
			Inspiração				
			Expiração				
	Abdominal						
		Escapular					
Pélvico							
Medidas fisiológicas	Fôrça manual	Direita					
		Esquerda					
	Fôrça peitoral						
	Fôrça dorsal						
	Fôrça lombar						
	Capacidade vital						
	Apnéa voluntária						
	Pulso	Em repouso					
		Após vinte flexões					
		Volta ao normal					
Pressão arterial	Máxima						
	Mínima						

Índices

Constituição

Forte
Média
Fraca

Observação biotipológica

	ESTATURA		NOTAS
	Em pé	Sentado	
Janeiro			
Fevereiro			
Março			
Abril			
Maió			
Junho			
Julho			
Agosto			
Setembro			
Outubro			
Novembro			
Dezembro			

Exame e medida da inteligência

Prova de Binet

3 anos

Olhos, nariz e boca
Dois números dígitos
Enumeração
Dizer o nome
Frase de 6 sílabas

4 anos

Dizer o sexo
Três objetos
Três dígitos
Comparar duas linhas
Comparar dois pesos

5 anos

Copiar um quadrado
Repetir uma frase
de 12 sílabas
Contar 4 moedas
Recortar um retângulo

6 anos

Manhã e tarde
Definir pelo uso
Copiar um retângulo
Contar 13 moedas
Comparação estética

7 anos

Direita e esquerda
Descrição
Três ordens
Contar Cr\$ 1,20
Quatro cores

8 anos

Comparar 2 objetos
Contar de 20 a 0
Notar omissões em figuras
Dia da semana e do mês
Repetir 5 dígitos

9 anos

Trôco de Cr\$ 2,00
Definir melhor que pelo uso
Conhecer as moedas
Os meses, em ordem
Perguntas práticas

10 anos

Comparar 5 pesos
2 desenhos de memória
Criticar absurdos
Perguntas práticas
3 palavras em 2 frases

12 anos

Resistir a uma sugestão
3 palavras numa frase
60 palavras em 3 minutos
Definir palavras abstratas

15 anos

Ordenar frases
3 rimas
Repetir 7 dígitos
Repetir frase de 26 sílabas
Interpretar
Problemas de fatos

Vida escolar

Jardim da infância

Educação do sentido visual

Jogos individuais

Formas e cores
Formas
Cores
Grandezas
Orientação
Observação de fenômenos diversos

Jogos coletivos

Imitação de movimentos
Observação de fenômenos naturais
Passeios de observação
Memória visual
Leitura e desenhos

Educação do sentido auditivo. —

Educação do sentido muscular e tátil
Educação do sentido olfativo e gestativo
Ginástica

Trabalhos manuais

Desenho

Aquisição de experiência

Linguagem. — Fonética

Vocabulário

Sintaxe

Leitura

Vida prática

.....

Construções abstratas: Noção de tempo

Noção de número

Sincretismo

Causalidade

Inteligência prática

NOTA: — Para preencher este jornal, esteja o professor, sempre, em face de seus alunos, atento à sua conduta de todos os momentos. Desde que u'a manifestação de conduta, qualquer que seja, em qualquer campo da vida do aluno, (física, intelectual, emocional, social, instintiva, etc.) pareça ao professor que foge da normalidade, destaca-se da maneira de comportamento das outras crianças em circunstâncias idênticas, deve ela ser anotada nesta ficha, com dados mais ou menos minuciosos, pelo menos suficientes para se permitir, mais tarde, poder recompôr totalmente a situação. Anotado o fato singular e destacável, procure, depois, o professor verificar, através de fatos paralelos, si aquela forma de conduta não foi um acidente apenas ou si é a tradução de uma característica, de uma linha constante da personalidade do escolar. Anote, neste jornal, tais fatos comprovantes. Só então está o professor capacitado para estabelecer uma conclusão definitiva. Só o faça depois dessa comprovação indicada. Chegado a este ponto, procure fazer um julgamento certo sobre o valor de tal constante da personalidade do educando; procure, então, decidir com justeza si tal traço deve ser conservado, estimulado ou orientado, ou extinto, etc. Depois, procure fazer a determinação da causa de tal maneira de ser do aluno. Nesse instante, toda esta ficha, em sua parte anterior, deve ser percorrida, si for o caso. É preciso determinar de onde vêm os fatos sobre os quais deveremos atuar. E, uma vez determinada a causa, de vez que já temos também uma idéia justa do valor do traço que estamos estudando, e já sabemos que rumo devemos tomar, compete ao professor traçar um plano de tal ordem que lhe permita agir de modo profundo, atingindo os fatores determinantes, aquelas causas. Anotar-se-ão, de futuro, os efeitos obtidos com o plano adotado. É evidente que se chega ao caso da indagação de novos caminhos, quando os planos traçados vêm a se mostrar ineficazes. Si cada uma das partes anteriores da ficha foi preenchida por um especialista, convém que os casos que fogem à normalidade sejam discutidos, no início e no curso do trabalho educativo, por toda a equipe que participou dos exames referidos, além do professor, naturalmente.

II

CURSO PRIMÁRIO. — (APONTAMENTOS PARA DIREÇÃO GERAL).

— Ideal ateniense de vida.

— Inscrever, em diversos lugares, na sala, no pátio, nos armários, etc., frases e legendas como "Guarda-me das pequenas vitórias. Dá-me uma só e grande".

— Como os gregos, que se educavam só com viver em Atenas, os nossos alunos devem educar-se com só viver em nosso meio. Eles assistirão ao teatro, um teatro de beleza e de ideais. Conhecerão uma arte, como a arte saída, na Grécia, dos santuários, — para educar; terão, diante de seus olhos, nas paredes, as melhores obras de arte que lhes pudermos proporcionar; folharão albuns magistrais de arte; ouvirão contos extraordinários, contados em narrações perfeitas; conhecerão a poesia; conhecerão a dança nos moldes da Duncan; praticarão a mágica educação física nos moldes gregos, mais perfeita que toda a perfeição técnica de exercícios feitos mecânicamente; ouvirão leituras que possam ser comparáveis às estrélas, isto é, imensas para o sábio e para o aldeão; aprenderão em contacto com os maiores; conhecerão a vibração da glória; verão estátuas, que contenham em si inquietações de arte e inquietações de glória; irão ver edificações de uma arquitetura que se levante para exprimir uma emoção; trabalharão para criar; aprenderão a odiar a vulgaridade; desenharão para criar; escreverão para criar; terão a consciência grave do dever, o sentido agudo da comunidade; amarão todos os grandes e perfeitos ideais da humanidade; conhecerão a música e a sua estranha vibração de estesia; viverão plenamente.

— Virão adultos conversar com eles sobre geografia, no que ela tem de dinâmico e vivo; sobre a história, exaltando os vultos imensos e os gestos gigantescos, com a maneira dos narradores perfeitos; farão experiências e conhecerão os mistérios da física e da química; aprenderão a usar as hipóteses e a verificá-las com o uso sistemático e correto do método experimental.

— As visitas, as mil visitas: visitas aos ateliers de pintura, de escultura, aos concertos, às exposições, às conferências, aos teatros, a um homem que dedicou a sua vida à cultura de rosas, a um velho marinheiro que conhece histórias de todos os mares, a um antiquário para quem os vasos têm alma, a um po-

lonês que trouxe de sua terra uma coleção de tapeçaria que tem a alma de sua terra, etc., etc..

— A sala de aula deve ter uma vida verdadeira e intensa. Dela se deve poder dizer que “parece quási animada de um trabalho recente, da meditação que ali se processou, dos pensamentos de todos que ali estiveram, como suporte imóvel de um pensamento central, de uma energia reguladora que por tudo se irradiasse e se propagasse”.

— A idéia da beleza e da glória em tudo.

— A escola contra tudo aquilo que é um crime para o homem, contra o crime nas suas formas mais múltiplas, contra a guerra, contra a miséria, etc..

— É preciso amar cada criança, pelo que ela necessita, pelo que ela tem de imperfeito, pelo que ela pode representar como aspiração de grandeza e de glória, pelas forças criadoras que nela se encerram.

— Dia por dia, em todos os cursos, é preciso que a escola seja uma criadora de ideais. Esta é a sua tarefa fundamental.

— Levar todos os espíritos belos de Curitiba a dar a sua contribuição para a nossa escola perfeita. Pintores, musicistas, atores, escultores, literatos, professores, etc., etc..

— O jardim do Instituto Pestalozzi deve ser, na Primavera, o mais belo jardim de Curitiba, pela sua riqueza de rosas. Curitiba é imensamente própria para as coleções de rosas.

— As festas! As festas!

— O sentido da ordem e do cavalheirismo.

III

CURSO DE EXTENSÃO CULTURAL: — Muitas e muitas vezes temos pensado em que, no Brasil, pela defeituosíssima orientação dada ao ensino de formação geral post-primário, temos desperdiçado parcelas ponderáveis, elementos decisivos do potencial de valor de nossa juventude. Em verdade, entre nós, bem poderíamos dizer que a verdadeira cultura, aquela de bases sólidas, aquela que procura fazer-se sôbre os grandes valores humanos, cultura de profundidade, de concentração, basilar, só começa o brasileiro a fazê-la muito tarde, por sua própria conta, depois de ter desperdiçado um tempo imenso em mil caminhos que antes são atalhos e caminhos derivados que rotas principais. O brasileiro, na formação de sua cultura, em quási nada tem podido contar com a contribuição das escolas. O auto-

-didatismo, no que se refere a encontrar as bases, tem sido o seu caminho quási que exclusivo. Começamos, por isso, sempre, muito tarde. Falta-nos verdadeira orientação nas horas iniciais. Somos mal dirigidos para principiar. Temos, depois, de corrigir e recomeçar, Pensando nisso, havíamos organizado, no Instituto Pestalozzi o que chamamos de Curso de Extensão Cultural. O programa, que damos a seguir, é como que um guia, que aconselhamos, para a formação da cultura geral da juventude. Cremos útil preceder tais programas de uma das cartas de propaganda que, então, distribuimos.

“O Instituto Pestalozzi organizou para espíritos como o de Você, o seu curso de extensão cultural.

É uma oportunidade para que você, tôdas as tardes, vá alargar o seu espírito, ampliar a sua vida, tornando-a mais rica e mais bela. O programa do curso de extensão foi feito com o pensamento não de dar aos que o frequentem uma série de lições escolares, mas de proporcionar-lhes, em momentos agradáveis, um contacto com os valores mais nobres da cultura e da vida.

Assim, para dar um exemplo, como parte do programa, fizemos um curso minucioso sôbre a música de Bach. E tudo feito de um modo ameno, num ar de palestra, com ilustrações, mediante a audição de discos, de trechos, de frases, de motivos tocados ao piano e comentados, etc..

O nosso plano é estudar de vagar e de modo ameno, não muitos temas, — poucos, — porém aprofundadamente.

E como fizemos com Bach, tratamos, também, do Teatro grego, da História, da Literatura, etc..

Juntamos o programa dos diversos cursos para que Você veja bem o nosso plano.

À tarde, pela hora de aula, o ambiente do Instituto, no curso de extensão, é lugar de agradável convívio, de palestra inteligente, de Espírito”.

PROGRAMAS :

1.º CICLO: — 14 A 17 ANOS.

Secção de artes plásticas: —

Estilos e escolas. Artes decorativas. Desenho e modelagem.

Secção de artes musicais: —

Música: — Audição, criação, crítica e interpretação. Teoria da composição musical.

Língua portuguesa.

Literatura: — Primeiras idéias de teoria da literatura. Conhecimento direto de algumas obras primas da literatura mundial.

Teatro: — Iniciação na arte dramática.

História.

Dansa.

Secção de ciências: —

Familiaridade com a observação e o método experimental. As hipóteses e a sua verificação.

Secção de estudos brasileiros: —

Discussão dos problemas locais da cidade e do Estado.

2.º CICLO: — MAIS DE 17 ANOS.

Secção de artes plásticas: —

Leis fundamentais da pintura, da escultura, da arquitetura. Estudos históricos. Crítica.

Secção de artes musicais: —

Música: — Audição. Interpretação. Criação. Bach. Mozart. Beethoven. Chopin. Wagner. Debussy. Grieg. Stravinski.

Literatura: — Gêneros literários. Escolas. Homero. Horácio. Dante. Montaigne. Cervantes. Shakespeare. Goethe. Camões.

Drama: — Teatro grego. Teatro clássico francês.

Filosofia: — Filosofia moderna e contemporânea.

História: — As formas da Cultura, em exemplos históricos.

Eloquência: — Cícero e Vieira.

Dansa.

Secção de ciências: —

Estudo comentado de La Philosophie moderne, de Abel Rey.

Secção de estudos brasileiros: —

Conversação sobre os problemas brasileiros.

3.º CICLO: — INTRODUÇÃO PARA CULTURA SUPERIOR.

A arte de viver, segundo a experiência dos grandes espíritos da humanidade.

Idéias gerais sobre a organização de uma cultura superior. Cultura geral. Especialização.

Organização do trabalho intelectual.

A técnica do método experimental.

A Cultura filológica.

Línguas francesa e alemã.

IV

PLANO GERAL.

Pareceu-nos de proveito dar aqui o plano geral do Instituto Pestalozzi, porque se trata de um esquema útil de organização educacional.

Tinha o Instituto Pestalozzi a tríplice função de: organizar um sistema educacional; constituir-se um centro de cultura e investigação pedagógicas; e vulgarizar conhecimentos científicos sobre educação.

Essas mesmas, e de modo pleno, deveriam ser as funções dos órgãos coordenadores oficiais da educação pública.

Em verdade, esse esquema tríplice, com essa feita, é de aplicação bem mais ampla. Todas as unidades superiores de cultura, todas aquelas que funcionam em grau universitário ou próximamente equivalente, devem ter a sua função educacional específica, e mais, a função de investigação e cultura dentro do campo próprio de sua atividade, e a sua função de vulgarização do conhecimento que pertence à sua esfera. Mesmo as escolas primárias e as de grau pré-primário podem estar incumbidas dessa tríplice função, pelo menos em caráter auxiliar. Assim, as escolas de nível universitário, como as Escolas de Professores, por exemplo, tem a responsabilidade da investigação científica, sem o que, ficam aquém da sua dignidade. As escolas primárias, ainda que nem sempre venham elas a ter a iniciativa do estudo dos problemas educacionais, cabe, pelo menos, uma função de cooperação nas investigações que se lhe pedirem. De resto, cada dia mais, hoje, compreendemos que, na escola primária, quasi não é possível separar o labor educativo da investigação científica, pois a sua tarefa diária de educar, o professor só pode cumpri-la plenamente si tem espírito de cientista e está, a todo o momento, criando ciência pedagógica.

O Sistema educacional do Instituto Pestalozzi é, em seus fundamentos, o esquema de um sistema educacional universal,

respeitadas, no caso do Instituto, apenas as limitações naturais decorrentes das limitações de suas possibilidades de realização. Isso não tira ao esquema o seu sentido de universalidade, de vez que as restrições estão apenas no número de células, enquanto que a estrutura geral do organismo permanece inalterada.

Tal sistema desdobra-se em:

A — Unidades para educação comum:

I — Sistema escolar:

1 — Educação geral:

- a) — Pré-primário
- b) — Curso primário
- c) — Cursos de extensão cultural, em três ciclos.

2 — Educação especializada:

- a) — Ensino profissional
- b) — Ensino de Belas Artes.

II — Instituições paralelas:

- 1 — Gabinete de orientação e seleção profissional
- 2 — Centro da Juventude
- 3 — Centro de Cultura filosófica
- 4 — Agremiações adultas de cultura geral e aproximação.

B — Unidades para educação supletiva:

I — Clube de menores-Menores abandonados

II — Escola para adultos

C — Unidades para educação emendativa:

I — Sistema escolar:

1 — Classes para anormais sensoriais:

- a) — Surdos mudos
- b) — Cegos

2 — Classes para anormais de inteligência

3 — Classes para anormais de caráter:

- a) — Crianças instáveis, indisciplinadas, etc.
- b) — Escola de correção de menores delinquentes

II — Unidades paralelas:

Gabinete médico-pedagógico

A par de seu sistema educacional, o Instituto Pestalozzi tem, em seu plano, um Centro de Investigações pedagógicas e um Bureau de Informações pedagógicas.

ESCOLA PRIMÁRIA

PRELIMINAR. — IDÉIAS GERAIS PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO.

— Uma portaria da Diretoria Geral de Educação do Estado do Paraná, de 12 de outubro de 1944, nomeou-nos, em uma Comissão de quatro membros, para a incumbência da reorganização dos programas de ensino primário do Estado. Circunstâncias diversas impediram que as indicações traçadas viessem a ser postas em execução oficial.

Aqui, vão registradas, ao modo de súmula metodológica, as minhas indicações, a minha contribuição àquêle programa como eu a levei diante da Comissão.

Devo dizer que uma boa parte dessa contribuição é apenas uma compilação, na qual, por vezes, não alterei nem mesmo as palavras do autor, por considerá-las de excelente precisão. O meu trabalho, resultado de uma cátedra de vários anos, foi sobretudo selecionar o exequível, ordenar em um plano ou programa, — tudo dentro de um espírito, de uma orientação que é o espírito e o orientação da nossa concepção pedagógica.

Assim, devo advertir que não é tão sem malícia como possa parecer o presente programa.

Como desejei fazer aqui uma súmula metodológica, de permissão com os meus estudos para o programa, intercalei páginas antigas e esparsas que esclarecem e completam o assunto, de modo que, de tudo, pudesse resultar uma pequena metodologia do curso primário, útil para os meus alunos sobretudo, a quem eu dedico esta parte deste trabalho.

Iniciando as discussões sobre os programas escolares referidos e, depois, no decurso das discussões, tivemos oportunidades de afirmar o seguinte:

Depois de ter aprovado, como ponto de partida, as declarações que a comissão da National Society for the Study of Education, — comissão essa composta de William C. Bagley, Frederick G. Bonser, William H. Kilpatric e Harold Rugg, da Universidade de Columbia, Nova York; Franklin Bobbit, Wernet W. Chartens, George S. Counts e Charles H. Judd, da Uni-

versidade de Chicago; Stuart A. Courtis da Universidade de Michigan; Ernest Horn, da Universidade de Iowa; Frederick J. Kelly, da Universidade de Minnesota; e George A. Works, da Universidade de Cornell, — fez a respeito dos princípios fundamentais para a organização dos programas escolares, declaração resultante de dois anos de estudos e debates, sugerimos:

É necessário que nós nos coloquemos em um novo ponto de vista em relação à função da escola primária e aos trabalhos do mestre. De início, é necessário compreender que um programa escolar não pode ser um mero registro de matérias a ensinar. É um plano de trabalho, e a função do mestre não pode estar limitada à função elementar da ministração de conhecimentos. Comumente se tem dito que a função da escola primária é a ministração de uma educação geral e comum às crianças normais que frequentam a escola em tempo normal. Entende-se que é geral, porque não cabem, por nada, dentro da escola primária, as especializações, e nenhuma tendência para a formação profissional por conseguinte. Seu fim é dar às crianças, apenas, um mínimo de experiências necessárias a todos os indivíduos, indistintamente. Por isso se diz que a instrução primária é geral e comum. Não cabem nem diferenciações para a formação profissional, nem diferenciações para ambientes diferentes (escola rural e urbana), nem outra dessa natureza. O espírito do ensino primário é esse de ser rigorosamente geral e comum. Isso é o que se tem afirmado repetidamente em nossos dias. E os programas todos são feitos em obediência a esse critério, que, para nós, aparece como um critério justo, porém limitado e incompleto. Lembramos, ao lado dessa função indicada para as escolas primárias, mais dois outros aspectos que deve ter a sua atividade, e devem, pois, figurar nos programas, isto é, nos seus planos de ação, e que esclarecem e completam aquêle conceito insuficiente.

O primeiro deles pode traduzir-se nessas palavras que, certa vez dirigimos aos nossos alunos:

— Vamos invocar a figura de Pestalozzi!

Abri, pois, largamente, o vosso coração, como a terra fértil que vai receber a semente.

Eis que êle principia e diz: "Conheci o povo como ninguém mais em torno de mim o conhecia. E não me seduziam os seus júbilos pelos seus lucros no comércio, nem sua riqueza crescente, nem suas casas esbranquiçadas, nem as suas esplêndidas co-

lheitas, nem o socratizar de alguns de seus mestres, nem os seus círculos literários. Eu via a sua miséria".

E êle disse depois: "Há trinta anos eu não lia livro algum e, por certo, não poderia ler mais nenhum outro". Por mais absurdo que isso pareça, Pestalozzi o disse. Não haveis de tomá-lo ao pé da letra, mas compreender o espírito de suas palavras. Fareis esta justiça a Pestalozzi. Ele dissera que conhecia o povo como ninguém mais o conhecia. "Sofri o que o povo sofria e o povo se me mostrou como a ninguém mais se mostrou". Eis, então, aí: deveis entender com o espírito as palavras de Pestalozzi. Ele vos quer advertir sobre o verdadeiro sentido da cultura. E as suas palavras são agora oportunas. Ele quer advertir contra essa cultura só de livros e sem ligação nenhuma com a vida humana. E notareis que, falando da vida humana, não trata da vida humana no que ela tem de universal e abstrato, mas da vida que nos cerca, da vida dos homens que vivem em torno de nós, que sofrem diante dos nossos olhos, com as suas vidas que vamos educar e orientar. É contra essa cultura que é um diletantismo, que é um luxo sem sentido, que Pestalozzi nos fala, chamando-nos para a verdadeira cultura, de sentido humano, em ligação com o sofrimento humano.

E Pestalozzi continua: "Meu coração aspirava a um só e único fim: secar as fontes da miséria em que eu via sumido o povo, em torno de mim". "Que problema educar aquelas crianças! Eu me atrevi a resolvê-lo". "Eu conhecia, talvez como ninguém, as fontes de seu embrutecimento e degradação. E eu não queria nada, absolutamente nada, sinão secar estas fontes e curar êstes males".

"Não sabia com precisão o que eu fazia, mas sabia com precisão o que eu queria: a morte ou a aquisição de meu objeto". "Eu teria ido até as covas mais apartadas da montanha para me aproximar de meu fim."

E para advertir os cétricos, os que desanimam, os que desesperam, os que não creem, os que recusam lutar, Pestalozzi ensinou com a simplicidade e a força bíblica de seu gênio: "Meu peito ardia em cólera contra o homem que ainda exclamava: O melhoramento do povo é um sonho apenas". "Não, não é nenhum sonho êsse melhoramento; quero pôr a sua arte na mão das mães, nas mãos das crianças, e nas mãos da inocência, e hei-de calar os maus e não mais exclamarão: É

um sonho apenas". "Ao intentar o impossível vi que era possível o que não se podia suspeitar".

Eis aí a primeira ordem de considerações basilares que deveriam figurar no programa. São as considerações, é o planejamento do trabalho que permita fazer da escola uma escola capaz de realizar a plenitude daquelas aspirações humanas de Pestalozzi.

A segunda ordem de considerações que desejaríamos orientasse ou estivesse presente na fatura dos programas, é como uma continuação da primeira, considerando-se agora os problemas não de um ponto de vista diretamente individual, porém mais diretamente social.

Expliquemo-nos, e para isso tomemos um exemplo.

Esse município onde está localizada a escola é de colonização italiana sobretudo. A sua vida econômica repousa em duas culturas agrícolas: o milho e a uva. Analisemos estas cousas. A sua cultura do milho nada tem de econômica: a qualidade produzida é de um nível abaixo de todas as classificações, as áreas ocupadas são demasiado extensas, com pouco rendimento, e os preços consequentes são baixos como rendimento geral. E o caso da uva: colonos italianos, transplantaram de sua terra de origem a cultura que lá realizavam, sem consideração sobre as possibilidades da nova terra; procederam ao modo de um sírio que aí mesmo tentou produzir oliveiras, fracassando, como é evidente. A uva se converte em vinho. O vinho da região, porém, é mau. De resto, a uva empregada para tal fim é inadequada. Essa indústria, que pode dar lucros milionários, nas suas mãos dá lucros paupérrimos ou pouco mais. Será pela impropriedade da terra para a cultura da uva ou pela técnica inferior da fabricação do vinho? Não importa. O certo é que tudo isso representa problemas. Em igualdade de condições, com uma área muito menor, um agrônomo experimentado, na mesma região, enriqueceu rapidamente. É incontestável que uma orientação sábia pode melhorar a vida da região, com relativa simplicidade. Demos esse exemplo, com um problema de ordem econômica. Poderíamos citar problemas sanitários, e nem sei mais que mil outros problemas. E, a propósito de todos eles, vem-me a idéia de lembrar a bela síntese de Vicente Licínio Cardoso, esse que é dos grandes espíritos que o Brasil possuiu. Depois de estudar no mais

vivo o problema municipal do Brasil, êle disse, vigorosamente, que tudo era apenas um problema de organização do trabalho. Isso é simples e de uma clareza transparente.

Pois, nós pensamos que a escola primária deve ter a seu cargo qualquer cousa nesse sentido. Concebemos que a escola primária deve ser um centro de vida social da localidade e o professor um líder. A sua função não pode estar adstrita ao trabalho com as crianças, ao trabalho de alfabetização, ao ensino das matérias. Precisa refletir sobre os problemas locais de organização do trabalho.

Precisa refletir sobre os problemas locais. Viver em função deles também. Agir através das crianças e ainda mais diretamente. Pensamos muito nas Associações funcionais de adultos: Associação para melhoria material da escola, Associação para as boas estradas, Associação para os problemas sanitários, e nem sei mais que. Mas não podem as cousas parar aí. A escola precisa educar o seu meio. O professor há-de ser um líder. A escola há-de ser um centro onde todos confluem, onde todos colaboram, onde todos se educam.

Para isso, é necessário que o professor esteja preparado para discenir os problemas locais, saiba as fontes onde encontrar as suas soluções, seja capaz da iniciativa de que resulte a organização do trabalho que preconizava Vicente Licínio Cardoso, seja efetivamente um líder. E os programas escolares precisam ser preparados em função dessa concepção do papel da escola.

Um programa escolar é um projeto para uma situação dada. As indicações feitas a seguir, sobre as diferentes matérias, são, na sua maioria, compilações feitas dentro de um critério bem determinado, um espírito enfim, o espírito que domina todo êste livro, — e adequadas a uma situação dada, às nossas condições educacionais presentes, ao estado atual de nossas escolas, de nossos professores, etc.

Um programa escolar é, pois, um processo de valôr sempre necessariamente transitório, um processo de planejamento de meios para atingir objetivos que a filosofia da educação determina, — tudo pôsto em função das condições do ambiente num momento dado. Não se lhe deve pedir mais do que isso. Ele deve, porém, satisfazer a isso.

— 49 —

AS TÉCNICAS DE EXPRESSÃO OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA LINGUAGEM.—

1 — Auxiliar a criança em sua evolução no domínio da linguagem, auxiliando-a a passar das formas infantís para as formas maduras de expressão, o que supõe:

- a) — a superação das deficiências de articulação;
- b) — a superação das flexões feitas imprópriamente por analogia, como é o caso de a criança conjugar regularmente verbos irregulares;
- c) — a aquisição de formas sintáticas que estão diretamente ligadas à conquista de formas mais maduras de pensamento, como, por exemplo, o uso da relação causal, o uso das orações subordinadas em geral, etc.

2 — Auxiliar a criança a passar das formas egocêntricas da linguagem para formas que se adaptem perfeitamente ao seu uso social, isto é, levar a criança à aquisição de uma linguagem de um nível razoável de compreensibilidade.

3 — Levar a criança a um efetivo uso social da linguagem, cuidando a escola, atentamente, do equilíbrio psicológico infantil, atendendo-se, para isso, aqui, ao desenvolvimento normal de sua sociabilidade.

4 — Proporcionar à criança oportunidades sistemáticas para vir a possuir uma linguagem correta e rica. A correção da linguagem supõe a correção fonética, prosódica, e sintática. A riqueza supõe, no caso presente, um vocabulário amplo, conquistado mediante a aquisição de uma experiência ampla, e uma boa desenvoltura da frase.

5 — Dar à criança o desejo de possuir uma linguagem rica e correta.

6 — Dar à criança sensibilidade para as formas esteticamente melhores da língua.

1.º e 2.º ano

Prática:

1 — Conversações espontâneas entre o mestre e os alunos. Exemplos de oportunidades de conversação:

- a) — Na hora de entrada, no pátio, na medida em que as crianças chegam, o professor conversa com elas, — procurando mesmo criar uma roda em torno dele, — sobre como passaram, o que fizeram e o que viram depois da saída das aulas no dia anterior, etc. Será uma conversação do tipo de uma con-

versação de amigos que se encontram e trocam impressões vivas.

b) — Durante o próprio trabalho escolar, em aulas, como por exemplo de trabalhos manuais, desenho, etc., terá o mestre oportunidade de conversar com uma ou outra criança, ou com tôdas.

c) — Estando tôdas as crianças ocupadas em atividades silenciosas quaisquer, aproxima-se o mestre de uma delas e palestra intimamente. Ou chama-a, pega-a mesmo ao colo e palestra com ela.

d) — Premeditamente, o professor utiliza as crianças em recados, para os quais provocará situações multiplicadas.

e) — O professor conversa individualmente ou com pequenos grupos de crianças, no recreio e na saída das aulas.

f) — Insiste o mestre com os pais no sentido de que estes conversem assiduamente e a sério com os seus filhos, comentando sobre os mais variados assuntos.

2 — Hora de conversação. Exemplos de assuntos:

a) — Sucessos quotidianos

b) — Brinquedos das crianças

c) — A vida dos animais: o cachorro da criança, o canário

d) — Festas escolares, familiares, da cidade, tradicionais

e) — As profissões

f) — A cidade.

3 — Hora de histórias.

4 — O livro de leitura pode ser fonte de referência para aquisição de vocabulário, mediante uma atenção especial dada ao problema das palavras novas, desconhecidas das crianças.

5 — A observação de estampas, gravuras, enriquecendo o mundo de experiências da criança, pode aumentar-lhe o vocabulário. São recomendáveis jogos assim: abrir um livro de figuras e dizer o nome de tôdas as cousas ali representadas. A repetição do jôgo concorre para a fixação das palavras adquiridas.

6 — Exercícios sobre a formação de palavras por derivação, segundo a técnica de Montessori.

7 — Passeios de observação. A classe sai, pelo pátio ou outro lugar adequado, e os alunos vão designando tôdas as cousas encontradas de interesse, ou vão perguntando os nomes das

cousas desconhecidas, ou vão procurando designar tôdas as cousas de uma certa categoria que encontrem, etc.

8 — Rondas infantis. Folk-lore. Pequenas poesias.

9 — Brinquedos de negócio, de circo, de trem, de estação de estradas de ferro, de casa, etc., com o fim de levar a criança ao uso de termos relativos a êsses ambientes.

10 — Confeção, em colaboração, de planos de trabalho, pelos alunos. Por exemplo: Que faremos hoje até a hora da saída das aulas? Qual será a nossa excursão desta semana? Que novos animais podemos ter na escola? Por que? Como melhoraremos a nossa horta ou o nosso jardim? Que flores traremos para ornamentação da classe?

11 — No 2.º ano, iniciação ao estudo dos sinónimos e antónimos. Jogos a respeito.

12 — Expressões cortezes. Dramatisação para adquirir familiaridade com o seu uso.

Recomendações especiais:

1 — Esforce-se o professor no sentido de que a sua escola seja um ambiente onde seja possível uma efetiva vida social dos seus alunos.

2 — No seu Caderno de observação dos alunos, a que se fará mais detalhada referência no programa de leitura, anote o professor, de cada criança:

a) — Si ela fala muito ou pouco, si é tímida, é exibida, etc., na conversação, e procure interpretar êsses fatos.

b) — Os seus defeitos especiais de articulação. Exemplos: troca uns sons por outros, omite as consoantes finais, etc.

c) — A prosódia

d) — A sintaxe. Conjugação de verbos, etc.

e) — O vocabulário.

3 — Só o tacto do professor pode determinar a oportunidade e a maneira de correção dos erros infantis. Em primeiro lugar, leve o professor em conta que a maior parte dêsses erros se deve à insuficiência de desenvolvimento, e que êles, por isso, desaparecerão com a maturação natural da criança. Isso não justifica, porém, que a criança seja abandonada a si mesma: a maturação é também função do exercício. No correção dos erros leve o professor em consideração o temperamento de cada criança: esta, mais tímida, diante de correções, se defenderá de futuro delas, calando-se; outra, etc.

4 — Em tôdas as conversações (horas de conversação, conversação espontânea, etc.) procure o professor, insistentemente,

mente, aumentar o mundo de experiências da criança. Lembre-se: Para riqueza de expressão, riqueza de impressão.

5 — Considere o professor que a criança adquire a linguagem sobretudo por imitação. Por isso, a linguagem dele professor, que será modelo para a criança, deve ser tão perfeita quanto possível.

Ambiente de classe:

1. Coleções, tão ricas quanto possível, de gravuras, representando objetos, animais, etc., que serão postas ao alcance das crianças, para aumento de sua experiência. Convém colocá-las sôbre a mesa de leitura.

2. A classe, a escola, o pátio, devem ser um mundo tão rico quanto possível, de modo a poderem proporcionar o máximo de experiências ao educando.

Bibliografia para o professor:

Como se ensina a linguagem - Firmino Costa. As sugestões dêste livro são eminentemente práticas. Trata-se de um programa analítico para o ensino da linguagem.

Os importantíssimos exercícios sôbre a formação de palavras por derivação, segundo Montessori, encontram-se na sua Pedagogia científica, 2.º volume, no capítulo referente à gramática.

3.º, 4.º e 5.º ano

1. — Ampliação do conhecimento dos processos de formação das palavras.

2. — Estudo especial de grupos de palavras novas. Pode-se, — no início de cada trimestre, por exemplo, — entregar listas maiores ou menores de palavras novas para as crianças, que as tratarão, naquele período, pelo modo seguinte:

a — organizarão um caderno, colocando, no alto de cada página, uma das palavras do grupo novo;

b — procurarão, por pesquisa pessoal, descobrir o seu significado ou significados, que serão registrados em seguida;

c — procurarão ilustrar a página de modo a tornar mais objetiva a compreensão da significação da palavra;

d — sempre que encontrarem aquelas palavras, daí em diante, na sua vida diária, farão disso um registro no referido caderno, desde que êsse registro possa ter qualquer interesse.

Esse trabalho deve ser desenvolvido em casa pelo aluno, sobretudo em casa, sob estímulo e fiscalização permanentes do professor.

3. — Atenção especial às palavras novas encontradas na leitura.

4. — Atenção permanente aos sinónimos e antónimos.

5. — Uso do dicionário. No terceiro ano, podem os alunos organizar um dicionário pessoal de palavras novas, de famílias de palavras, etc., com definição do sentido, ilustrações, exemplos, — trabalho do aluno em casa, sob estímulo e fiscalização permanente do professor. No 5.º ano, introdução do dicionário analógico.

6. — Livre conversação instrutiva. Exemplos de temas:

a — As cidades que as crianças conhecem

b — Os problemas da vida local

c. — As profissões interessantes que as crianças conhecem

d — O noticiário de interesse coletivo dos jornais

e — As viagens

f — Os livros

A livre conversação deve resultar num conhecimento novo ordenado. Assim, tratando-se de cidades, na medida em que as crianças forem tratando delas, enunciando-as e descrevendo-as nas suas singularidades e belezas, em tudo, — vá o professor, que escreve mais rapidamente, fazendo no quadro negro uma síntese da conversação, de modo que, terminada esta, resulte, diante dos alunos, uma súmula de muito mais valor, — porque mais viva e mais completa, — do que as lições comuns sobre cidades, dos compêndios comuns de geografia.

Podem as crianças, em seguida, copiar o resumo feito no quadro negro.

7. — Discussão de projetos, organizações, etc., relacionados com a vida da escola.

8. — Discursos, mensagens, em situação real, etc.

9. — A poesia e o canto são meios efficientíssimos de progresso da linguagem.

10. — Dramatizações, teatro, teatrinho de fantoches.

Ambiente da escola:

1. — Palco, para teatro.

2 — Teatrinho de fantoches, com o seu aparelhamento. Pode que a própria construção do teatrinho seja plano e realização dos alunos da 4.ª e 5.ª série. Não há mal em que êsse trabalho seja realizado em horas complementares, fora do ho-

rário escolar. Isso pode concorrer para diminuir o tempo de rua da criança. Quando houver possibilidade, pode essa tarefa ser um projeto a cargo do professor de trabalhos manuais.

3. — Material de Montessori, completo, para o ensino das categorias gramaticais, etc., relacionado com a gramática. Quando êsse material não existir, procure o professor supri-lo com um material improvisado, mas cumpra, rigorosamente, a técnica de Montessori. Esse é, parece-nos, o processo ideal para o ensino sistemático da língua. Não podendo o professor orientar-se dentro dele, recomendamos-lhe a orientação que fica prescrita adiante, no título especial: Gramática, 3.º ano.

4. — Dicionário de classe, em cima da mesa do professor, para uso frequente dos alunos.

Gramática, 3.º ano:

1. — Famílias de palavras. — Formação de palavras.

a — Com exemplos repetidos, leve o professor a criança a compreender que há palavras que formam famílias: ferro, ferragem, ferrugem, etc. Leve os alunos a, individualmente, descobrirem famílias de palavras. Anime-as nesse trabalho.

b — Escreva o professor, no quadro, em colunas, grupos de palavras, (12 pares, por exemplo), como rio-riozinho, menino-menozinho, irmão-irmãozinho, etc. Leve a criança a copiar com lápis de uma côr, (azul, por exemplo) a primeira palavra de cada par, e, em seguida, a copiar a segunda palavra com a mesma côr, mudando de côr (vermelho, por exemplo), para copiar o sufixo. Deve a criança proceder por êsse modo com todos os 12 pares.

Organize o professor diversas listas de palavras, cada lista com um dos principais prefixos ou sufixos da língua portuguesa.

Terminada a cópia, em que resultaram os prefixos ou sufixos destacados pela côr, verifique o professor si a criança apreendeu a significação desses elementos.

2. — Interjeições. — Dados uns exemplos animados de interjeições, leve o professor os seus alunos a, individualmente, por escrito, descobrirem o maior número de interjeições. Êsse trabalho pode ser feito com lápis de côr.

3. — Verbos. — Revelado que há palavras que nascem de estados emocionais, as interjeições, leve o professor os alunos a compreenderem que há palavras que exprimem ações.

Chamam-se verbos. Dê exemplos. Leve as crianças a organizarem listas de verbos. Cada grupo de cinco verbos pode ser escrito com lápis de uma côr.

4. — Nomes. — Idém com os nomes. Idém com os coletivos, próprios, comuns.

5. — Qualificativos. — a) Idém com os qualificativos. b) Dê o professor relações de nomes e peça às crianças que acrescentem a cada um o maior número de qualificativos cabíveis. Que os nomes venham acompanhados de artigo. Escreva a criança, no alto da página, as palavras: Artigo, Nome, Qualificativo. E, por baixo de cada título escreva os artigos em vermelho, os nomes em azul e os qualificativos em violeta.

6. — Leve o professor os seus alunos a repararem, mediante exemplos simples, no modo pelo qual indicamos uma cousa ou mais de uma. Dada, no quadro negro, uma relação de palavras no singular, leve as crianças a copiá-las e a organizar, paralelamente, a lista correspondente no plural. A lista será encimada dos títulos: **Singular, Plural**. Facilite os exercícios, acompanhando os nomes do artigo, e encimando a lista com dois ou três exemplos resolvidos. Lápis de côr.

7. — Masculino e feminino. — a) Idém, em relação ao gênero. b) Exercícios dessa natureza, combinando-se as variações de gênero e número.

8. — Advérbios. — a) Ordens dadas pelo professor, para a criança realizar, em que, permanecendo o verbo sempre o mesmo, a ação se torne completamente diferente e até oposta pela aposição do advérbio. Exemplo: Ande vagarosamente, apressadamente, silenciosamente, ruídosamente, etc.

b — Leve as crianças a descobrirem palavras que modifiquem uma ação. Por exemplo: escrever pouco, muito, bastante, rapidamente, etc.

c — Dê-lhes uma lista de verbos para que elas acrescentem o maior número de advérbios de cada um, encimando o exercício com os títulos: Verbo, Advérbio, e copiando os verbos com lápis de uma côr, em baixo do título respectivo, e os advérbios, nas mesmas condições, de outra côr.

9. — A sílaba. — a) — Leve as crianças a dividir palavras em sílabas. Organize, para isso, listas de palavras de número variável de sílabas.

b) — Leve as crianças a organizar listas de palavras de duas sílabas, de três sílabas, etc.

c) — Chame a atenção para um grupo de palavras oxítonas e leve a criança a descobrir, numa relação ou num texto, as palavras oxítonas e sublinhá-las com lápis de côr; leve as crianças a organizar listas de palavras oxítonas, etc.

Recomendações especiais

Os exercícios acima referidos podem ser realizados em um caderno especial, que poderá ter um título tão sugestivo como: **Eu descubro minha língua**. Será, verdadeiramente, uma construção, pelo aluno, de uma gramática do tipo mais indutivo possível. Como êsse mesmo processo pode e deve ser o seguido no 4.º ano, na descoberta dos outros fenômenos da língua, conviria que os alunos guardassem os seus cadernos de um ano para o outro.

4.º e 5.º ano

1 — Sintaxe. — O professor fará uma relação das regras gramaticais que mais comumente se violam, na escrita e oralmente. Fará, com os alunos, exercícios indicando as formas corretas e incorretas, e dando a razão da correção, que é a regra gramatical.

2 — Estudo dos fenômenos da língua, tomando-se como base a leitura.

LEITURA. — OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA LEITURA. —

1 — Levar a criança a um domínio mecânico da leitura e a uma capacidade de compreensão da matéria lida suficientes para as necessidades correntes da vida, considerando-se a dupla situação da leitura silenciosa e da leitura em voz alta.

2 — Dar à criança hábitos corretos de leitura.

3 — Capacitar a criança para usar o livro em geral, dando-lhe familiaridade com o uso de índices gerais e analíticos, habituando-a a encontrar a matéria de que necessita, e fazendo-a capaz de supôr qué livros podem conter determinado assunto etc.

4 — Iniciar a criança na leitura expressiva, sobretudo criando em seu espírito o interesse por essa manifestação de arte.

5 — Dar à criança o gôsto pela leitura, — um dos objetivos fundamentais dêste ensino; fazê-la estimar os livros.

6 — Desenvolver na criança a capacidade de julgamento em relação à matéria lida.

Prática:

1 — Fase preparatória: Durante os quinze primeiros dias de aula consistirá o trabalho do professor, no ensino da leitura, apenas em atividades preparatórias dos tipos seguintes:

a) — Histórias contadas pelo professor para a classe, em ambiente de roda.

b) — Histórias lidas pelo professor para a classe, em livros com ilustrações sugestivas, trazidas pelo próprio professor ou pelos alunos, a instâncias do professor.

c) — Livros com gravuras e revistas ilustradas para os alunos folhearem. Procure-se que o material de ilustração seja artisticamente o melhor possível.

d) — Reconhecer algumas letras, de preferência as vogais, nos cartões pessoais, nos títulos dos livros, etc.

e) — Quadros, colocados em lugares visíveis, com gravuras de objetos, animais, etc., tendo, por baixo, o seu nome escrito. Exercícios com esse material.

f) — Cartões com o nome do aluno, colocados em objetos de uso pessoal.

2 — Iniciação, propriamente, do ensino da leitura, de preferência com os métodos analíticos. O ensino da leitura, nessa fase, far-se-á simultaneamente com o da escrita.

3 — No desenvolvimento do ensino da leitura, quando as crianças já tenham passado a fase de iniciação propriamente:

a) — Uso de sentenças de ação, escritas em cartões grandes, que serão apresentados à criança para que ela, depois de lida silenciosamente a ordem, execute a ação indicada.

b) — Leitura interpretada, segundo a técnica de Montessori. Em pequenos cartões, dar às crianças frases que, depois de lidas silenciosamente, serão realizadas por elas. Essas frases, tiradas de bons escritores da língua, não devem referir-se a ações cuja execução seja apenas material, como: Levante um braço, — mas indicar ações que exijam uma verdadeira interpretação, como: O menino batia as mãos de contente. Nesta classe, as frases indicam uma única ação a princípio, e, mais tarde, duas ações consecutivas, indicadas em duas proposições coordenadas. Exemplos: Uma ação: Ele caminhava triste. Duas ações e orações coordenadas: Ele se aproxima da porta e a empurra suavemente.

c) — Jogos de leitura.

d) — Cantinho de novidades.

e) — Livros de contos, devendo cada criança, um geral, possuir obra diversa da de seus colegas, do que resultará, em classe, uma verdadeira pequena biblioteca. Servem, igualmente, boas revistas.

f) — Discussão das histórias lidas pelo professor ou pelos alunos, isto é, apreciação dos livros.

g) — As atividades do tipo a, b e c da fase preparatória, devem persistir durante o ano, e particularmente a leitura expressiva pelo professor, de livros que ele ou os alunos tragam de casa.

Ambiente de classe:

1 — Em um canto da sala, deve haver cadeiras, u'a mesa com livros de gravuras, revistas, livros diversos, ao alcance de grupos sucessivos de alunos, na própria hora de leitura da classe. Ideal será que esse canto tenha o jeito de uma sala de estar, em uma residência.

Tudo se pode, porém, substituir por u'a mesa pequena e mesmo tosca, até um caixão, e uma ou duas esteiras, sentados nas quais os alunos usarão o material acima referido.

2 — Quadros, nas paredes, feitos com todo o bom gosto e absoluta simplicidade, sem ornato algum, com boas figuras de cousas, animais, etc., tendo, por baixo, o seu nome, em caracteres manuscritos e minúsculos. Esse material deve ser retirado das paredes assim que tenha passado a fase preparatória do ensino da leitura. As figuras desses quadros devem referir-se ao mundo dos interesses infantis.

3 — Estante com os livros de contos dos alunos e outros, visíveis à classe e ao seu alcance.

4 — Na mesa ou canto de leitura deve figurar, de início, material de jogos individuais de leitura, como, por exemplo: cartões com desenhos de objetos inconfundíveis, com os seus nomes a princípio unidos à gravura e, depois, soltos; caixas com letras, palavras, etc.

Esse material será retirado da mesa quando já não tenha utilidade.

Recomendações especiais:

1 — Princiando o ano, procure o professor ou, si fôr o caso, o diretor do grupo, classificar os alunos desta classe segundo os testes ABC de Lourenço Filho.

2 — Durante o processo do aprendizado, procure o profes-

sor estabelecer as diferenças individuais entre seus alunos na capacidade de aprender a leitura e a escrita, determinando os seus pontos baixos (falta de gosto pela leitura, pouca rapidez, pouca compreensão, maus hábitos de leitura, etc.) registrando mesmo essas deficiências num Caderno de observação dos alunos (uma página para cada aluno), e, mês por mês, dando um balanço nos resultados obtidos para a remoção daquelas deficiências.

3 — Recomenda-se que o professor ou o diretor procure fazer a medida objetiva da leitura, realizando, periodicamente, a partir do segundo semestre, provas de rapidez e provas de compreensão.

Exemplos de contos para crianças de 7 anos:

Novos contos de fadas — Condessa de Segur. Trad. de Maria Eugênia Celso.

As aventuras de Pinóchio — C. Collodi. Trad. de Monteiro Lobato.

Contos do velho Japão.

Senhor vento e senhora chuva. — Paulo de Nussete.

Contos de minha mãe Pata. — Ch. Perrault.

Bibliografia para o professor:

Como se ensina a leitura — Pennell e Cuzak.

Programa de linguagem do Distrito Federal. — 1934.

Pedagogia científica. — 2.º volume. — Maria Montessori.

* * *

Cuidai da perfeição na mais simples das vossas aulas. Lembai-vos que, si no quadro negro escreverdes um a, não ensinai à criança apenas a letra a. Si a vossa palavra nesse instante fôr branda, sugeris à criança a brandura; si áspera, a aspereza; si musical, a música; si a vossa brandura mesma fôr brandura sem reservas é quasi certo que excederá os bons limites e pode que venha a formar espiritos caprichosos hoje e amanhã desadaptados da realidade, desadaptados da vida social, rebeldes sem razão, orgulhosos e de um mau individualismo, ás vezes perversos e outras até humilhados.

Nem a hora de escrever no quadro aquêle a, tão simples, é indiferente. Si ali naquelle a se concentrarem dificuldades intransponíveis para a criança, temei que ela se defenda daquella hora com uma attitude de penosas consequências para o futuro; temei que ela se defenda daquele a com uma antipatia pelo professor ou pela escola, ou talvez pela sociedade. Cuidai de não humilhá-la nesse instante, e de não lhe exigir, então, o impossível.

Traçai corretamente e em logar adequado aquêle a e dareis às crianças hábitos de ordem e de método; fazei-o com elegância e a criança vos seguirá nessa trilha; si o derdes em um cartão para que a criança o leia, dai-o com gesto cavalheresco, para que a finura se insinue na alma infantil; que esse cartão seja uma pequena obra de arte, uma lição de arte para a crian-

ça; a frase com que o apresentardes seja impecável de simplicidade, e ao mesmo tempo de correção e elegância. Quando fôrdes motivar a apresentação daquele a, procurai os motivos mais altos, mais ricos de conteúdo, que mais despertem os impulsos próprios da criança. Fazei de sorte que o vosso aluno sinta, nesse instante, um pouco da luz das cousas grandes da terra; procurai que em vosso aluno se aqueçam, ao calor de vossas palavras, as mais tênues germinações do que em sua alma exista de impulso para a luz, para o ar pleno, para o céu. Transfigurai, mesmo, si puderdes, aquêle a: fazei-o um grande símbolo, como os que, maiores, têm guiado a humanidade. Mostra-lhe todos os segredos do a.

Não vos contenhai em dizer apenas a. Não vos contenhai no sentido puramente intelectual do a. Apresentai-o em seu sentido simbólico, em seu sentido poético, em seu sentido humano, em seu sentido social. Procura-lhe os sentidos mais profundos.

Apresentai-o à criança em seu sentido simbólico, mostrando-o como alicerce da mais elevada cultura humana; fazei com que ela o veja em seu sentido poético, mostrando-o ao mesmo tempo tão pequeno e tão grande e fazendo-a ver que esse a tem alma, alma que semelha à do pão, à da luz, à do fogo; abri o espírito infantil para compreender-lhe, ainda, o seu sentido humano e o seu sentido social: o seu sentido humano e o seu sentido social, mostrando que sobre a fragilidade de um alicerce que é apenas um sópro atravessando uma boca humana ou um sinal que é apenas um traço, está erigida a arte, suprema consoladora do pessimismo, restauração maravilhosa de Dionísio, e a ciência, má de mil soluções de mil problemas humanos; que aquêle sópro ou traço é a linguagem que principia, e, na linguagem, pode ser a consolação, a bênção, o perdão, a esmola, o conselho, a saudade, a amizade, o amor... tudo que é grande em torno, e tudo que é a essência da vida social: a comunicabilidade dos espíritos, a transmissão da cultura, a lei, o pacto, e até o pensamento que se diz precisar basicamente da linguagem para adquirir clareza, ordenar-se e até mesmo existir.

Procedei por essa forma.

Si o fizerdes, primeiro que tudo, vossa escola terá um espírito, um espírito de luz, podendo trazer no pórtico a legenda encantadora: Escola serena. Não ouvireis de lábios infantis a frase triste: Não gosto da escola.

E isso apenas era por si bastante.

Mas, além disso, dais apóio aos que pretendem a conservação eterna dos valores não racionais, contra a invasão crescente do espírito de Análise.

Não estou fazendo a acusação da Intelligência.

Apenas entendo que é preciso salvar os valores não racionais, que é preciso salvar a vida, libertar a vida do Pessimismo mais duro, da cruzada mais rude, do cinismo mais frio.

E assim talvez consigais deter a realização da tremenda profecia, que ouvi de um artista torturado, dita com a veemência de uma voz apocalíptica: "Sim, branco Lusbel, nós caminhamos para o irreparável empedernimento; desde o solo até os astros, homens e cousas, tudo vai quedar de pedra. Será um sono universal de uma universal esfinge. Tudo, na pedra, dormirá um sono de pedra. A pedra respirará pedra. A pedra sentirá pédra. A pedra almejará".

Pode que se nos diga que a letra a contém, verdadeiramente, muito mais do que o seu sentido analítico, mas que aquelas profundidades são inacessíveis para o espírito infantil.

Para bem responder, eu vos direi: certa vez, o padre António Vieira dizia, falando das estrélas: "O rústico acha nelas documentos para a sua

compõem-se de diversas proposições coordenadas e subordinadas, e a leitura encerra descrições mais complexas e algumas vezes a interpretação, que deve ser exata nos menores detalhes, exige que a criança fale". Por exemplo: "O avô coloca-se em frente da janela, olha para fora, olha o céu e diz: "Desventurado o que colheu tarde a flôr". Depois, "leituras para a interpretação das quais há necessidade de duas ou mais pessoas. Sainetes e diálogos".

4 — Iniciação e desenvolvimento da leitura expressiva, escolhendo o professor trechos adequados, inicialmente muito breves e muito simples, (uma frase exclamativa, por exemplo) e, progressivamente, com gradação perfeita, mais longos e mais complexos.

5 — Uso do jornal. Bons jornais. Seleção da matéria a ler, pelos títulos.

6 — Boletim de classe, cabendo, no 4.º e no 5.º ano, aos próprios alunos, a seleção da matéria, que deve ser a vida da escola e da localidade sobretudo, no que ela tenha de relação com uma fértil aquisição de experiências, podendo-se ilustrar o boletim com gravuras e desenhos.

7 — Leitura em função de informações a serem obtidas a respeito de outras matérias.

8 — Exercícios com o objetivo de levar o aluno a achar, sózinho, o livro que possa trazer certas informações, a achar no livro a matéria desejada, a resumí-la em notas, a coordenar os dados compilados, etc.

9 — Discussão coletiva de assuntos lidos, sejam histórias, trechos de informação, noticiário, livros ou outros quaisquer.

10 — Organização de relatórios de histórias, trechos de informação, etc.

11 — Horas de leitura individual, em livros pessoais, ao modo dos anos anteriores.

12 — Leitura em voz alta, individual, para grupos de alunos, com objetivo certo e real, levando-se as crianças a estudarem antecipadamente o trecho que devem ler.

13 — Leitura especial de obras dramáticas.

Ambiente de classe:

1 — Biblioteca de classe.

A estante, de preferência, será feita pelos próprios alunos, nos primeiros dias de aula, com material mesmo de caixões

velhos si não for possível ser melhor. Chama-se a atenção do professor para o ponto de que a organização do ambiente de classe, em relação a todas as matérias, deve ser uma das atividades fundamentais das crianças, nos primeiros dias de aula, constituindo essa atividade um verdadeiro projeto. As ferramentas necessárias, no caso presente, podem ser trazidas de casa pelos alunos, si não houver na classe uma caixa de ferramentas e acessórios, o que será o ideal, (Pregos, serrote, martelo, cepilho, formões, etc.), e até um banco de marceneiro, de tamanho apropriado, — este último do grupo escolar em seu conjunto.

2 — Convém que a distribuição das carteiras seja feita de maneira a deixar espaço livre, dentro da sala, que, no caso da leitura, por exemplo, será utilizado para os exercícios de leitura interpretada, etc.

3 — É útil que haja, na sala, uma mesa grande que possa ser ladeada de bancos, em torno da qual possam sentar-se muitos alunos, para trabalhos coletivos.

Recomendações especiais:

1 — As mesmas do mesmo título, n.º 2 e 3, do programa do 1.º ano.

2 — Procure o professor ver os diversos planos para lições de leitura de *Como se ensina a leitura*, do Pennell e Cuzack, das páginas 96 a 125, segundo a 1.ª edição da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

Exemplos de livros próprios para 3.º ano:

Contos. — Andersen.

Alice no País das Maravilhas. — Leves Carrol.

As aventuras de Pinóchio. — C. Collodi.

As crianças no mar. — Charles Chines.

Abelha. — Anatole France.

História de um quebra-nozes. — Alexandre Dumas.

Contos dos irmãos Grimm.

Contos do velho Japão.

Para o 4.º ano:

Coração — De Amicis.

Tarzan com os macacos. — Coleção Terra, mar e ar.

Fábulas de Esopo.

Mil e uma noites.

O príncipe e o pobre.

Aventuras de Tom Sawyer.

Júlio Verne.

Os mesmos do 3.º ano.

Para o 5.º ano:

Romances da Idade Média. Canções de gesta.

Trechos de poetas e prosadores da Idade Média.

Robinson Crusé.

O pássaro azul — Maeterlinck.

Folk-lore nacional e estrangeiro.

Etc.

Biblioteca escolar. — 1 — Sabe você, professor, que o ideal é haver uma biblioteca da escola em geral e bibliotecas especiais, para cada classe? É certo que essas bibliotecas especiais ainda não existem em nossas escolas e são, no entanto, mais eficientes, porque destinam-se a acompanhar o trabalho de todas as horas da criança, na classe.

2 — Há, em sua escola, um local próprio para o funcionamento da biblioteca geral? Eis um importante problema a resolver. A biblioteca deve funcionar fora das vistas do adulto, sob a direção própria de crianças.

3 — Toda a biblioteca deve compreender: Matéria recreativa e material de informação, este último abundante e simples, para servir ao trabalho de consulta dos alunos nas suas diversas atividades na classe. Não devem estes últimos ser livros de classe. O Tesouro da Juventude é um modelo perfeito do livro conveniente. Constituindo o material para informações, indicariamos: livros, revistas, recortes de jornais, transcrições, apontamentos pessoais dos alunos, etc. Recortes, transcrições, apontamentos, serão guardados para serem, quando houver número, classificados pelos próprios alunos, segundo os assuntos e reunidos em volumes encadernados (trabalho dos alunos na aula de trabalhos manuais).

4 — Que tem feito você para fazer os seus alunos amarem a biblioteca que possuem? Que tem feito, ainda, para que os alunos tirem o maior proveito possível da biblioteca? Como tem articulado o trabalho da classe com um sistema de consultas dos alunos aos livros da biblioteca?

5 — Qual a colaboração dos alunos para a ampliação da biblioteca?

6 — Já pensou você em que a abundante literatura infantil que anda por aí nem sempre serve para crianças e que muito do que foi escrito para adultos é apropriadíssimo para as crianças?

7 — Na compra dos livros, os alunos tiveram alguma colaboração? Aproveitou você a oportunidade para a educação de seus alunos?

8 — Já organizou um projeto de propaganda da biblioteca entre as crianças, confiado às próprias crianças?

9 — Que observações valiosas para a ciência pedagógica já fez a respeito da atividade das crianças na biblioteca? Por exemplo: procurou verificar o efeito das leituras na biblioteca sobre o progresso geral da leitura, sobre as composições escolares, etc., medindo objetivamente estes resultados?

DESENHO. — OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DO DESENHO. — 1 — Exercício das forças de criação do espírito infantil.

2 — Desenvolvimento sensorial e motor e desenvolvimento do sentido de observação.

3 — Iniciação ao conhecimento dos elementos técnicos do desenho e da pintura: perspectivas, valores, etc.

4 — Desenvolvimento da sensibilidade estética.

5 — Desenvolvimento da capacidade de usar o desenho como um instrumento para a vida prática.

1.º e 2.º ano.

Prática:

1 — Desenho espontâneo. Deve o professor estimular inteligentemente a observação e a inspiração na criança, de modo a que se possa esperar daí um efetivo progresso na capacidade de expressão do aluno.

2 — Desenho de memória baseado na percepção imediata. Por exemplo: depois de uma visita, de uma excursão, de uma festa, da observação de um animal, etc., expressão pelo desenho.

3 — Desenho de memória. Exemplo: processos da natureza: nuvem clara, nuvem de tormenta, de chuva; a chuva, etc.

4 — Desenho métrico e rítmico. Ritmo da forma. Exemplo: repetição de temas simples: gotas de chuva que caem paralelamente, campos de linho, de trigo, bandos de aves, etc. Ritmo da cor: Exemplo: jogos pirotécnicos, sucessão de raios e espirais, etc.

5 — Com as formas do jogo de superfícies do material Discat (coleção de formas geométricas planas, que se derivam todas de um quadrado original) compôr figuras decorativas ou representativas de objetos e cousas conhecidos das crianças. Depois, passando o lapis de cor em torno de cada uma das formas componentes da figura composta, reproduzi-la pelo desenho. Colorir cada parte do desenho. No colorir, deve o professor levar a criança, aos poucos, a disciplinar o seu traçado, dando-lhe direção primeiro, forçando-a a levantar a ponta do lapis a cada novo traço depois, etc. Nesta série de exercícios, estimular a criação. Esta série deve merecer atenção especial do professor: aqui principia, de fato, o ensino ordenado e sistemático da técnica do desenho.

6 — Primeiros passos de pintura, com tintas de parede dissolvidas em água com um pouco de cola. A pintura far-se-á sobre folhas de papelão, como fundos de caixas de sapatos, etc.

7 — Noção de medida. Proporções. Alto e baixo. Grosso e fino. Etc. Desenho expressionista: Exemplo: história de um gigante e de um anão. Proporção de móveis. Proporção de figuras. Etc.

8 — Desenho de imaginação. — Olhar as cousas quietas e dar-lhes movimento. Exemplo: pássaros, bandeiras, árvores, etc. Profissões e seus movimentos. Exemplo: a lavadeira, o soldado, etc., parados e em diversas de suas atividades.

9 — Interpretação dramatizada pelas crianças e vida de reproduções de obras célebres da pintura mundial. Deve-se procurar que as reproduções sejam sempre tão perfeitas quanto possível.

10 — Manuseio de albuns ou livros com reproduções de pintura mundial, como si simplesmente foram albuns de figuras.

11 — Visitas a exposições de pintura e a ateliers de artistas.

3.º e 4.º ano.

1 — Desenho espontâneo. Correção e estímulo dados aos alunos individual e coletivamente.

2 — Desenho relacionado com os trabalhos manuais. Desenho de vinhetas e adaptação a cadernos, etc.

3 — Caligrafia. Desenho artístico de alfabetos. Uso de penas apropriadas. Observação atenta de reproduções de páginas caligráficas de valor artístico, aplicadas ou não a textos, anúncios, à arquitetura, a capas de livros, etc.

4 — Atividades dos tipos 2, 3, 6, 10 e 11 do programa do 1.º e 2.º ano.

5 — Desenho de fantasia. Contos fantásticos. Cenas campestres. Lendas.

6 — Exercícios para compreensão de que as formas tão várias da natureza são redutíveis a formas geométricas, primeiro planas e depois sólidas. Isto é a ampliação do ponto 5 do programa do 1.º e 2.º ano.

7 — Em seguida a isso, e até paralelamente, representação de objetos de formas simples por meio de manchas, isto é silhuetas cheias.

“Após a observação do modelo, colocado a curta distância e de preferência contra a luz, o aluno toma posição, com o pincel

carregado de tinta, para fazer u'a mancha de um contôrno qualquer sôbre o papel. Esta primeira mancha é estendida no sentido mais conveniente, de modo que se torne semelhante à silhueta do modelo. É conveniente principiar pela forma principal para a ela ajuntar em seguida os diversos anexos”.

8 — Silhuetas rendadas ou abertas. “Trata-se de reservar alguns claros no interior da silhueta, para indicar partes diferentes, acidentadas de relêvo ou reflexos”.

9 — O ensino da perspectiva será iniciado como uma correção dos desenhos da primeira parte, não sistemática, dêste programa. Cabe completá-lo com lições especiais, posteriores, sôbre a perspectiva do círculo e, também, mesmo, agora mais ordenadamente, a perspectiva das retas, dada de modo prático, segundo, por exemplo, a processuação de Perrelet.

4.º e 5.º ano.

1 — As côres. A formação das côres. Idéia de valor.

2 — A significação afetiva das côres.

3 — Desenho de objetos isolados.

a) — Redução às formas geométricas.

b) — Representação de objetos de uma só côr,

em dois, três, quatro e cinco tons. Como indicação geral, a título de exemplo, tomemos o caso de cinco tons: “um tom para o fundo, um para a sombra feita pelo modelo, um para a parte iluminada, um para a sombra própria do modelo, e um branco para reflexo ou ponto brilhante”.

4 — Atitudes.

5 — Perspectiva aérea. Deformação das côres e dos contornos à distância.

6 — Repetição dos títulos 2, 3, 6, 8, 10 e 11 do programa do 1.º e 2.º ano, graduadas as dificuldades.

7 — Desenho livre do natural.

8 — A paisagem.

Ambiente de classe:

Ideal será a existência de uma sala especial de desenho para a escola. Nesta sala deverá haver:

a) — U'a mesa comprida em tórno da qual podem sentar-se muitos alunos para o desenho.

b) — Uma coleção de pranchas leves, para desenho ao ar livre, por exemplo, de um único pé, longo e fino,

fixo por uma dobradiça, de modo que a criança, sentada em um banco-tripé com assento de lona, possa apoiar uma das margens da prancheta sobre o colo e a margem oposta sobre aquele pé firmado no chão.

c) — Estantes para a colocação de objetos de uso na aula de desenho, como cadernos, coleções de lápis de côr, pótinhos ou latinhas com tintas de parede, pincéis, vasilhos, para água e cola, fundos de caixas de sapato, etc.

d) — Nas paredes, exposições, que se renovarão periódicamente, de desenhos e pinturas de alunos.

e) — Arquivo dos desenhos e pinturas dos escolares, com dados de identificação, observações do professor e data.

f) — Mesa com revistas que contenham ilustrações de arte ou semelhantes.

g) — Nas paredes, si for possível colocá-los com uma apresentação boa, reproduções em gravura de obras célebres.

Dada a impossibilidade de se ter uma sala especial de desenho, organizar, em cada sala de aula, um ambiente dentro das indicações de c, d, e, f e g.

Bibliografia:

O Desenho. — Mme. L. Artus Perrelet

O desenho racional na escola. — Ferdinand Lienaux

Reflexões sobre o ensino do desenho — in Revista de Pedagogia. — Setembro de 1939. — Tucuman. Argentina. — Dolores Dabat.

Pedagogia científica. — Maria Montessori.

TRABALHOS MANUAIS. — Objetivos gerais do ensino dos trabalhos manuais.

1 — Exercício e estímulo à capacidade de criação do espírito infantil.

2 — Desenvolvimento neurológico e muscular da criança.

3 — Desenvolvimento da iniciativa, de hábitos de ordem, de cooperação e do desejo de perfeição.

4 — Capacidade para atividades manuais úteis na vida diária.

1.º e 2.º ano

Prática:

1 — Modelagem.

a) — Modelagem espontânea. Deve o professor

estimular inteligentemente a observação e a inspiração da criança, de modo a que se possa esperar daí um efetivo progresso na capacidade de expressão da criança. Por exemplo:

I — Enquanto a criança está modelando livremente, vá também o professor fazendo u'a modelagem simples, de fatura acessível à criança, ao mesmo tempo em que conversa sobre o seu trabalho;

II — Faça o professor comentários sobre o trabalho dos alunos, chamando a atenção para erros, detalhes esquecidos ou cousa semelhante, ou sugerindo que se acrescentem novas particularidades, etc.

III — Sugira temas novos aos alunos;

IV — Proponha a realização de um projeto aos alunos: Uma casa, por exemplo, com as suas cercas, o muro de frente, as árvores do quintal, o galinheiro, o cachorro, etc.;

V — Inicie um trabalho e peça a colaboração das crianças, etc.

b) — Modelagem de memória baseada em percepção recente. Por exemplo: Depois de uma visita, de uma excursão, de uma festa, da observação de animal, etc., expressão pela modelagem.

c) — Pintura dos objetos modelados mais interessantes, depois de secos.

2 — Os trabalhos indicados nas outras matérias, particularmente jardinagem e horticultura.

Os trabalhos de jardinagem e horticultura e cuidado dos animais, bem como outros da mesma natureza, serão realizados dividindo-se a classe em tantas turmas quantas forem as modalidades de trabalho a realizar, atribuindo-se a cada turma uma tarefa e responsabilidade determinada. Far-se-á a rotação das funções atribuídas às turmas, desde que não haja contra-indicação dos fatos. No programa de linguagem oral já ficou dito que a distribuição de trabalhos, a constituição das turmas, a organização enfim, do trabalho coletivo, deve ser realizada ao modo de palestra com os alunos, — na hora de linguagem, por conseguinte.

3 — Recorte, estimulando-se o trabalho de criação da criança.

Ambiente de classe:

1 — Ideal será a existência, para a escola toda, de uma sala especial para trabalhos manuais, com uma secção desti-

nada à modelagem. Poderá organizar-se, numa sala só, o que se chamará o Centro de Artes plásticas, adequada para o desenho (veja-se o ambiente para o ensino do desenho, no programa respectivo) e para a modelagem. E, no que à modelagem se refere:

a) — mesa grande para modelagem. Si não houver uma própria, pode servir a mesa grande de desenho, ou, si o trabalho tiver de se realizar na classe, a carteira do aluno, forrada com folhas duplas de jornal;

b) — barro para modelagem, que será conservado úmido envolvido em panos de juta (saco de aniagem), permanentemente molhados;

c) — exposição, periodicamente renovada, de trabalhos mais interessantes dos alunos;

d) — arquivos dos trabalhos mais interessantes dos alunos, em estantes ou armários.

2 — Destine-se no pátio área para horticultura, jardinagem e criação de animais de fácil adaptação dentro do ambiente escolar. Em lugar próprio, — material de jardinagem para as crianças e o necessário para a manutenção dos animais. Veja-se, no programa de matemática, como daí pode e deve decorrer uma abundante atividade matemática.

3.º, 4.º e 5.º ano

Prática:

1. — Os trabalhos indicados nos programas das diversas matérias.

2. — As formas de arte popular brasileira.

3. — Sloyd. Diversas formas de sloyd. Para as meninas, particularmente, arte decorativa do lar.

Exemplo de uma sistematização para trabalhos em madeira:

a) — Medir, traçar, sobre papel e madeira: retângulo, dimensões, ângulos; corte no sentido e contra o sentido da madeira. — Construir, por exemplo, uma regua de 20 centímetros de comprimento.

b) — Linhas oblíquas. Corte oblíquo. — Construir uma plaquinha, de 12 centímetros de comprimento, em forma de trapézio, para um fim qualquer útil.

c) — Círculos e semi-círculos. Corte em forma convexa. — Construir um porta-chaves de 8 centímetros de comprimento.

d) — Diâmetro, tangente, arco. Colar papel de lixa. — Construir um afinador de lápis, de 12 centímetros de comprimento.

e) — Quadrado, medida de ângulos. Cortar ângulos retos. — Construir uma dobadeira simples, isto é, um aparelho simples para enovelar fios.

f) — Hexágono. Cortar um hexágono. — Porta prato ou porta vaso, em hexágono.

g) — Rosácea. Cortar uma rosácea. — Porta prato ou porta vaso em rosácea.

h) — Arcos de raios dados. — Cortar curvas côncavas. — Dobadeira de linhas côncavas.

i) — Secção incompleta. — Construir um teque para modelagem.

j) — Intersecção de superfícies curvas e planas. — Arredondar e cortar em fio. Construir um corta-papel.

k) — Secção incompleta. — Cortar em faceta. — Construir uma estaca para o jardim.

l) — Repetição de j. Construir uma agulha para tricot. Uma caneta.

Nota. — Neste programa, que devemos a Larson, vê-se a geometria associada aos trabalhos de sloyd em madeira, segundo a primeira indicação de cada letra; a segunda indicação refere-se às atividades novas que cada novo trabalho supõe; a terceira, é um exemplo de um trabalho que supõe o uso daquelas novas atividades. É, pois, uma série graduada, em que as dificuldades vão progressivamente aumentando. Dever-se-á prosseguir dentro do mesmo espírito. As outras formas de sloyd que se adotem devem conformar-se com a mesma orientação.

Recomendações especiais:

Em relação ao sloyd, é necessário ter em vista sempre:

1. — Os trabalhos manuais na escola primária são elemento de formação geral e não de formação técnica.

2. — Os temas de trabalho, exigindo progressivamente novas habilidades, devem ser objetos úteis para a criança e por elas desejados.

3. — As medidas far-se-ão, ora com instrumentos simples de medida (régua, compasso e esquadro apenas), ora a olho nú.

4. — Em princípio, quanto mais rudimentares forem os instrumentos de trabalho, mais educativa resulta a atividade.

Por isso, exclue-se o uso de máquinas, etc., recomendando-se, apenas, o uso de uma faca ou canivete, serra, lixa e outros semelhantes.

5. — Como o que se visa é a formação geral e não técnica, desde que a criança chegou a vencer uma dificuldade, o exercício perdeu grande parte de sua significação educativa e deve dar lugar a novo exercício, que suponha nova e maior dificuldade.

6. — Deve merecer atenção especial a aquisição de hábitos de trabalho económico, de trabalho assejado e em ordem, e de acabamento perfeito.

7. — No curso do trabalho realizado pela criança, deve o professor palestrar com os seus alunos sobre o material utilizado, as novas formas geométricas, a procedência do material, etc., dentro de uma ideia de globalização das matérias de ensino.

LINGUAGEM ESCRITA. — Jornal escolar. — 1. — Cada classe de 3.º, 4.º e 5.º ano organizará o seu jornal.

2. — Esse jornal será manuscrito e, em cada classe, será executado um único exemplar. Para executá-lo, seguir-se-á a marcha seguinte:

a) — O professor da classe manterá uma palestra preliminar com as crianças, no sentido de induzi-las a organizarem o seu jornal, dizendo-lhes que em todas as classes em todos os grupos escolares do Estado, se vai proceder igualmente, e que, depois de prontos, os jornais serão enviados de uns grupos para os outros, em outras cidades, etc. Com os alunos, escolherá o nome do jornal, o formato, a organização, as secções, etc. Salientará que, devendo o jornal ser enviado a crianças de outros grupos, em outras cidades, o tipo da matéria a ser inserida, deve ser tal que agrade a essas outras crianças, que lhes seja desconhecido e interessante, etc. Que as crianças sejam levadas a refletir, a respeito de cada artigo: "Isto pode interessar às crianças de Ponta Grossa, por exemplo?" Deve-se levar as próprias crianças a eliminar tudo que fuja a essa norma.

b) — Ainda que sejam as crianças que devam escolher o formato, etc., é claro que uma inteligente participação do professor há-de guiá-las naquilo que não afete fundamentalmente ao espírito de iniciativa e a personalidade da criança.

c) — O professor aproveitará a hora de linguagem escrita para fazer com que as crianças, toda a criança que o queira, escreva o seu artigo para o jornal, narrando um fato, contando uma história, uma anedota, comentando alguma cousa, etc., mesmo desenhando (pois o jornal deve ser ilustrado). O material colecionado dêse modo será entregue à comissão de redação, composta de alunos da classe (5 ou 6), que se reunirão em hora especial para discutir a conveniência de tal ou tal matéria, etc. (Hora de leitura).

d) — Cada classe que vá organizar o seu jornal fica incumbida de apanhar material em uma das classes do 1.º e do 2.º ano do seu grupo. Cada classe terá, para isso, os seus alunos encarregados de coletar esse material. Irão, em certos dias, nas horas de linguagem oral da classe de 1.º ou 2.º ano que lhes corresponda, receber desses seus colegas mais atrasados, o ditado do que eles queiram fornecer ao jornal. As professoras das classes de 1.º e 2.º ano ficam obrigadas a prestar todo o auxílio para que haja sempre notícias a serem ditadas para as crianças mais adiantadas. O material colhido assim será, igualmente, remetido à comissão de redação, para o devido julgamento.

e) — Na medida em que o material vá sendo aprovado para publicação, o seu autor irá escrevendo-o, à mão, no jornal, que já terá sido, antes, traçado (escrito o título, divididas as colunas, distribuídas as secções, etc., por uma comissão encarregada disso, na hora do desenho de cada classe. A escrita no jornal pode ser feita na hora de caligrafia, nas horas de cópia, de linguagem escrita, ou mesmo em casa. Também se pode nomear uma comissão especial de calígrafos, com a função especial de escrever o jornal. Quando se tratar dos artigos colhidos no 1.º e no 2.º ano, é ao grupo de calígrafos que incumbe a sua transcrição.

f) — Por processo semelhante far-se-ão os desenhos ilustrativos, etc.

3. — Uma vez terminado o jornal de todas as classes, por processo idêntico, serão os mesmos enviados, pelos próprios alunos diretores, a classes do mesmo grau em outra localidade, segundo determinação prévia.

4. — Quando cada classe receber o jornal que de outra localidade lhe seja enviado, deverá o mesmo ser lido, em voz alta, por algumas crianças, para todos os seus colegas.

Para que a leitura se faça com eficiência, agradável, etc., deverão os alunos encarregados da leitura levar o jornal para a sua casa e estudar bem os trechos que serão lidos, devendo a professora da classe, além disso, fazer todo o possível para que as crianças cheguem a uma leitura expressiva, rigorosamente audível, etc.

5. — O professor de classe prestará atenção no sentido de que todos os seus alunos participem ativamente nos trabalhos do jornal.

Mais expressão. — Em uma reunião de diretores dos Grupos escolares do Estado do Paraná, propuzemos a processuação seguinte:

1. — Tome o professor o artigo que um de seus alunos tenha escrito para o jornal. Proponha-se a mostrar à sua classe como se pode enriquecer aquêl trabalho. Escreva-o no quadro negro. Suponhamos que a composição do aluno descrevia um desastre e era assim, mais ou menos: "Eu vinha vindo para a escola, vi uma multidão, fui ver o que era e vi que um automóvel havia pegado um menino". Chame o professor a atenção de seus alunos para a palavra multidão, por exemplo. Mostre que tal palavra contém muita coisa que pode ser trazida para a composição. Como era a multidão? Quem a compunha? Naquela hora da manhã deveriam ser os homens que iam para o seu trabalho. As mulheres, as crianças. Como estava a multidão? Comprimia-se? Curiosa? Etc. Etc. Leve as crianças a desdobrar a palavra multidão, em um exercício em que cada criança dê a sua sugestão. Tôdas as sugestões aproveitáveis vá o professor escrevendo-as no quadro, no lugar adequado e assim enriquecendo a composição inicial. Faça o mesmo com outros trechos, por exemplo: "Eu vinha vindo para a escola". Como vinha vindo? Só ou acompanhado? Em que pensava? Vinha devagar ou apressado? Etc. Insistentemente peça a colaboração dos alunos para que eles ajudem a enriquecer aquêl pequeno trecho. Repita êsse mesmo exercício com uma outra composição, procedendo da mesma maneira, para que as crianças penetrem bem o espírito do que o professor pretende. Depois de dois ou três exercícios assim, quando o professor julgue que os alunos estão senhores de seu pensamento, — o que se conseguirá fazendo com que todos os alunos participem nos exercícios feitos no quadro negro, — devolva o professor as composições tôdas, de todos, a cada um a sua, para que eles

realizem, no seu trabalho agora, o que viram realizar e realizaram na composição que se lhes apresentou no quadro.

Durante o trabalho individual e silencioso dos alunos, em suas mesas, com o seu trabalho, vá o professor passando entre eles e acompanhando assim o seu esforço, estimulando-o, conduzindo-o, completando-o, etc.

Terminada a realização daquele melhoramento nas composições individuais, pode o professor fazer ainda uma apreciação crítica sôbre os resultados que foram obtidos, tudo tendente a fixar melhor as idéias no espírito dos alunos.

Após isso, em outra aula talvez, com as mesmas composições que foram já melhoradas por aquela maneira, proceda o professor à introdução de um novo elemento. Faça tudo como da primeira vez. Escreva uma das composições, escolhida adequadamente para isso, no quadro negro. Chame a atenção dos alunos para a circunstância de que os personagens ali parecem mudos, não dizem nada. Suponhamos o caso da descrição do desastre, que foi o exemplo para o primeiro exercício. Chame o professor a atenção de seus alunos para a circunstância de que, dentro da multidão, muita coisa se estaria dizendo. Uns lamentariam, outros protestariam, não faltariam comentários talvez irônicos, etc. Que cousas diria aquela gente. Explique a técnica da introdução da conversação nas composições, o que é muito simples. Faça, com os alunos, em exercício coletivo de que a classe tôda participe o mais animadamente possível, a introdução de diversas cousas, nesse sentido, na composição escrita no quadro negro. Chame a atenção dos alunos para que eles procurem ver na composição referida quais são os lugares em que se pode introduzir a conversação. O menino, quando vinha para a escola, estava acompanhado de um seu colega. Que conversavam? Vamos introduzir mais essa conversação. Etc. Repita o professor o exercício com uma segunda e uma terceira composição, pelo mesmo modo como foi já feito na primeira ordem de exercícios. Depois, ainda procedendo igualmente, devolva as composições aos alunos para que eles melhorem o seu trabalho dentro da experiência adquirida com o trabalho do colega.

E, assim como se fez com a amplificação e se fez com a conversação, faça o professor com outros elementos que a sua própria iniciativa encontre interessantes de ensinar aos seus alunos.

A modo apenas de exemplos de outros elementos dessa natureza lembramos os seguintes: Uso das interjeições, uso do ponto de exclamação e das frases admirativas, o que, ambos, são como que uma vitalização das composições com a riqueza dos elementos afetivos; introdução de onomatopéias, que dão um colorido vivo à construção; uso de comparações para tornar a linguagem mais precisa (Exemplo: o aluno escreveu que ali estava um menino. Mostre o professor que **menino** é ainda bastante impreciso, pois há meninos que têm os tamanhos mais variados. De que altura era o teu menino? Da altura dessa mesa. Então, vamos escrever: Um menino da altura da mesa do professor. De outra vez, alguém escreveu que as folhas eram verdes. Verdes, porém, como o que? Como as garrafas ou como isso ou aquilo. Etc.); estudo especial da figura humana: a fisiologia humana, a expressão das emoções, o traje, o andar, etc. E assim por diante.

Ortografia. — Para o ensino da ortografia, temos preconizado, na Escola de Professores de Curitiba, seguindo indicações da mais severa experimentação pedagógica feita por toda a parte, a processuação seguinte:

1 — Faça o professor uma relação de palavras conhecidas ou meio conhecidas das crianças, que apresentem dificuldades ortográficas comuns para os seus alunos;

2 — Escreva a primeira palavra da lista no quadro negro;

3 — Dê a significação dessa palavra, com exemplos dentro de sentenças;

4 — Chame a atenção dos alunos para a dificuldade especial da palavra. Por exemplo: Seja a palavra **excelente**. Diga o professor: Reparem bem que excelente escreve-se com **X** e **C**. Evite o professor de dar sugestões negativas, dizendo, por exemplo: Não vão escrever sem o **X**, não esqueçam o **X**, etc.;

5 — Peça, depois, às crianças que reparem bem na palavra, e fechem em seguida os olhos e formem a imagem mental da palavra dada (Procurem ver com os olhos fechados); enquanto estiverem com os olhos fechados, insista o professor: Reparem bem, estão vendo o **X** e depois o **C**? Quer dizer, chame novamente a atenção dos alunos para a dificuldade especial;

6 — Peça às crianças que escrevam no ar, com o dedo, a palavra dada, mantendo os olhos fechados, e repetindo as letras escritas.

7 — Chame uma criança para escrever, no quadro negro, a palavra estudada.

8 — Repita o processo com as demais palavras da série destinada a êsse dia.

ENSINO DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS

1.º ano

I) — A vida animal mais comum que cerca a criança:

a) — Observação e cuidado dos animais da escola. A sua vida e os seus hábitos.

b) — animais que são amigos e inimigos do jardim.

c) — os insetos: observação, coleção, gravuras, conhecimentos de detalhes, maravilhas da sua vida.

II) — A vida vegetal mais comum que cerca a criança:

a) — conhecimento das árvores e flôres da escola e do jardim próximo, pelos seus nomes.

b) — auxílio no cuidado da ordem do jardim.

c) — cuidado das flôres em vasos que podem ser colocados na sala de aula.

d) — plantio e cuidado de sementes em caixetas para observação diária. O fenômeno da germinação.

e) — coleções de sementes, flôres, cascas, madeiras, folhas, raízes.

III) — Coleção dos minerais mais comuns da região.

IV) — Palestra, que resulte em observação, sobre fenômenos físicos e químicos muitos simples, que se apresentam na vida diária da criança: o efeito da ferrugem, lentes, o imã, a evaporação, vidros prismáticos, as variações da temperatura e o termometro, o caleidoscópio, etc.

V) — Física recreativa.

VI) — Uso abundante da lente de aumento.

VII) — Excursões a parques, granjas, circos com secções zoológicas, museus de história natural.

VIII) — Para o ensino da higiene, tenha-se em conta o seguinte:

a) — organização, com as crianças mais adiantadas, de um código de saúde muito simples e organização, em seu caderno de uso diário, de um capítulo de saúde, no qual virá o código por mesmas ilustrado.

b) — frequentes dramatizações sobre êsses pontos. Por exemplo: Brinquedos de casa, de comadre, etc. . . com o objetivo de educação higiênica.

c) — referências acidentais a cuidados higiênicos. Por exemplo:

- 1.º — mandar uma criança tirar o dedo da boca.
- 2.º — contar o número de crianças que trouxeram o lenço limpo.
- 3.º — hoje só seis meninos escovaram os dentes.
- 4.º — na hora da repartição da merenda: conversação sobre alguns alimentos e higiene da alimentação.
- 5.º — notar as crianças resfriadas e ensinar-lhes os cuidados que elas mesmas devem tomar no interesse de seus colegas.

d) — contacto da própria criança com a sua ficha biométrica, levando-a a considerar, particularmente, o seu péso, como um sinal mais visível de saúde.

e) — narração de contos.

f) — utilização, como motivação, do desejo da criança de agradar o mestre, do desejo de ser alto e forte, do desejo de assemelhar-se a ideais específicos, tais como: sua mãe, seu pai, um polícia, um médico, um escoteiro, uma gravura mesmo.

2.º ano

I) — A vida dos animais e das plantas:

- a) — as metamorfoses da borboleta e da rã.
- b) — a luta pela vida: as plantas parasitas, meios de defesa dos animais, etc.
- c) — a rotação das estações e a vida: observem-se as transformações que sofrem alguns animais e vegetais no curso do ano. Dêem-se alguns exemplos às crianças e peça-se que elas procurem outros, interrogando os seus pais, outras pessoas, etc., e os tragam para informar os colegas.

d) — cuidado dos animais e das plantas da escola.

II) — Experiências muito simples relativas à vida vegetal. Ex: por que as plantas são verdes. Isole-se a clorofila, mediante a trituração de folhas (couve, por exemplo) em uma latinha com um pouco de álcool. O líquido verde resultante, filtre-se e coloque-se em um tubo de vidro, juntando um pouco de benzina. Agite-se depois, enérgicamente e deixe-se repousar até obter uma porção verde correspondente à clorofila, e outra amarela correspondente à xantofila.

III) — Fatos e expressões físicas e químicas de uso corrente. Exemplo: a água dos rios arrasta objetos. Uns flutuam,

outros submergem. Nas sargetas das ruas a água fica turva e depois sedimenta ou deposita o barro, que antes estava de mistura com ela. A água do mar é salgada porque tem, dissolvido, o sal comum. Práticas: deite-se n'água um prego e uma rolha; em uma garrafinha deite-se vinagre e azeite. Impureza de certos líquidos, filtrem-se. Deixe-se pousar um ou dois dias, em um vaso de vidro, água com argila. Dissolva-se açúcar na água: note-se que ainda filtrada a água tem sabor açucarado. Qualidades das substâncias: tenazes, frágeis, elásticas, plásticas, duras, etc. . . Comparar a dureza de diversas substâncias, etc. . .

IV) — Educação higiênica nos moldes do que se fez para o 1.º ano.

3.º ano

I) — O nascimento da planta. A semente e a germinação.

II) — O crescimento da planta. Fatores que o favorecem e o prejudicam.

III) — A planta adulta. As suas partes.

IV) — A vida de animais interessantes e contraditórios na região da escola, compreendendo-se aqui, aqueles que tem influência na vida do homem.

V) — A vida mineral da região. Características e importância para o homem.

VI) — O homem.

VII) — O ar e a água.

VIII) — O calor.

NOTA: —

Os temas deste programa são apenas exemplos de assuntos para serem tratados no curso primário. Pelo mesmo modo e segundo uma orientação semelhante, escolher-se-ão os temas para o 4.º e para o 5.º ano. Não há evidentemente nem uma razão especial para se tratar do tema calor no 3.º ano e do tema luz no 4.º e 5.º ano. Nessas condições a determinação da matéria passa a ter, aqui, um valor secundário. De importância primária é a orientação do ensino, a processuação adotada, tendo-se em vista os objetivos gerais do ensino das ciências naturais, físicas e químicas. O que é necessário, pois, é estar atento à eliminação dos temas que forçam uma orientação puramente menmônica do ensino da história natural, a eliminação de tudo que seja mecânico, estático e morto, substituindo-se tais temas por outros, que suponham sempre processos ativos de pes-

quiza do escolar ou o seu contacto com a vida que o cerca no que ela tem de interesse, de curioso, no seu aspecto dinâmico, isto é, naqueles seus aspectos de subordinação de uns fenómenos a outros. Obedecendo a isso deixamos de parte qualquer indicação da matéria para o 4.º e 5.º ano e passamos a apresentar alguns processos, de acôrdo com a nossa orientação:

I) — Para o estudo dos temas de um a cinco, indicados acima, convém por exemplo, entre o mais, adotar o processo de estudo de uma comunidade vital escolhida pelo professor de acôrdo com as possibilidades decorrentes da localização da escola. Damos como exemplos de comunidades vitais: o jardim da escola, o rio, o campo, o bosque, um tanque, a praia, a horta, o quintal de uma casa, etc. . . Em tais meios desenvolve-se uma vida vegetal e animal, recebendo os indivíduos, influências do ambiente físico e inter-influenciando-se por sua vez. A vida de cada elemento está relacionada com tudo o mais que aí vive ou aí se passa. É uma verdadeira comunidade de vida e o professor deve fazer sensível aos seus alunos, é justamente a inter-relação de todos os fenómenos nesse ambiente.

Aqui, temos como objetivo, estudar os seres da natureza em seu ambiente, vivendo, e nas suas relações de dependência e influências recíprocas. Damos um exemplo de seriação do trabalho para estudo de uma comunidade vital. Suponhamos que se trata do jardim escolar:

a) — as crianças fazem uma relação, por escrito, de todos os seres encontrado no local, com a discriminação: vegetais, animais, minerais. Enumeração feita em colunas. O professor deve estimular as crianças a fazerem as relações tão completas quanto possam.

b) — o professor escolhe então, na relação feita, aqueles termos que mais possam, pedagógicamente, interessar, podendo tomar temas como os seguintes:

- 1.º — A luta pela existência. O fenómeno do parasitismo. Os meios de defesa dos animais.
- 2.º — A rotação das estações e a vida.
- 3.º — O desenvolvimento dos seres vivos. Metamorfoses.
- 4.º — A ação da luz e da água nos vegetais.
- 5.º — As partes de uma planta.
- 6.º — A vegetação de acôrdo com o meio.
- 7.º — Coisas curiosas da vida das plantas.
- 8.º — A alimentação dos animais.

9.º — As sociedades animais.

10.º — A locomoção dos animais.

11.º — A constituição dos animais em sua relação com o meio.

12.º — Estudo da minhoca, da aranha, de insetos, do caracol, de peixes, do sapo, de aves, do coelho, do rato branco, etc. como exemplares tipos dos vermes, dos aracnídeos, dos insetos, dos molúsculos, dos peixes, dos batráquios, das aves e dos mamíferos.

13.º — A ação das águas correntes: ação destruidora e de sedimentação.

14.º — As rochas. Observação das camadas de um corte de terreno. As rochas da região.

15.º — Minerais. Algumas propriedades interessantes de alguns deles.

c) — escolhidos os temas são êles fornecidos à criança. Estudar-se-ão estes temas, um por um, do modo seguinte, por exemplo:

1.º) — Observação direta pela criança, procurando conhecer o ambiente e as relações do indivíduo com outros elementos do ambiente, hábitos de vida, utilidade ou nocividade, a sua forma em relação ao meio, adaptação ao meio, etc. . .

2.º) — palestra pelo professor, em tom de conversação, sôbre o assunto.

3.º) — investigação pelos alunos, em casa, do material de leitura relativo ao assunto, em livros e revistas; o resultado de tais investigações será trazido à classe e relatado para todos os colegas.

4.º) — idem, idem, pelos alunos, colhendo o material com os pais e com outras pessoas;

5.º) — o material colhido de tôdas as fontes na medida em que fôr obtido, vai sendo apontado, pelos alunos, em folhas de papel de formato almaço, soltas, colecionadas dentro de uma capa que terá o título da comunidade: O jardim (por exemplo). Cabem em tais folhas, desenhos, que podem mesmo ser abundantes, gravuras coladas, etc. . .

As observações podem ser orientadas pelo professor, que chamará a atenção dos alunos para detalhes que passem despercebidos. Nas classes mais adiantadas, usa-se para tal o auxílio de questionários.

Use-se abundantemente a lente de aumento.

II) — Para o estudo dos temas sete e oito damos as sugestões seguintes:

a) — física recreativa.

b) — experiências com material muito simples de física e química. O material de experiências, que deve haver em cada classe, numa caixa sobre uma mesa comprida, no fundo da sala, será composto de tubos de comprimidos, latas de pasta de sapatos, pedaços de tubos de borracha, carretéis, vidros próprios para leite, de boca larga. Os aparelhos, da maior simplicidade, na maioria dos casos podem ser feitos pelas próprias crianças. Em uma experiência, pode o programa seguir os seguintes passos:

1.º — levar os alunos a construir o aparelho.

2.º — realizar a experiência ou levar os alunos a realizá-la.

3.º — chamar bem a atenção deles para o resultado.

4.º — pedir-lhes que dêem uma explicação do resultado, que digam por que as cousas se passaram do modo que se viu; as respostas serão as hipóteses.

5.º — discutir com alunos as suas hipóteses, levando-os mesmo a verificá-las, se necessário fôr, com novas experiências, até chegar á explicação justa.

c) — como tipo de experiências que se devam realizar aqui, indicamos os exemplos seguintes, sobre o tema **Água**:

1.º — Fale-se sobre as máquinas a vapor. Depois tome-se um tubo de metal, encha-se de água até o meio e feche-se com uma rolha. Aqueça-se e a rolha é expulsa. É o principio da máquina a vapor. Mostre-lo.

2.º — Tome-se uma lata. Atravesse-se-lhe a tampa com um tubo de vidro bem fino. Encha-se a lata d'água e aquecendo-a, observe-se a dilatação da água, o que faz com que ela suba pelo tubo de vidro.

3.º — Faça-se evaporar ao fogo, completamente, uma porção de água açucarada. Observe-se o sedimento. Dissolva-se sal na água. Ponto de saturação. Elevação deste ponto com a elevação da temperatura.

III). — É indispensável lembrar as excursões, convenientemente preparadas, um dos processos de maior valor para o ensino das ciências naturais.

IV) — Organização de um museu de classe, renovado anualmente, de modo que não passe material de um ano para outro. Pode-se aqui, seguir o seguinte processo:

a) — relacionando com as observações ou referente ás excursões, as crianças trarão aquêle material que lhes pareça mais significativo. Periódicamente, discutir-se-á em classe a conveniência de conservar cada uma das peças;

b) — o aluno fará a ficha correspondente à peça colhida. Essa ficha é feita em cartão distribuido pelo professor, de feitura sempre mais ou menos uniforme. Nessa ficha serão designados: o nome da peça, a sua procedência, a data em que foi colhida, a descrição do ambiente, o que houve de interessante e até os pequenos detalhes pitorescos relativos ao momento em que a peça foi colhida, como por exemplo: o Joãozinho, quando foi apanhar essa pedra, escorregou e caiu no rio;

c) — findo o ano letivo, o professor selecionará o material que julgar ser útil e o transferirá para o museu geral da escola, com a respectiva ficha.

O museu de classe deve ser iniciado novamente, no ano seguinte, de modo que cada peça tenha significação vivida, para a criança.

ARITMÉTICA

Tem sido o ensino da aritmética e a sua rica possibilidade educativa por demais sacrificada à rotina e à indiferença limitando-se o seu ensino ao simples domínio da mecânica do cálculo.

Para se ter uma idéia mais justa do verdadeiro sentido que é preciso dar a tal ensino, apoiemo-nos na idéia de Leo J. Brueckner, mencionado por Faria de Vasconcelos.

Dentro dessa larga maneira de ver, tais seriam as funções do ensino da aritmética:

1.º — “A função de cálculo”, que “consiste na aprendizagem e na prática da operação e processos de cálculo”, Acrescentariamos que essa prática deve estar organizada de modo a que tal ensino coloque o cálculo sempre em função de situações e problemas de ordem aritmética. Aprender, por exemplo, a multiplicar, sómente para saber multiplicar, é algo absolutamente inútil, que sómente a mais superficial concepção pedagógica pode aceitar e tolerar.

“Alem dessa função há que notar a função de informação que implica o ensino de vários aspectos da aritmética, de modo tal que esta disciplina adquiere uma riqueza de sentido que não é possível alcançar, quando se consagra o tempo á função apenas

de cálculo. Assim, uma criança aprende a fazer a troca de moedas como uma operação de cálculo. Mas a real significação social do conceito da moeda não se torna clara si o professor não chamar ao mesmo tempo a sua atenção para o fato de que a moeda é o produto final dum grande número de esforços de raça humana, para desenvolver um meio eficaz de expressar o valor. Uma criança pode apreciar a diferença entre a troca e os nossos modernos sistemas de valores, pode sentir a simplicidade e a utilidade do sistema de câmbio que compreende elementos como cheques, letras, notas, obrigações, etc. Do mesmo modo, grande riqueza de sentido pode ser descoberta nos conceitos de comprimento, área, pêso, tempo, volume e outros aspectos quantitativos do meio. O trabalho em aritmética desde êste ponto de vista considerará várias matérias como grandes unidades para o estudo. Não há razão para que parte do tempo em aritmética não seja consagrado a problemas de significação social, por causa da informação que neles adquire a criança, mais do que por causa da prática que fornecem para calcular. Por conseguinte, o ensino da aritmética tem por função, não só a aprendizagem das operações e processos de cálculo, mas também a compreensão da significação social dos fatos e relações quantitativas do meio". Vem daí:

I — a aplicação da aritmética a várias situações da vida que oferecem aspectos quantitativos;

II — a utilização das oportunidades que, sob êste ponto de vista, oferecem as diferentes disciplinas para enriquecer e vitalizar a significação e utilidade do número;

III — a compreensão do papel vital que o sistema numérico tem desempenhado no progresso social, econômico e industrial;

IV — a escolha de problemas, não meramente por causa da prática que êles proporcionam para efeito de cálculo, mas, em parte pelo menos, pela significação social que encerram".

"A função sociológica consiste na contribuição importantíssima da aritmética para a viva compreensão dos aspectos das atividades econômicas — produção, consumo, etc., — e das relações sociais que se prestam ao estudo e análise quantitativa, o que implica:

I — a familiarização do aluno com as atividades da agricul-

tura, do comércio, da indústria, dos meios de transporte, da vida doméstica, etc.;

II — a familiarização do aluno com a aritmética das atividades cívicas: contribuições, impostos, taxas, etc.;

III — a compreensão das vantagens da prosperidade pessoal, da economia e da previdência, da escrituração das receitas e despesas, da elaboração do orçamento pessoal, etc.;

IV — capacidade e hábito de aplicar as operações, processos e regras aritméticas à solução dos problemas que a vida econômica, doméstica, cívica, social, suscita e que o indivíduo tem que resolver como consumidor, como produtor, como chefe de família, como cidadão".

PROGRAMA: —

1.º ano

Matéria: —

1 — Numeração:

a — De 0 a 10.

I — Sistematização e ampliação dos conhecimentos que a criança tenha trazido de casa, relativos aos dez primeiros números e às suas combinações mais rudimentares. Trabalho oral e concreto, sem referência aos símbolos gráficos, e, sempre que possível, referido a situações interessantes para a criança.

II — Noção de primeiro, segundo, último, etc..

III — Conhecimento dos símbolos escritos, até dez, e de sua significação;

IV — Adição e subtração concretas, até dez; conhecimento dos sinais de adição, subtração e igualdade. Mais tarde, conhecimento dos sinais de multiplicação e divisão.

V — Lição do zero.

b — Até 99.

I — A idéia de dezena. A dezena mais um, mais dois, até 19. Duas dezenas.

II — Duas dezenas mais uma unidade, mais duas, duas dezenas e nenhuma unidade mais. Significação do zero na coluna das unidades.

III — A série natural dos números inteiros até 99.

IV — Cálculo mental: achar o complemento aritmético dos nove primeiros números inteiros: 1-9, 2-8, 3-7, etc..

V — Contagem rítmica de 2 em 2, de 5 em 5, etc..

Pode-se fazer o exercício escrito.

VI — Números pares e ímpares até dez.

VII — Divisões concretas que não excedam o número doze.

VIII — Cálculo oral e escrito, com auxílio de material concreto enquanto fôr necessário, de adição e subtração em que não se exceda a 19. Considerar separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos tipos seguintes: 9 mais 3; 12 mais 3; 12 menos 3; 15 menos 3. Escrita dos elementos das operações em colunas, quer dizer, realização formal da operação.

IX — Adição e subtração, com auxílio de material concreto enquanto necessário, em que não se exceda ao número 99, — sem que se tenha que jogar com reservas, — realizados por escrito, de maneira formal, isto é, com os elementos das operações dispostos em colunas.

X — O mesmo que no caso anterior, com o uso de reservas, considerando-se separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos dois tipos seguintes: 26 mais 6; 66 menos 37.

XI — O mesmo que no caso anterior, no caso porém de ser necessário jogar com o zero nos elementos dados ou no resultado. Exemplo: 30 mais 76; 30 menos 15; 43 mais 27; etc..

XII — Exercícios dos tipos IX, X e XI dados fora das séries.

XIII — Cálculo oral: Arredondar um número, isto é, ver quanto lhe falta para chegar à dezena seguinte. Por exemplo: a 35 é preciso juntar 5 para chegar a 40.

XIV — Cálculo oral: Dar ao aluno o número 8, por exemplo, para que ele encontre que 8 é igual a 7 mais 1, a 6 mais 2, a 9 menos 1, etc..

XV — A multiplicação como um caso particular da adição: 2 mais 2, mais 2, mais 2 é igual a 3 vezes 2.

XVI — Iniciação ao estudo sistemático da divisão. Divisões concretas.

XVII — Números pares e ímpares maiores que 10.

XVIII — Cálculo oral: a metade dos números pares menores que 12.

XIX — Uso de aparelhos ou jogos para conhecimento dos produtos dos números dígitos, ou, simplesmente, exercícios com grãos de milho, etc., a êsse respeito.

XX — Idém para a divisão.

c — Até 1000.

I — Os números até 1000.

II — Adição com números de 3 algarismos, com duas parcelas, com transporte apenas em uma coluna.

III — Idém, apresentando a dificuldade particular do zero em uma das colunas. Idém, com um zero em uma das casas do resultado.

IV — Adição com três e quatro parcelas, graduando-se as dificuldades, como anteriormente.

V — Caso geral da adição.

VI — Subtração, procedendo-se de modo gradual, como se fez agora com a adição.

VII — A multiplicação formal por dois, considerando-se, separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos tipos seguintes: 43 vezes 2; 63 vezes 2; 60 vezes 2; 25 vezes 2; 65 vezes 2; idém, com números maiores que 100.

VIII — A multiplicação formal por 5 e depois por 3 e por 4, organizando-se, como nos casos anteriores, exercícios graduados que abranjam todos os casos, sem exceção, de transporte de reservas e do uso do zero. Considere-se que as dificuldades maiores devem exigir mais exercício. Procure, pois, o professor atender rigorosamente aos pontos de maior dificuldade para os seus alunos.

IX — Divisão formal do tipo 46 divididos por 2.

X — Idém, do tipo 126 divididos por 2.

XI — Idém, do tipo 72 divididos por 3.

XII — Idém, do tipo 73 divididos por 3.

XIII — Aplicação dos exercícios dos tipos anteriores a divisões maiores, de dividendo, porém, sempre inferior a 1000.

XIV — Uso geral das quatro operações até 1000, limitadas a multiplicação e a divisão aos casos em que o multiplicador e o divisor não excedem a 5.

XV — Problemas abundantes, relacionados com os objetivos gerais do ensino da aritmética. Os exercícios de tôdas as letras anteriores devem, mesmo, sempre que possível, fazer-se relacionados com problemas concretos, tomados do círculo dos interesses da vida escolar e doméstica dos alunos, de seus jogos, etc.. Será conveniente habituar o aluno a formular e resolver problemas por si mesmo.

2 — Elementos fracionários:

a — Idéia de metade.

b — Idéia de terço, quarto, etc..

c — Idéia de frações muito simples como $2/3$, $2/4$, etc..

d — Operações muito simples com frações simples.

3 — Medidas. Exercícios com medidas naturais.

Prática:

1 — Quando as crianças forem chegando para as aulas, vá o professor contando-as, uma por uma, diante dos outros alunos que o cercam. Fulano foi o primeiro menino que chegou hoje. Beltrano foi o último. Cicrano foi o segundo. Já chegaram 4 meninos e 2 meninas. Hoje faltaram 5 alunos. Etc..

2 — Aproveite, dêse mesmo modo, tôdas as oportunidades para contar, em voz alta, para os seus alunos, até 10.

3 — Leve a criança a colocar sôbre a carteira tantos palitos quantos dedos levantar a professora; de início a professora levantará um ou dois dedos apenas;

4 — Mostrar um certo número de objetos (2, 3, etc.) à criança e pedir-lhe que mostre o mesmo número de palitos ou o mesmo número de dedos;

5 — Dar, com um ritmo regular, um certo número de pancadas num objeto bastante sonoro e pedir que a criança reproduza êsse número batendo palmas ou de outro modo;

6 — Contagem com ritmo: pequenas rondas infantis que envolvam a enunciação da série numérica. Exemplo: 1 e 2 e 3, e 4 e 5 e 6, e 7 e 8 e 9, para 12 faltam 3.

7 — O professor coloca em frente da classe 3 ou 4 crianças; um aluno vem distribuir dois palitos para cada criança. Depois, os outros alunos repetem a distribuição em suas próprias carteiras, como si estivessem distribuindo aos seus colegas da frente da classe;

8 — Fazer cortar uma folha de papel em 2, 3, 4 partes iguais.

9 — Fazer repetir um movimento um certo número de vezes.

10 — Enfiar bolas, por exemplo de 2 em 2; 2 vermelhas, 2 azuis, 2 amarelas, etc..

11 — Fazer grupos com quantidades grandes de palitos, grãos de milho ou outros e levar as crianças a grupá-los de 10 em 10.

12 — Colocar sôbre a mesa 19 palitos; cada criança fará o mesmo em sua carteira; ajuntar mais um palito; há, agora, dois grupos de 10, 2 dezenas, vinte.

13 — Pequenas historietas que envolvam problemas aritméticos, com objetivação de gravuras ou pelo professor no quadro negro, ou de outra maneira qualquer, como, por exemplo, supondo que a carteira do aluno é um campo onde estão 12 bois pastando (os bois são representados por palitos ou grãos de milho); fugiram 3, vieram mais 2, etc. Chegou o dono e viu isso e aquilo, etc..

14 — Suponhamos que se trata de escrever 53; separemos os feixes de dezenas de palitos. Cinco feixes, quer dizer, 5 dezenas, e mais 3 unidades. Escrevemos 5 dezenas primeiro e depois, ao lado, 3 unidades. Fica 53. Fazer muitos exercícios dêse gênero, realizando a separação concreta dos palitos, até que a noção sugerida aqui se torne absolutamente familiar às crianças.

15 — Problemas resultantes de dramatizações muito simples.

16 — Prática de frações:

a — Medir o percurso feito por automóveis de brinquedo e comparar as distâncias. A metade, o dobro, mais da metade.

b — Pedir às crianças que dividam uma folha de papel em 2, em 3, em 4 partes iguais.

c — Fazer a divisão de objetos concretos, palitos, botões, pessoas; a noção de meio, de um terço, etc..

d — Dividir grupos de objetos entre crianças, fazendo exercícios de frações.

e — Fazer as crianças recortarem tiras de papel em partes iguais e fazer exercícios iniciais da adição e subtração de frações homogêneas.

17 — Prática de medidas: Aproveitar e estimular o aparecimento de oportunidades para medidas. São exemplos de tais oportunidades:

a — Distribuição de alimentos aos animais na escola;

b — Compras que a criança realiza;

c — O pêso e a medida dos animais na escola, expressos em coleções de corçoos de pêsego, em pedaços de barbanete, etc..

d — Medida de quantos palmos tem a sala de aula; quantos passos tem o pátio, etc..

e — Medida de com quantas chicanas de areia é possível encher um pacote. Três crianças são destacadas para essa atividade, enquanto as outras fazem uma atividade coletiva qualquer.

Nota: — Na impossibilidade de indicarmos aqui sugestões completas para a prática do ensino de toda a matéria, pois isso alongaria demasiado este capítulo, limitamo-nos a algumas sugestões não sistemáticas, sobretudo relativas ao primeiro período de ensino, àquêle em que as necessidades de objetivação são mais imperativas. Tais sugestões não constituem, como se vê desde logo, um guia didático completo, mas apenas exemplos de processos que esclarecem o mestre sobre a natureza do ensino nesse período e sobre a maneira de resolver alguns problemas que êle tem, então, de vencer.

2.º ano

Matéria:

1 — Numeração

a — Numeração até milhões.

b — Caso geral da adição e de subtração;

c — Multiplicação, ordenada assim:

I — Estudo da formação das táboas do 2 e do 5; do 10; depois, na ordem indicada aquí: a do 3 e do 4; a do 9; a do 6; a do 8; e a do 7.

II — Multiplicação formal, com dois ou mais algarismos no multiplicando, seguindo-se a ordenação abaixo:

1.ª etapa: Exemplo: 21 vezes 13.

Quer dizer, dois algarismos no multiplicando e dois no multiplicador, sem levar reservas à coluna seguinte.

2.ª etapa: Exemplo: 76 vezes 35.

Dois algarismos também em cada dado, com transporte de reservas para a coluna seguinte.

3.ª etapa: Exemplo: 70 vezes 35.

É o caso da dificuldade especial de introduzir o zero no final do multiplicando.

4.ª etapa: Exemplo: 32 vezes 20.

O zero está agora no final do multiplicador

e a criança deve acostumar-se a baixá-lo sem multiplicar.

5.ª etapa: Exemplo: 70 vezes 70.

Não oferece novas dificuldades, porém os zeros são uma fonte de erros e devem merecer uma atenção especial.

6.ª etapa: Exemplo: 478 vezes 72.

A novidade consiste em aumentar os algarismos do multiplicando.

7.ª etapa: Exemplo: 370 vezes 35.

8.ª etapa: Exemplo: 204 vezes 72.

O zero no centro do multiplicando oferece dificuldade e confusão, que é preciso vencer com bastante prática.

9.ª etapa: Exemplo: 279 vezes 30.

10.ª etapa: Exemplo: 308 vezes 40.

11.ª etapa: Exemplo: 175 vezes 1,6.

Multiplicação de decimais.

12.ª etapa. Deve consistir na combinação de todas as dificuldades que as etapas anteriores encerram e de todos os elementos que nelas entram.

Observação: Entre cada duas etapas deve-se pôr um número de problemas práticos que se resolvam com as multiplicações elementares cujo exercício se realizou.

d — Divisão, ordenada assim:

1.ª etapa: Exemplo: 2468 divididos por 2.

Isto é, o divisor é dígito e as unidades das diversas ordens do dividendo são divisíveis pelo divisor.

2.ª etapa: Exemplo: 24.437 divididos por 7.

O divisor ainda é um dígito, mas as unidades das diferentes ordens do dividendo não são divisíveis por êle.

3.ª etapa: Exemplo: 7435 divididos por 100.

O divisor é a unidade seguida de zeros.

4.ª etapa: Exemplo: 8532 divididos por 300.

O divisor é um algarismo qualquer seguido de zeros.

5.ª etapa: É o caso em que o divisor é formado de mais de um algarismo, qualquer que êle seja. Decompõe-se em dois casos: primeiro, em que o quociente é um número dígito e em que o divisor tem dois algarismos, sendo o das unidades 1 ou 9. Exemplo: 495 divididos por 79 e 495 divididos por 71. A razão está na proximidade que 71 e 79 guardam

em relação a 70 e 80 respectivamente, o que facilita para a criança o trabalho de achar o quociente. Segundo: o quociente, um número de mais de um algarismo, sendo o divisor formado de dois algarismos, o das unidades 1 ou 9.

6.^a etapa: Caso geral da divisão, compreendendo: primeiro, cada resto parcial tem um algarismo; segundo, cada resto parcial tem dois algarismos; terceiro, cada resto parcial tem três ou mais algarismos.

e — Numeração romana até trinta, aprendida em relação com fins úteis.

f — Números cardinais de maior uso.

g — Problemas e contos aritméticos.

2 — Medidas: Passagem das unidades naturais para as unidades convencionais. O metro, o litro, o quilograma. O cruzeiro. Conhecimento das horas.

Prática:

1 — “Usar anúncios simples de jornal para que deles os alunos formem problemas concretos”.

2 — “Formar grupos de vendedores e compradores. Os vendedores reúnem tudo quanto pode constituir atrativo para os colegas (fazendas, gravuras, retratos, livros, brinquedos e objetos variadíssimos). Fazer com que os compradores realizem compras calculando previamente os gastos. Que os vendedores emitam faturas de tôdas as vendas. Convidar os vendedores a terem um registo exato das entradas e dos gastos. Propôr aos dois grupos operações que exijam um cálculo mais complicado, feitas sobre objetos reais e mensuráveis”.

3 — Contos aritméticos.

4 — Para facilitar a aprendizagem da taboada adote o professor a taboa de Pitágoras, organizando-a com os seus alunos e colocando-a em lugar bem visível na frente da classe, para que todos os alunos sem levantar, possam ver os produtos desejados. Independente disso, cada aluno pode fabricar a sua táboa de Pitágoras, pequena, e tê-la sempre à mão.

5 — Distribuam-se aos alunos, em folhas de formato alçaço, séries de exercícios de cada um dos tipos indicados para este ano. Cada folha corresponderá a um tipo. Organize-se, assim, uma coleção completa de exercícios em folhas numeradas de modo bem visível. Jogando com o instinto lutador da criança, deve o professor incitá-la a vencer as folhas de exercícios. Isso será a maneira de realizar a individualização do trabalho ari-

tmético, progredindo cada criança dentro das suas possibilidades.

6 — Para o estudo da numeração adotar a processuação de Montessori ou outra que dela se aproxime.

Recomendações especiais:

1 — De acôrdo com a seriação do ensino indicada atrás, vá o professor anotando, em seu **Caderno de observação dos alunos**, o desenvolvimento de cada criança na aprendizagem aritmética, no fim de cada mês, por exemplo.

2 — É recomendável que se procure realizar testes de diagnóstico das dificuldades encontradas pelo aluno em cada operação, e se procure, depois, dar a cada aluno um número de exercícios especiais referidos às dificuldades individuais. Ou, então, simplesmente, observe o professor com cuidado os exercícios feitos pelo aluno, confronte-os com as séries graduadas das operações que figuram no programa, e procure localizar as dificuldades especiais de cada aluno.

3 — Procure o professor medir objetivamente, ainda, a capacidade do educando de resolver problemas.

Geometria. — Prática: —

1 — No primeiro ano, o ensino da geometria deve limitar-se a uma simples ampliação do vocabulário infantil.

2 — Para o segundo ano, recomendamos as práticas seguintes:

a — Peça o professor aos seus alunos que façam uma enumeração, em uma tira de papel, de todos os objetos da sala de aula, de que se lembrem, que vejam em um passeio em volta da escola feito especialmente para isso, etc., — que se reduzam a uma determinada forma geométrica.

b — O mesmo exercício anterior em forma de competição entre grupos de alunos, que trabalham coletivamente.

c — Leve o professor os seus alunos a, partindo de folhas de papel quadradas, do mesmo tamanho, formarem outras figuras geométricas planas; leve-as, depois, com esse material, a sentir as relações entre as figuras.

d — Organizem as crianças, em um caderno de desenho, páginas de geometria que reproduzam os exercícios de a, b e c, podendo os desenhos ser acompanhados de notas explicativas.

e — Nas conversações diárias da classe, insista o professor em usar as denominações das formas fundamentais do espaço. Cabe fazê-lo, em particular, nas aulas de desenho e trabalhos manuais.

f — Passeios para aprendizagem de geometria. Tais passeios, como tôda a excursão escolar, devem ter um plano e um objetivo certos, devendo, além disso, os alunos saírem munidos de material especial para apontamentos, para coleta de elementos diversos, etc..

3.º ano

Prática: —

.....
.....
Atividades da vida prática que podem dar lugar a operações com números:

Operações quotidianas ou regulares:

a — Distribuição dos alimentos ao canário, aos coelhos, às galinhas, ao cabrito, etc..

b — O pêso e a contabilidade dêesses alimentos ficam a cargo dos alunos.

c — Compra dêesses alimentos, verificações das quantidades compradas.

d — Compra e venda de objetos escolares.

e — Administração econômica da cantina durante um dia.

f — Compra das cousas necessárias à merenda escolar.

g — Controle dos gastos dêesses gêneros por dia, por semana e por mês.

h — A contabilidade da cantina.

i — As despesas de transporte para ir à escola.

j — A compra dos materiais para trabalhos manuais.

k — O preço dos objetos fabricados nos trabalhos manuais.

l — A avaliação do pêso e medida da estatura de cada um dos meninos.

m — A compra e utilização das sementes e das plantas para o jardim e ornamentação da sala de aula.

n — A confecção de gráficos indicadores do adiantamento nos diversos exercícios de ortografia, cálculo, leitura, etc..

o — A contabilidade dos pontos obtidos nos jogos, concursos, etc..

Atividades relacionadas com circunstâncias especiais:

a — Organização financeira de uma festa.

b — Verificação das contas de uma festa organizada em benefício de uma obra qualquer.

c — Preparação econômica de uma viagem, de um passeio, de uma excursão.

d — Organização financeira de um teatro.

e — Avaliação das despesas relativas a um melhoramento qualquer da escola.

f — Inspeção dos trabalhos e das despesas feitas com os jogos.

g — O preço dos materiais para a confecção de objetos para uma festa, assim como o preço total do custo.

NOTA: — As sugestões dadas actua devem-se a Decroll.

4.º ano

Prática: —

.....
.....
1 — Sectores da vida e da realidade que apresentam múltiplos problemas de cálculo:

a — Compra e venda de artigos de primeira necessidades e de objetos usuais. É conveniente que os escolares aprendam a conhecer os preços reais do mercado. Pode-se fazer observar como dependem da oferta e da procura. Também, mediante numerosos exemplos, pode-se dar a conhecer a importância da moeda como meio de câmbio e medida de valor.

b — Ordenados ou salários dos empregados no comércio e nas oficinas, dos operários das fábricas, dos lavradores, dos empregados domésticos, etc..

c — Seguros de vida, contra incêndios, etc.. Pontos de referência: apólices de seguro, etc..

d — Administração da família, maneira de trazer os livros de receita e de despesa.

e — O lar: gastos com o fogão, lenha, electricidade. Problemas referentes à iluminação, à cozinha, à lavagem de roupa. Problemas especiais que os pais teem que resolver para cuidar de seus filhos e atender a sua educação (vestuário, livros, etc.).

f — Problemas sobre questões agrícolas e industriais, tendo-se em conta a profissão dos pais.

g — O correio. Convênios postais.

h — Transportes ferroviários: planos de viagem, preço das passagens para criança e adultos, etc..

i — Distâncias a outros lugares, especialmente os mais próximos. Em que tempo podem ser percorridos de trem, automóvel, bicicleta, a cavalo ou a pé.

j — Administração do Município e do Estado: Impostos, multas, impôsto sobre a renda, etc.. O orçamento.

NOTA: — As sugestões dadas acima devem-se a Adolfo Rude.

2 — Cálculo mental:

a — Somar mentalmente dois números de dois algarismos.

b — Somar a outro, um número que se diferencia muito pouco de 100, 1000 e 10.000.

c — Subtrair um número que difere muito pouco de 10, 100, 1000 e 10.000.

d — Achar o dobro de um número maior que 50.

e — Multiplicar por 4. (Dobrar duas vezes).

f — Achar a metade de um número qualquer.

g — Cálculo mental simples em problemas da vida diária.

Prática: —

5.º ano

Cálculo mental:

a — Somar mentalmente dois números quaisquer.

b — Achar mentalmente a diferença de dois números dados.

c — Multiplicar um número por 4, por 8, por 16. (Dobrar 2, 3, 4 vezes).

d — Multiplicação por 5, por 25, por 9, por 11 (Dez vezes, menos uma ou mais uma vez).

e — Divisão por 5, por 25, por 2, por 4, por 8, por 16.

— 98 —

GEOGRAFIA. — OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO DA GEOGRAFIA.

1 — Levar a criança, mediante, sobretudo, um trabalho pessoal de pesquisa e observação, ao conhecimento geral dos fatos geográficos, (a terra, a vida animal e vegetal que nela se desenvolve, o homem, — aí compreendendo-se a sua vida econômica, cultural e política, e compreendendo-se as relações entre os povos), levando-a a apreender as inter-relações necessárias;

2 — Dar à criança uma noção larga da geografia do Brasil e particularmente do Paraná.

3 — Dar-lhe uma noção da vida geográfica fora de sua Pátria, ao mesmo tempo que uma concepção geográfica geral da terra, considerada em si mesma e nas suas relações cosmo-gráficas.

4 — Auxiliar a formação cívica da criança, fazendo-a sentir a vida de sua Pátria e as suas necessidades, levando-a a desejar contribuir para a solução de seus problemas objetivamente considerados.

5 — Dar à sua formação cívica um sentido complementar de solidariedade entre as nações, despertando na criança a simpatia pelos outros povos, a compreensão de sua vida, e fazendo-a compreender que tal solidariedade é um imperativo das condições mesmas da vida contemporânea.

6 — Levar a criança a uma ampliação de sua personalidade mediante o contacto com outras culturas, com outras formas de vida.

7 — Despertar na criança a curiosidade para as mil revelações que o conhecimento geográfico pode lhe proporcionar, dar-lhe hábitos de observação, de investigação bibliográfica, etc..

8 — Levar a criança a compreender o valor que a vida social representa para o indivíduo, e os deveres que daí decorrem para cada um.

9 — Levar o aluno à reflexão e interesse pelos problemas locais, ao estudo das soluções que eles exigem, etc., de modo a marcar o papel e a responsabilidade de cada um na organização da vida no meio em que ela se desenvolve.

1.º ano

Prática:

1 — Os alunos, nos dois primeiros dias de aula, visitam a

— 99 —

escola, nas suas diversas dependências, aprendem a mover-se dentro dela, familiarizam-se com a sua nova casa.

2 — Conversação com as crianças, sobre o percurso que elas fazem para vir à escola, sobre a maneira como veem, etc. O professor mostrará, em relação a cada criança, o lado de onde ela saiu; dará aí, a primeira idéia do mapa, representando com um pequeno quadrado, no chão, a escola, e indicando, depois, a situação da casa de cada aluno, pela direção e distância apenas.

3 — Conhecimentos da cidade, úteis para pequenos serviços que a criança possa prestar, referidos às circunvizinhanças da escola e às circunvizinhanças de seu lar. Levá-las, assim, a saber: onde fica a farmácia, a caixa do correio, o armazem, o telefone mais próximo. Ensinar a criança, com telefone de brinquedo, a telefonar para êsses pontos e outros de utilidade.

4 — Alguns conhecimentos interessantes da cidade, cousas curiosas, etc. Palestras do professor, livre conversação instrutiva dos alunos, que contarão de lugares desse tipo que conheçam, etc.

5 — Idéia das profissões, partindo das profissões dos pais das crianças. Outras profissões conhecidas das crianças. O professor estimulará as crianças a uma livre conversação instrutiva a êste respeito, levando-as a contar particularidades que conheçam. Baseados nessas conversas, brinquedos relativos às profissões. Idéia da igualdade do valor moral das profissões honestas.

6 — Relação das fontes de produção da localidade. Fabricas ou centros de produção agrícola e seus produtos. Livre conversação instrutiva.

7 — Mapa meteorológico, marcando as crianças o estado do tempo mediante desenhos significativos feitos depois de observação, ou de memória (um homem tomando sorvete, um sol muito radiante, u'a mulher com guarda chuva armado, etc).

8 — Alguns acidentes geográficos da localidade, visíveis da escola ou que sejam de conhecimento da criança. O rio, a montanha que aparece ao longe, etc. O mar.

9 — Alguns acidentes geográficos que se possam apresentar às crianças tomando como ponto de partida uma livre conversação instrutiva em que as crianças contem os seus

conhecimentos a respeito. Representação no taboleiro de areia dos acidentes geográficos aprendidos por êsses processos.

10 — Orientação, partindo-se da noção de direita e esquerda, de em frente e atrás, e passando daí, depois de mostrar a relatividade de tais noções, à noção dos pontos fixos de referência, que serão marcados, de um modo geral, pela entrada e saída do sol. Aplicações numerosas.

11 — Conhecimento prático da medida do tempo. Dia, semana, meses e ano. Para isso:

a — Formar coleções de cartões grandes com os nomes dos dias da semana. Um aluno separa diariamente um cartão correspondente ao dia da semana, colocando-o à vista da classe, podendo mesmo anunciar: hoje é segunda feira. No fim da semana, contam-se os dias. Nota-se a ordem em que êles aparecem. No fim do mês pode-se contar os domingos, as segundas-feiras, etc.

b — Coleccionar blocos de folhinhas, com os quais se podem fazer exercícios semelhantes.

c — Pendurar na classe cinco cartões mais ou menos do tamanho de uma folha de papel almaço com estampas ou desenhos que representem variações do tempo. Por exemplo: Num cartão, o dia de chuva; noutro, o dia de sol, noutro, de vento, noutro, de frio, noutro, de calor. Na parte inferior de cada cartão, haverá um porta-cartões onde irão sendo guardadas as folhas do bloco das folhinhas que forem sendo tiradas dia a dia e de acôrdo com o tempo que fizer. No fim do mês, retirando as folhas de cada porta-cartões, os alunos as contarão para ver qual foi o número de dias de chuva, de sol, etc.

Ambiente de classe:

1 — Taboleiro de areia. Uma disposição muito prática e simpática do taboleiro de areia resulta de sua colocação em um dos ângulos da sala, no chão ou sobre u'a mesa, podendo ser as suas paredes coloridas, de um cereja sensível, por exemplo. Além do taboleiro de classe, é conveniente que a escola tenha, no pátio, outro grande, de 3m×3m mais ou menos, dentro do qual as crianças possam trabalhar livremente e brincar na hora do recreio.

2 — Os mapas do tempo, feitos pelas crianças, serão expostos em classe, — dois ou três de cada vez, pregados com

taxinhas, em lugar adequado para exposições gráficas da classe. Esse local pode ser um quadro mural de madeira, de tom cinzento prateado fosco.

2. ano

Prática:

1 — As crianças serão levadas a construir, no taboleiro de areia, os principais fatos geográficos da localidade, ou de memória, ou depois de observação ou por informações obtidas pelas crianças. Lembre-se aqui como processo excelente, levar as crianças ao conhecimento detalhado da região, mediante visitas sistemáticas e numerosas, depois de cada uma das quais far-se-á a reprodução, no taboleiro de areia, da nova porção conhecida, de modo que, terminada a série de visitas, resulte, na escola, uma miniatura da região, detidamente estudada.

2 — Estudar, por êsse processo:

a — O rio, lembrando as suas margens, o seu leito, o seu fundo pedregoso ou barrento, a sua velocidade, a sua direção e o motivo que a determina; cabeceira, nascente, etc.; o trabalho do rio, de carreamento, de sedimentação, de fertilização das zonas marginais; a sua ação de erosão. A sua influência na vida local, enchentes, meios de transporte, moinhos, etc., rodas de água, etc.;

b — as irregularidades do terreno.

c — as fontes de produção: fábricas, culturas, etc.;

d — a localização de seus órgãos culturais, de administração, etc.

3 — Estudar o clima, a composição da população, as suas ocupações, as produções da localidade, os costumes dos habitantes, as autoridades locais, os meios de comunicação.

4 — Animais e plantas da localidade. Importância para o homem.

5 — Representação, no taboleiro de areia, dos fatos acima que o possam ser, e transcrição, posterior, em uma carta geográfica.

6 — Idéia das convenções topográficas e levantamento de cartas topográficas rudimentares, ao modo dos escoteiros, ou, jogando com a imaginação dos alunos, com apêlo à sua atração pela vida dos aventureiros, etc..

7 — Para o estudo das cidades do Estado, usar, por exemplo, da livre conversação instrutiva, apelar para os co-

nhecimentos dos alunos, mostrar fotografias, retratar as cidades, contando particularidades suas, pedir a pessoas que viveram aspectos típicos e curiosos de cada região que venham narrá-los às crianças, levar os alunos a realizar investigações junto aos maiores, etc..

Ambiente de classe:

1 — Organize-se um pequeno museu de geografia local. Nesse museu, em que cada peça terá a sua ficha, como se faz no ensino da história natural, podem figurar desenhos ilustrativos feitos pelos alunos, etc..

2 — Arquivo geral dos trabalhos dos alunos, em lugar visível.

Nota: O ensino da geografia local deve ser matéria de todos os demais anos seguintes do curso primário, de maneira a criar nos alunos a consciência dos problemas de sua localidade e da maneira de enfrentá-los e resolvê-los. Visa-se, com isso, a mais profíqua influência da escola na solução dos problemas locais.

3.º, 4.º e 5.º ano

Prática:

1 — Discutir com os alunos alguns problemas ao seu alcance, de ordem administrativa, econômica e cultural da geografia local, do Estado, do Brasil.

2 — Canções e dansas regionais.

3 — Arte popular das diversas regiões do Brasil.

4 — Coleção de gravuras, postais, etc., do Brasil e dos principais países do mundo.

5 — Recortar, em madeira, com serra tico-tico, o contorno do mapa do Estado, por exemplo. Utilizar êsse recorte para traçar êsse contorno muitas vezes, com o fim de, em uma vez, fazer a localização das cidades; em outra, dos rios; numa terceira, da distribuição da produção, das vias aéreas, das auto-vias, das vias férreas, etc..

6 — Selos de correio.

7 — Elaboração de pequenos relatórios, mediante investigação pessoal, sobretudo investigação bibliográfica, relativos, por exemplo, a um certo rio, ou a uma certa região, etc..

8 — Leituras geográficas atraentes e sugestivas.

9 — O caminho dos grandes descobrimentos, a sua aventura; grandes exploradores, etc..

- 10 — Acompanhar pelo jornal, no mapa, acontecimentos mundiais de significação educacional.
- 11 — Desenhar traços característicos de diversos paizes ou diversas regiões do Brasil.
- 12 — Lêr relatórios de viagens etc., e acompanhá-los no mapa.
- 13 — Desenhar paisagens típicas de outros paizes ou de grandes regiões do Brasil.
- 14 — Escolher, por exemplo, um rio, ou uma ferrovia. Com um mapa, fazer uma relação das localidades por onde passa.
- 15 — A vida para nós estranha dos desertos, das regiões polares, etc..
- 16 — Estudo raciocinado da geografia local.
- 17 — Organização de museu regional.
- 18 — As festas, os hábitos regionais do Brasil, de outros países.

ESCOLA RURAL

A ESCOLA RURAL — Alguns apontamentos.

Suponhamos que Vossamercê seja professor de uma escola isolada, junto ao mar e eduque filhos de pescadores, — essa gente que vive, entre nós, uma vida tão pobre e de nível tão baixo. É muito provável que todos os seus alunos, ou quasi todos, a maioria seguramente, quando crescer, continue a viver junto ao mar e continue a profissão de pescador que aprendeu em casa e em seu meio.

O caso é mais ou menos o mesmo si a sua escola está em uma zona rural, onde os moradores são colonos ou caboclos agricultores, ou si ela está em outros meios semelhantes.

Que é que tem o professor de fazer aí?

Muitas pessoas têm tido a idéia de dar àquelas crianças uma educação para fazer delas melhores pescadores, ou melhores agricultores, etc. Isso está errado. A escola primária comum não pode pensar em fazer do aluno nem pescador, nem agricultor, nem marceneiro, nem qualquer outra cousa assim. A obrigação dela é dar aos seus alunos um certo tanto de educação geral. Ensinar o indivíduo a ler, a gostar de ler, a ler bastante, — por exemplo, — é educação geral. Qualquer que seja o que êle venha a ser mais tarde, — médico, marceneiro, pescador, etc., — é útil e necessário que êle saiba ler, goste de ler, que leia bastante. Isso é, pois, educação geral. Do mesmo modo, qualquer que seja o que êle venha a ser mais tarde, deve conhecer certos cuidados de higiene, deve ter boa saúde, deve saber algumas contas, e saber usá-las na sua vida de todos os dias, deve querer ser útil aos que vivem junto dele, deve conhecer alguma cousa sobre o mundo que o cerca, deve saber de sua pátria, e deve saber uma porção de cousas mais dêsse tipo, que o indivíduo pode aprender enquanto criança. É essa educação geral, essa educação que todos os indivíduos devem ter, qualquer que seja o que êles venham a ser mais tarde, que a escola primária deve procurar dar a todos. Isso e nada mais.

Assim, está errado que a escola primária pense em fazer de uma criança, por força, pescador, por exemplo, só porque

ela nasceu junto ao mar e provavelmente, quando adulta, vai continuar a viver ali.

A obra do professor primário é, pois, dar aos seus alunos uma educação geral. Ele não deve pensar em transformar a sua escola em centro de formação especializada.

Mas, apesar disso, ainda precisamos dizer mais algumas palavras. Voltemos, de novo, a imaginar uma escola isolada junto ao mar, destinada a filhos de pescadores, — essa gente que vive uma vida tão pobre e de nível tão baixo.

A sua obrigação é dar a essas crianças, como ficou dito, uma educação geral. Acontece, porém, que esse trabalho, no meio em que está colocada a sua escola, tem de ser feito de um jeito especial. Os problemas que o professor dessa escola tem que resolver são muito diferentes dos problemas de uma escola na cidade ou de um grupo escolar.

Em primeiro lugar, essas crianças são muito mais atrasadas que quaisquer outras das cidades. Não é preciso, mesmo, que digamos isso. Depois, o meio em que elas vivem em sua casa é pobre de todas as cousas. O trabalho da escola fica perdido, em grande parte, pela falta de qualquer auxílio vindo do lar. Por exemplo: o professor dá, na escola, umas aulas diárias de exercícios físicos, dentro dos moldes mais científicos de que puder dispor. Tudo isso fica perdido ou quasi, porque, em casa, a alimentação é má e insuficiente, etc., etc. E nós hoje vamos compreendendo, cada dia mais, que muito da educação física é alimentação, — por exemplo.

Por isso, o trabalho da escola tem de ter, dia e noite, a preocupação de fazer com que as crianças que lhe estão confiadas cheguem a viver como homens, cheguem a viver uma vida melhor. A escola não estará fazendo o suficiente si os seus alunos, si cada um dos seus alunos não estiver todos os dias vivendo um pouco mais como homem. É preciso cuidar-se atentamente deste ponto. É a única coisa que deve preocupar o mestre, em cada uma das horas de trabalho, e em cada uma das horas de repouso. É preciso que ele, o mestre, repare, todos os dias, em cada aluno. Veja si ele está ganhando em vida verdadeiramente humana. Veja si a vida dele está melhorando. Si não estiver, é preciso pensar no que se deve fazer por ele. E não pare o mestre de pensar enquanto não haja resolvido o seu problema. Nesta primeira parte deste programa das escolas isoladas, nós dizemos que o único programa é o de fazer estas crianças che-

garem a viver uma vida melhor, cheguem a viver como homens. E tudo que constar de um programa escolar não deve ser sinão com a preocupação de auxiliar o professor a resolver esse problema, a cumprir essa diretriz. O verdadeiro programa é esse. O mais são instruções para realizá-lo.

E, ao dizer isso, nós temos de lembrar as lições de Pestalozzi. Esses lições devem ser o guia do professor. É preciso pensar nelas antes de começar cada dia de trabalho.

Vamos recordar as lições do mestre, apesar de já haverem sido referidas atrás.

“Conheci o povo como ninguém mais o conhecia. E não me seduziam os seus júbilos pelos seus lucros no comércio, nem sua riqueza crescente, nem as suas casas esbranquiçadas, nem as suas esplêndidas colheitas, nem o socratizar de alguns de seus mestres, nem os seus círculos literários. Eu via a sua miséria”.

Eis aí: “Eu via a sua miséria”.

“Sofri o que o povo sofria e o povo se me mostrou como a ninguém mais se mostrou”.

“Eu mesmo vivi como um mendigo, para ensinar os mendigos a viver como homens”.

“Meu coração aspirava um só e único fim: secar as fontes da miséria em que eu via sumido o povo, em tórno de mim”.

“Que problema educar aquelas crianças!” “Eu me atrevi a resolvê-lo”. “Eu conhecia como ninguém as fontes de seu embrutecimento e degradação. E eu não queria nada, absolutamente nada, sinão secar essas fontes e curar esses males”.

“Eu teria ido até as covas mais apartadas da montanha para me aproximar de meu fim”.

“Não sabia com precisão o que eu fazia, mas sabia com precisão o que eu queria: a morte ou a aquisição de meu objeto”.

“Meu peito ardia em cólera contra o homem que ainda exclamava: O melhoramento do povo é apenas um sonho”.

“Não, não é nenhum sonho esse melhoramento.... Hei-de calar os maus e não mais exclamarão: É um sonho”.

“Ao tentar o impossível, vi que era possível o que eu não podia suspeitar”.

Esse é o programa das escolas isoladas. O mais, como dissemos, são apenas instruções para realizar esse programa.

Antes, porém, de quaisquer instruções, devem vir aqui,

ainda, duas sugestões que nos parecem muito importantes. Parece-nos que, sem elas, nada é possível para realizar aquele programa.

Em primeiro lugar, parece bem claro que o professor não conseguirá fazer os seus alunos chegarem a viver como homens, si se limitar, na escola, a ensinar umas continhas e outras cousas assim.

Mesmo subindo um pouco mais, nós já demos aquêlo exemplo com a educação física. Não adiantam exercícios físicos diários na escola, por mais científicos que sejam, por mais pedagógicamente bem orientados, si outras cousas não forem tidas em conta, si a alimentação não fôr tida em conta, por exemplo. E isso torna a questão extremamente séria e difícil. Nesse momento, recordamos, porém, Pestalozzi. "O meu peito ardia de cólera contra o homem que ainda exclamava: O melhoramento do povo é apenas um sonho". "Não, não é nenhum sonho êsse melhoramento". "Ao tentar o impossível, vi que era possível o que eu não podia suspeitar".

Aquela situação parece que cria para o professor a obrigação de não limitar o seu trabalho ao simples trabalho na classe. A educação dessas crianças que são confiadas ao professor precisa sair das salas de aula, precisa sair das acanhadíssimas horas de ler, escrever e contar. É preciso que a escola, nesse caso, saia das salas de aula para as ruas, para o campo, para o lar, para as diversões do povo, para os seus trabalhos nas horas de folga, para a sua vida tóda. É preciso que a escola seja um centro de vida social da localidade. É preciso que todos se congreguem em tórno dela. É preciso que todos vivam à sua sombra. É vossamercê, professor, há-de ser o organizador dessa vida, há-de ser o seu animador. É certo que, para isso, muitas vezes, Vossamercê precisará de auxílio. Nós dizemos com júbilo, felizmente, que há mil pessoas para auxiliá-lo nesse instante, pois as pessoas de boa vontade ainda são mil e mil. Há associações especializadas, serviços especializados, indivíduos especializados que podem auxiliá-lo nesse instante. Procure informar-se de tais organizações e peça-lhes auxílio.

Adiante vão planos para reorganização dessa vida. Vossamercê precisa ser um líder dentro de seu meio. A sua escola precisa ser um centro de vida social da localidade, precisa ser um centro de irradiação para a educação do povo. É inútil, porém, querer fazer as cousas sem plano.

PLANO PARA UMA ASSOCIAÇÃO FUNCIONAL: —

Art. — A Sociedade fundada em com sede em município de, é uma organização constituída em tórno da escola local e composta dos que a ela se filiarem, pelos processos descritos nestes estatutos, e tem por fim: reunir e unir a população da localidade para uma vida social e saudável; criar, estimular e orientar a boa vontade de todos para o progresso da região; auxiliar, em tudo, o desenvolvimento da escola local.

Art. Para a realização de seus fins a Sociedade executará as ações seguintes e outras semelhantes: promoverá festivais, como bailes, pic-nics, reuniões esportivas, festas escolares, teatro, etc., contando para isso com os seus próprios elementos ou convidando elementos extranhos; organizará um câro, tomando como ponto de partida os seus festivais, e o canto e a dansa nesses festivais, ou procedendo de outra maneira qualquer mais conveniente ao caso; manterá quadros regulares para a prática de esportes, atendendo às diferentes idades e aos dois sexos; proporcionará à escola tóda a assistência que lhe fôr possível e ela necessitar; promoverá reuniões periódicas em sua sede ou outro local, com objetivo exclusivo de sociabilidade, com programas educativos agradáveis e capazes de atrair os associados; procurará estimular a frequência à sede nas horas de folga, mesmo tempo que procurará fazer com que a sede, só por si, possa ser elemento de educação e sociabilidade para os seus associados; cuidará de proporcionar aos seus membros um após-trabalho saudável e alegre.

Art. Para a realização dessas ações, a Sociedade adota os planos constantes dos anexos que acompanham êste regulamento e outros que, nos mesmos moldes, e com o mesmo espírito, se venham a organizar.

Anexo I

"A escola rural contribue para o desenvolvimento do estado econômico da comunidade organizando os vizinhos para procurar um maior rendimento do solo, para obter caminhos e comunicações postal, telegráfica e telefônica, procurando mercados para os produtos e implantando novas culturas para que sirvam como unidades de demonstração para os camponeses. A criação de animais (galinhas, pombas, abelhas, coelhos, ca-

bras, etc.), constitue também um elemento de demonstração e de propaganda, com o fim de desenvolver o estado econômico'.

Temos, hoje, ainda melhor, preconizado que a escola tenha animais menores para reprodução (um terno de porcos, por exemplo, de boa raça), cedendo ao aluno os produtos novos dessa reprodução, cabendo a êle, sem poder vendê-lo ou matá-lo, cuidar dele, devendo, quando estiver em idade e ponto de ser vendido, trazê-lo para ser vendido pela cooperativa da escola, devendo o resultado da venda ser repartido como se repartem os resultados das cooperativas. O mesmo com ovos de galinhas de raça, etc. O mesmo com mudas de hortaliças e frutas.

Anexo II

Nos bailes, procurar-se-á organizar, ao lado das dansas aos pares, que são comuns, dansas coletivas, a princípio como recreio apenas, dansas então divertidas, e, depois, aos poucos, progressivamente, mais artísticas, até organizar um verdadeiro côro de dansa, acompanhado ou não de canto.

Para ponto de partida, podem citar-se algumas dansas muito conhecidas entre nós, como a dansa com a vassoura, etc.

A pedagogia da organização desses côros, na sua fase inicial, é simples; basta que, na festa, em meio da animação, um qualquer dos presentes, de espírito comunicativo, proponha a dansa a todos, mostre em duas palavras como ela se faz, e principie, mesmo apezar de alguns erros e retraimentos iniciais. Tôdas as cousas se resolvem, então, por si mesmas. Depois, na medida em que as cousas vão progredindo, o grupo coral pode e deve ir se tornando independente da festa, constituindo-se como um organismo, etc., Depois, quando o côro tenha conquistado tôda a sua independência em relação ás festas, e já comece a representar qualquer valor, do ponto de vista artístico, voltará ás festas, agora em caráter de exibição.

Quando o Côro começar a se constituir assim, procure o professor, ou quem esteja incumbido dessa tarefa, entrar em comunicação com indivíduos, ou organismos, ou instituições, ou obras, que o orientem na maneira de conquistar uma verdadeira linha de arte.

Convém dizer-se que os bailes não precisam ser feitos em salão, por força. Podem ser feitos ao ar livre.

Anexo III

Para as reuniões periódicas na sede, adotar-se-á a pedago-

gia seguinte: O importante é principiar. Principie o professor ou quem disso estiver incumbido, dentro da Sociedade, com os elementos de que puder dispor no primeiro momento, mesmo que seja apenas um ou dois.

Convide, porém, largamente. É certo que, de início, virão poucos. Principie-se, mesmo, então, apenas com aquêles poucos, um ou dois, referidos. A matéria da reunião é conversar, apenas. É certo que os vizinhos se visitam e conversam. A reunião, aqui, é como uma visita que todos os presentes se fazem a todos, uns aos outros. No curso, porém, da reunião, quem esteja encarregado de dirigi-la, cuidará de fazê-la educativa para todos, porém de uma forma muito leve, imperceptível quási. Para atrair, e também já para educar, pode-se distribuir aos presentes, por exemplo, uma xícara de chá simples ou com umas bolachinhas. Para que a reunião torne-se educativa, assim daquele modo leve, pode-se fazer cousas do tipo das seguintes; ver revistas ilustradas, sobretudo boas revistas; podem as mulheres conversar sobre cozinha (far-se-ão sugestões inteligentes podendo-se, mesmo, ir à cozinha e preparar alguma cousa para a própria reunião); ouvir discos; tocar qualquer instrumento ou mesmo cantar, mesmo que seja muito simplesmente (qualquer dos presentes que tenha qualquer habilidade nesse sentido pode ser chamado, ainda que se trate de cousa de pouco valor); conversar sobre o trabalho local, aproveitando o orientador a oportunidade para dar sugestões ou sugerir que se tracem planos, etc.; conversar sobre os problemas locais, — a escola, por exemplo, as estradas, as doenças, a construção de uma quadra de boliche, a reparação de um pontilhão, doenças, os cuidados profiláticos, etc., sem perder nunca o tom de conversa, tudo de permeio com a conversa geral e com os assuntos que surgem naturalmente nas conversas; ver isto e aquilo, uma coleção de selos conseguida por empréstimo, uma coleção de fotografias, uma coleção de tecidos, uma coleção de fotografias de interior de residências, etc; discutir a organização de uma atividade coletiva qualquer, como, por exemplo, a organização de uma pequena indústria local, de trabalho doméstico ou não, em organização cooperativa, etc.; e assim por diante.

Anexo IV

Para que o sede possa ser, só por si, um elemento de educação para os associados, pode-se atender às sugestões seguintes ou outras dêsse tipo: organizar-se-á, em frente da mesma,

ou em torno dela, um jardim, não plantado desordenadamente, mas segundo um plano muito simples, mas simpático, e com a maior linha de estezia; procurar-se-á que a Sociedade tenha, como dependência sua, um terreno cedido para esportes, que será cuidado pelos próprios associados, mantido sempre na melhor linha de ordem; eliminar-se-ão, nas suas decorações, tôdas as ornamentações de mau gôsto, como folhinhas grosseiras, enfeites com papel de seda pelo teto, ou outras dessa natureza, que são comuns no interior de nosso Estado; organizar-se-á uma decoração de extrema simplicidade, mas do maior apuro; umas cortininhas muito alvas ou de côres alegres nas janelas, muito limpas sempre, — uns vasos que podem ser latas envolvidas em papel de côres sensíveis, com plantas ornamentais, com flores, — uma canário a um canto, — nas paredes gravuras com reproduções de boas obras de arte, — em estantes, objetos de arte popular produzidos na própria localidade ou objetos ornamentais simples, etc.

A objeção de que, para tudo isso, é necessário possuir uma sede, responde-se assim: A sede deve nascer da própria associação do povo. Não há quasi logar algum onde a coordenação dos esforços dos habitantes da localidade, animados por um espirito organizador, não consiga levantar uma sede, que, assim, já nascerá como uma grande força educativa, pelo que representará de esforços coletivo, de organização coletiva do esforço para uma obra social, etc.

É claro que a Sociedade deverá vir antes da sede. Então, de início, pode a sociedade funcionar na sede da escola, naturalmente com as suas atividades um pouco limitadas por essa circunstância.

Um galpão, um depósito, qualquer espaço coberto grande pode servir, emprestado, para certas das atividades sociais, no princípio. É tudo simples questão de organização. Em qualquer caso, procurar-se-á, sempre, criar um ambiente materialmente agradável, muito simples tudo, com extrema ordem, com extremo asseio, com a mais excelente iluminação que se puder obter, — um ambiente simpático e capaz de educar em síntese, — capaz de despertar nos que o frequentem a vontade de imitá-lo, capaz de proporcionar a todos sugestões exequíveis dentro do meio.

Anexo V

Na intenção da criação de um após-trabalho saudável e

alegre, a Sociedade organizará ações como as seguintes: organização de um teatro entre os seus membros; representações de Teatro para os seus membros; biblioteca; sessões de narração de histórias para as crianças; sessão de narração de novelas, a princípio de contos, para os adultos; sessões de trabalhos manuais, para desenvolvimento das formas de arte popular da localidade ou outras (Por exemplo: em núcleos de colonização polonesa, reatar a tradição da fabricação de tapetes; em zonas de herva-mate, estimular a arte de ornamentar a canivete as cuias, as guampas, organizando sessões especiais para isso, convidando quem tenha exemplares interessantes a vir mostrá-los, e convidando quem saiba fazê-los a vir ensinar os companheiros, etc.); sessões de atividade musical, procurando-se aproveitar os elementos locais, o material já existente e procurando desenvolver êsse princípio (Para o canto, por exemplo, procure-se organizar um repertório de canções do folk-lore, de valor artístico e fáceis, que irão sendo vulgarizadas nas sessões próprias, ensinadas ao maior número, etc); sessões de informação, em que se contará da vida em outras partes, de cousas curiosas, de cousas de valor, etc., de modo ameno, simples, agradável, insinuante, com ilustrações si possível, etc.; organização de excursões coletivas, com plano determinado, para ver cousas interessantes, ou simplesmente com interesse de sociabilidade (assim, pode-se organizar excursões, por exemplo, para ir a uma cidade próxima assistir a um teatro, ver um museu, conhecer uma gruta, fazer um pic-nic, etc.); organização de exposições sobre assuntos diversos, exposições fotográficas, exposições de arte popular, etc.; organização de festivais com elementos estranhos à localidade, para demonstração esportiva, demonstrações de arte, etc; organização de concursos diversos, sôbre os temas mais variados, como concurso de produtos agrícolas, de galinhas, de flores, de verduras, de objetos de arte popular, etc.

PLANO PARA UMA ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS —

É evidente que o trabalho da escola isolada se irá perder, pelo menos em grande parte, si a escola perder o seu contacto com os alunos que terminaram o curso. Para evitá-lo, a medida mais acertada é a organização de uma associação de ex-alunos. Deve ter, naturalmente, um caráter recreativo para poder atrair as crianças. Daí, talvez as atividades esportivas devam ser a ati-

vidade nuclear. Igualmente o teatro, o teatro de fantoches, as excursões, os pic-nics, etc.

Mas, ainda que dessas atividades se deva desprender uma atividade educativa, que será até considerável, tomará o professor cuidado de desenvolver atividades ainda mais amplas. Por exemplo: Sessões de leitura. (Isso é fundamental. É preciso cultivar o hábito de leitura a todo o custo. Fazer ler revistas, novelas, livros de narrações, fazer ler muito sobretudo). Sessões de desenho, pintura e modelagem livre. Discussão dos problemas locais de higiene, etc. Discussão de problemas e notícias de ordem administrativa, econômica e cultural, da localidade, do Paraná, do Brasil. Conhecimento de canções regionais, Etc., etc..

ALGUMAS OBSERVAÇÕES ESPECIAIS SOBRE O ENSINO DE CERTAS MATÉRIAS NA ESCOLA RURAL: — Economia doméstica. — O objetivo especial deste ensino há-de ser a preocupação de influir no ânimo das crianças de tal modo que estas sejam os instrumentos de novas condições de vida familiar, condições materiais, higiênicas e espirituais. O professor observará atentamente a vida dos moradores da localidade e procurará, através de seus alunos, nas aulas sobretudo de economia doméstica, criar novos hábitos de vida, elevar o nível da vida local, pelo menos naquilo que depende apenas de novos hábitos.

Nessas condições, o ensino da economia doméstica adquire aqui uma significação excepcional e deve merecer, dêsse modo, a atenção muitíssimo cuidadosa do mestre. Esse é o motivo por que o programa de economia doméstica, nas escolas isoladas, tem importância talvez maior que qualquer outro e deve ser colocado em primeiro lugar. Quaisquer sugestões gerais que se façam relativamente a tal programa devem ser consideradas como meras sugestões de assuntos a enfrentar. O verdadeiro programa, porém, a que o professor deve obedecer, será aquêl que lhe for ditado pela observação da vida local, de suas deficiências, em vista daquela elevação de nível que é o propósito único.

TEATRO ESCOLAR: — Para o teatro escolar pode o professor da escola isolada de interior adotar as sugestões seguintes: Fazer as representações ao ar livre. Para o palco, colocar algumas táboas em cima de caixões por exemplo, ou simplesmente limitar com varas um espaço semelhante a um palco. Si desejar um palco maior, fazer, com os alunos maiores ou com os pais

dos alunos, três armações grandes quadradas, com dois metros de lado, revesti-las com pano de juta (estopa), de modo que possam vir a servir de paredes laterais e de fundo do palco, armados ao ar livre.

O teatrinho de fantoches pode executar-se assim: A representação pode ser feita mesmo no vão de uma janela, preparada até com papel de jornal, de modo a ficar como a boca de um palco. Os bonecos são construídos com massa de papel, que se obtem rasgando um jornal em pedacinhos bem pequenos e amassando-os molhados até ficarem reduzidos a uma pasta; nesse ponto, coloca-se a pasta em tórno da cabeça de um cabo de vassoura, aperta-se até escorrer bem a água e ficar u'a massa bem unida; com o cabo de uma colherinha de café ou outro instrumento semelhante, procura-se esboçar a fisionomia do boneco; leva-se a secar; quando a massa, posta a secar, já adquiriu uma consistência maior, completa-se a modelagem; depois de completamente sêca pinta-se com tinta de parede, dissolvida em água e cola. Construídos os bonecos, cumpre fazer a roupa que será atada ao pescoço do fantoche, pois só lhe modelamos a cabeça; a roupa, em sua forma mais simples, pode ter a forma de um camisolão. Os pés são presos à parte de baixo da roupa. Os bonecos animam-se, colocando o animador a sua mão por dentro do camisolão, e, aí, o dedo indicador dentro da cabeça do fantoche, e os dedos polegar e médio um em cada manga, conseguindo-se, então, movimento dos braços e da cabeça, com uma plasticidade muito elevada.

O professor deve procurar levar os próprios alunos a escreverem as peças, fazerem os cenários, os bonecos, as roupas, e procederem à representação. Isso não só é fácil, mas facilímo de conseguir com alunos de 3.º e 4.º ano primário. Mesmo uma criança de primeiro ano consegue fazer bonecos bons, tem grande prazer em fazê-los e lhes dá uma vida no palco, certamente não organizada como a que obtém os alunos maiores, mas, nem por isso, menos interessante, menos educativa, e com menor caráter.

LEITURA: — Leve o professor em conta que, para a grande maioria das crianças das escolas isoladas, o ensino da leitura adquire uma importância ainda maior que no caso corrente das crianças das cidades. Porque a formação do espírito de uma criança, na cidade, encontra, depois que ela sai da escola, u'a multidão de estímulos que não existem nos meios onde comu-

mente estão localizadas as escolas isoladas. Nessas condições, a leitura é que vai ser, depois da sua saída da escola, o grande meio da formação do espirito do individuo, mais do que qualquer outro, talvez. Nessas circunstâncias, é necessário que o professor cuide muito e muito de que a criança adquira verdadeiramente o vício da leitura, leve-a a ler muito, faça-a amar a leitura, faça-a aprender a informar-se de tudo mediante a leitura, ensine-a a ler inteligentemente. Por isso, também, na Associação post-escolar de ex-alunos, uma das atividades de maior importância há-de ser a leitura. Mas a leitura interessante, a leitura apaixonante até, a leitura que se chegue a amar.

Por outra parte, o meio em que se localizam ordinariamente as escolas isoladas é um dos menos propícios a um eficiente estímulo à leitura espontânea das crianças. Fora da escola, a criança não tem o que ler. Por isso, crescem, para o professor, as suas obrigações de fazer na escola o máximo para que os seus alunos possam vir a ter, de futuro, na leitura, um instrumento eficaz para completar a formação de seu espirito.

CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS: Pela sua localização, a escola isolada está mais bem capacitada do que qualquer outra para o ensino das ciências físicas e naturais. O ambiente que a cerca é que deve ser o campo para o estudo de toda a matéria. Por isso, o professor deve habituar-se a sair, a sair muitas vezes da sala de aula, com os seus alunos, para ir estudar história natural em contacto direto com o ambiente.

Uma observação muito importante a fazer é a que se refere ao ensino especial de higiene. Deve aqui o professor concentrar uma atenção muito cuidada. Deve, acima de tudo, estudar os maus hábitos higiênicos dos moradores da localidade, e procurar inculcar no espirito dos alunos a correção, mas de tal modo, mediante tantas repetições, que cheguem a tornar-se completamente mecânicos. Assim, quaisquer indicações particulares feitas em um programa, devem ser consideradas apenas como exemplo de casos mais gerais, de assuntos mais gerais.

Cuide, porém, o professor de que o mais importante é o estudo dos hábitos locais e a correção dos que sejam maus.

.....
Etc.

ESCOLAS DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Deixaremos de parte todas as considerações teóricas que não sejam absolutamente necessárias para a compreensão de nosso plano de formação do magistério primário, — plano esse que orientou o nosso trabalho dentro da Escola de Professores de Curitiba.

Dos fins. — A Escola de Professores deve ter três finalidades: formar professores primários; ser um centro de cultura pedagógica, compreendendo-se aqui, mais particularmente, a investigação filosófica e a investigação experimental relativa aos problemas ligados ao fenómeno da educação; ser um centro de vulgarização pedagógica, de âmbito de ação que se estenda ao magistério do Estado e vá abranger, também, ainda que mais restritamente, os responsáveis, na família, pela educação.

A Escola de Professores como centro de cultura pedagógica — E' de desejar, neste sentido, acima de tudo, a criação do que chamaríamos a Escola Paranaense de Pedagogia, composta, de início, do corpo docente da Escola de Professores, podendo, mais tarde e dentro das possibilidades que a realidade indique, receber outros membros. Teria essa Escola — centro cultural — a função de promover, em trabalho individual ou coletivo, a investigação filosófica e experimental dos problemas da educação, interessando-se, tão só, pela produção original de seus membros. A sua organização, largamente plástica, deveria evoluir para a criação de secções especializadas de pesquisas. No Regulamento da Escola figuraria, entre as obrigações dos seus professores, a de pertencer à Escola Paranaense de Pedagogia. Relações com outros centros de cultura pedagógica, nacionais e estrangeiros, publicação do anuário dos trabalhos, etc., seriam atividades normais da Escola. Dir-se-á, adiante, do Bureau de Investigações Pedagógicas.

Além da Escola Paranaense de Pedagogia, e do Bureau referido, deveria caber à Escola de Professores o cuidado de organizar, periódicamente, conferências de caráter pedagógico, so-

bretudo no sistema de cursos breves, desenvolvendo-se, por exemplo, um assunto em um ciclo de cinco conferências, etc.

A Escola de Professores como centro de vulgarização. — Nesse sentido: desenvolvimento e constituição do Centro de Ex-Alunos; regularidade no contacto com o magistério em exercício, formado pela Escola, de modo a que esses professores continuem a receber assistência de seus mestres, sobretudo nos seus primeiros anos de exercício, quando as dificuldades de adaptação são inevitáveis.

Na preocupação de fazer real essa assistência, a Escola de Professores manteria um Bureau de Informação e Investigação Pedagógica, que procuraria um contacto permanente com o magistério em exercício do Estado, cuidando, sobre o mais, de colher as experiências obtidas por todos, de orientar os esforços e de promover a organização de observações que demandem campo amplo ou se refiram, em particular, a problemas regionais característicos e de importância. É bem visível que este Bureau manterá relações estritas com a Escola Paranaense de Pedagogia, como, de resto, se há-de dar com todos os órgãos da Escola de Professores, fortemente articulados entre si, numa unidade que se possa dizer orgânica.

A formação do professor primário: —

a) — De início, a questão da admissão: parece-nos que uma rigorosa seleção se faz necessária para a entrada na Escola de Professores. Daí, uma medida preliminar: a limitação da matrícula, que se impõe, também, pelas necessidades do próprio curso, de vez que quasi todos os trabalhos de prática ficam fortemente prejudicados pela afluência exagerada de alunos. Mas, essa limitação não toca ao fundamental. Pensamos que se deveria exigir do candidato uma prova de seleção profissional. Quando não possamos chegar até lá, por dificuldades várias, caberia, mais elementarmente, exigir-lhe aquelas cousas imperativamente necessárias. Assim, uma prova de sua capacidade física, mediante a qual se excluíssem, além dos casos berrantes, os que apresentassem predisposição à tuberculose, os neuropatas mesmo quando essa neuropatia não subisse ao excesso, os que apresentassem defeitos na fonação ou debilidade dos órgãos fonadores, os canhotos exclusivos, etc. Isso, no interesse da profissão e dos próprios candidatos. É verdade que aqui se levanta a questão de si aqueles neuropatas débeis não são, em geral,

os professores capazes de um maior rendimento, pela sua sensibilidade, etc. Em todo o caso, é certo que a profissão de mestre não é, de um ponto de vista higiênico, conveniente aos neuropatas, mesmo débeis, aos predispostos à tuberculose e aos que apresentem pontos fracos em seu aparelho fonatório. Feita a prova de disposição física, impõe-se a prova de inteligência e cultura. Primeiro, à prova de inteligência, eliminatória. Depois, a prova de cultura, baseada nos programas do curso ginasial oficial, feita em torno de dois pontos: formação científico-naturalista e formação humanista, tudo em quatro exames: um de matemática, outro de ciências físicas e naturais e os dois últimos, de história universal e história da literatura.

b) — Na formação do professor primário temos de considerar a formação de sua cultura, e aqui abrangemos a sua cultura profissional, especializada e a sua cultura geral, absolutamente indispensável; a formação de sua personalidade de educador, e aqui queremos nos referir, acima de tudo, à comunicação dos ideais; a formação do pedagogo, do professor que, na sua função, possa ser um criador de pedagogia, um crítico e, sobretudo, um experimentador.

c) — Para o preenchimento dessa sua função, a Escola de Professores terá a organização de uma casa dos alunos, com horário integral, e dotada, além do que comumente possui, de refeitório, de salas de estar e de palestra — com mesas providas de revistas, etc. — de salas de música, salas de estudo, etc., procurando-se, em todos os elementos, conseguir o ambiente de intimidade e liberdade de uma verdadeira sociedade ou de um lar.

d) — Um estudo de todos os alunos, tomados individualmente, serviria de base aos trabalhos todos de formação. Para tanto organizar-se-iam fichas individuais (a cargo de um serviço central, especializado, e incumbido exclusivamente disso), compreendendo essas fichas as partes seguintes: Dados gerais (Nome, filiação, nacionalidade, etc., etc.). Ficha psicológica (Vida intelectual, vida afetiva, vida ativa, temperamento e caráter); Ficha biométrica; Ficha da vida escolar; Ficha de ocorrências diárias. Esse serviço central especializado precisa guardar as mais estreitas relações com o trabalho docente, de um lado recebendo permanentes informações, solicitadas ou espontâneas, que procurará catalogar e interpretar, e de outro, fornecendo as suas interpretações e sugestões aos professores todos.

O trabalho educativo da escola procurará fazer-se tanto quanto possível, diferencial, atendendo às características dos alunos.

e) — No trabalho de formação profissional, especializada, diversos são os problemas a considerar. Desde logo, convém lembrar a questão levantada pelo pedagogos italianos, filiados à orientação idealista de Gentile. "A reforma de 1923 suprime as práticas na preparação dos mestres, e, ao em vez, insiste em tudo o que, segundo o sistema, contribue para o desenvolvimento da vida espiritual: Filosofia e História; Latim como origem que é da língua italiana e, por conseguinte, criação do espírito do povo; Música e Desenho, que elevam a alma e exprimem criações e manifestações inexprimíveis por outros meios, etc."

Por mais que tal orientação surpreenda à primeira vista, ela tem em seu favor poderosas razões. Parte de uma tese, fácil de compreender dentro do filosofia idealista, a tese de que a Pedagogia, como toda a Ciência e como todas as cousas, é uma contínua e eterna criação do espírito. Os que possuirão o espírito de mestres não serão os que se tenham formado, pela prática, uma rotina, mas os que, mediante uma cultura adequada, tenham despertado em si mesmos as forças criadoras do espírito, de modo a que possam ser, permanentemente, criadores de pedagogia. O objetivo da formação do mestre é promover a liberação de todas as suas forças espirituais que serão, depois, postas em serviço nos trabalhos da educação. Não é a prática, irmã gêmea da rotina, que se faz necessária, mas as atividades que promovam a liberdade espiritual criadora do futuro mestre. E, visivelmente, essa liberdade espiritual criadora só se pode gerar no contacto com os Princípios, com as Idéias Gerais, que se apresentam bem naquelas atividades da Filosofia, da História, etc. Demais as atividades na Música, etc., corretamente orientadas, são fontes de expansão da personalidade, criação pessoal, liberdade espiritual, criação permanente.

Não discutimos as origens filosóficas dessas teses, que não importa aqui discutir, mas devemos reconhecer que há sobradas razões a justificarem aquelas consequências que se preconizam para a formação dos mestres. Uma sobreleva a todas as demais: a educação sofre da tirania da rotina. Muitos os elementos determinantes da rotina. Aquêles remédios parece saná-los todos ou quasi todos. E não se diga que a falta de prática tornará inúteis todos os demais cuidados na formação do

mestre: a experiência tem demonstrado que os alunos formados sob aquela orientação fazem-se capazes de resolver as situações práticas criadas no trabalho escolar com uma capacidade inesperada, o que bem se compreende, porque só eles são capazes de bem apreender o espírito dos métodos.

Mas, uma objeção irredutível deve ser feita a esta orientação: a incapacidade da maioria dos alunos para uma formação nesse nível e desse porte. A maior parte dos que afluem à Escola, sem que se deva rejeitá-los, sem que se possa fazê-lo, não tem nem desenvolvimento nem base de cultura para um trabalho em tal feito e devem, em consequência, ser educados num regime de atividade mais terra a terra com os fatos pedagógicos de todos os dias: digamos, mesmo, que é necessário conduzir essa grande maioria a u'a meia rotina, cujos malefícios se há de procurar compensar, depois, por uma permanente assistência, de várias procedências. Demais, um contato, cêdo, com a prática, não pode ser sinão útil, mesmo aos que vão formar-se com mais amplas vistas.

Essa série de considerações, esboço de uma discussão amplíssima, esteve sempre presente ao nosso espírito, no organização do trabalho da Escola de Professores de Curitiba. São mesmo o núcleo dessa organização, no que se refere ao problema da formação da cultura profissional do mestre, em nossa Escola.

Em atenção a isso, desdobra-se a nossa atividade em dois campos, num procurando-se a formação prática, eminentemente prática dos alunos, e noutro procurando-se pô-los em contacto com os Princípios, com as Idéias Gerais, ao mesmo tempo que procurando familiarisá-los com tudo que signifique exercício das suas faculdades de criação e liberação.

Complicar-se-ia, demasiadamente, a exposição si fôssemos seguir, agora, todas as derivações desse princípio. Por isso, elas virão uma a uma e a seu tempo.

Passemos, pois, adiante.

f) — Por essa razões que aí estão, e porque é reconhecidamente insuficiente para o mestre o que a cultura ginásial subministra, de vez que nenhuma informação dá, aguda e crítica, sobre arte, filosofia, etc., temos para nós que a formação do mestre deve compreender, igualmente, uma ampliação e solidificação de sua cultura geral. São muitos os meios de que se podem lançar mão nesse sentido. Desde logo deve indicar-se a

existência de um Centro de alunos — em Curitiba, o Centro Dona Júlia Wanderley — preocupado dessa formação geral dos professorandos. Referimos, em primeiro lugar, o centro de alunos, porque, fazendo assim, por meio dele, interessados os seus diretores e associados na realização de um programa de cultura geral, vão, já de início, se familiarizando com a idéia de cultura geral, e, no trabalho diário com êsse propósito, reforçam diariamente a sua consciência nesse sentido. Há um fortíssimo elemento educativo no fato de os próprios alunos se empenharem na cultura geral da turma: uma poderosa sugestão, permanente, se faz ativa. Alguns detalhes especiais devem ser indicados: o Centro deve ter uma comissão de propaganda, incumbida de fazer as suas iniciativas penetrarem nos planos de interesse dos professorandos. Essa comissão, consciente das funções do Centro, procurará transmitir essa consciência aos demais colegas: a sugestão se reforça e se faz sistemática. Além disso, como a propaganda se deve fazer dentro de moldes exatos, orientada pelas lições da psicotécnica, eis que uma atividade prática de psicologia aqui se desenvolve. Como exemplo do modo de ação do Centro, na formação da cultura geral de seus membros, lembramos o plano que o Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley se traçou para as suas sessões de um ano determinado: interpretação, em cada uma de suas sessões, de músicas de cada período da história da Música, a partir dos clássicos até os nossos dias: assim, numa primeira sessão, tocar-se-ão músicas de Scarlatti, Vivaldi, Corelli e Tartini; numa segunda, de Mozart, — etc., execução essa, sempre, acompanhada de um programa impresso distribuído a todos os presentes, com explicações em linguagem simples, dos caracteres da música desse período, com referência particular ao autor e à música interpretados. Na mesma sessão, uma parte literária realizará trabalho semelhante em relação à história da literatura, procurando-se, mesmo, um sincronismo nos períodos da literatura e da música, sempre que assim convenha às exigências do programa. Dessa forma, cultura geral e recreio se harmonizarão nas atividades do Centro.

A par disso, o Centro realizará cursos de cultura geral: por exemplo: sobre folk-lore, sobre Mozart, sobre arte mobiliária, etc..

Incluam-se, ainda, nas atividades do Centro, atinentes à cultura geral, atividades teatrais, reconhecido o valor do teatro

escolar, sobretudo para a juventude, como uma fonte de excepcional alargamento espiritual, pela experiência de formas novas de vida que proporciona, pela criação que em si mesmo realiza quem desses trabalhos participa.

Mas, nesse domínio da cultura geral, nem tudo cabe exclusivamente ao Centro, ainda que, pela própria constituição do curso e dos programas, atentos fundamentalmente ao preparo especializado do aluno, seja ao Centro a quem deva caber o mais do trabalho, que se tem de realizar, na sua maior parte, fóra das atividades normais da classe. Não obstante isso, um organizado e sistemático trabalho de estímulo e informação, feito pelos professores e particularmente pelo serviço de Orientação educacional, encaminhará os alunos para todos os fatos que, na cidade, representem alguma coisa no sentido de sua formação geral: exposições de arte, concertos, conferências, films, livros, rádio, etc.

Mais de uma vez, temos contratado os melhores artistas que visitam Curitiba para dar Concertos às nossas alunas.

Além disso, no próprio trabalho da classe, no ensino das diversas matérias, cabe, sempre, aqui e ali, uma referência a cousas de interesse para a cultura geral. A cadeira de história da educação deve merecer, nesse sentido, um especialíssimo cuidado. A educação reflete, sempre, com fidelidade absoluta, todo o ambiente espiritual de uma civilização, de uma cultura. Recordemos o papel da História, no plano Gentile. As cadeiras de música, desenho e modelagem, e a de trabalhos manuais, devem fornecer apropriadíssimo campo para informações relativas à cultura geral. Parece que seria o caso de se dar uma extensão um pouco maior a essas cadeiras, dilatando-as além de interesses puramente metodológicos, para aproveitá-las, também, em propósitos de formação geral e de liberação das forças criadoras do espírito do educando, — o que, tudo, de certo, é formação geral. Lembremo-nos, ainda, da existência da cadeira de sociologia geral no plano do curso. E lembremo-nos... de todas as cadeiras, nas quais, sempre, alguma coisa se desprende que interessa à cultura geral: basta tê-la continuamente presente nos cuidados todos do ensino.

Uma destacada parte, em todo êsse trabalho, cabe ao Centro Superior de Pedagogia, objeto, mais adiante, de um item especial neste nosso estudo.

E agora, antes de terminar, cabe fazer uma observação

mais, que devera ter iniciado este parágrafo: o serviço de fichas, já no primeiro momento, entre os seus inquiridos relativos aos novos alunos, cuidará de ter uma detida informação sobre a cultura geral que cada um deles traga para a Escola; e informará aos professores, nesse sentido, destacando, sobretudo, os pontos mais baixos e mais altos em relação à média da classe. Um papel especial, no caso presente, cabe ao professor de orientação educacional, que procura, quer dar sugestões à totalidade dos alunos, em relação à cultura geral, quer estudar as necessidades próprias, nesse sentido, de cada aluno em particular e orientá-lo devidamente.

g) — O serviço de fichas informará, colhidas as informações necessárias, quais os alunos que, por sua inteligência, ou cultura ou dedicação ou prestígio em face da classe, ficam, naturalmente em destaque diante de seus colegas. Esses alunos merecerão uma atenção especial, variável, também, de acordo com a natureza de sua superioridade. Aqueles de maior inteligência e cultura são os que mais capacitados estão para receber uma formação ao modo da preconizada por Gentile. A sua formação será, naturalmente, menos prática e mais geral, mais voltada para os princípios e para as idéias gerais. Ao revés, ampliar-se-ão as exigências de prática para aqueles cuja melhor formação se indique como sendo a do contacto com o terra a terra da realidade diária da classe primária. Os primeiros gozarão de largas dispensas nos trabalhos práticos, dentro desta orientação: o seu tempo distribuído por outras tarefas. Desde já nós nos referiremos ao Centro Superior de Pedagogia. Falaremos a parte sobre êle.

h) — Nasceu o Centro Superior de Pedagogia, na Escola de Professores de Curitiba, do modo seguinte: preocupado de exercer uma influência pessoal direta sobre os alunos e convencido, pela experiência, de que o contacto direto fora da escola é uma das fontes mais fecundas de entusiasmo para eles, propuz-me reunir-me com um grupo de alunos, em casa de um deles, para cuidar de alguns problemas que não poderiam ser tratados em classe, problemas do seu interesse, problemas escolares de início. Breve cresceu a tal ponto o entusiasmo que se passou, daqueles problemas limitados, para um verdadeiro curso superior de pedagogia. E os benefícios colhidos, pelo favor daquele entusiasmo, — era, realmente, uma turma excepcional de alunos — foram de tal monta que veio logo a idéia, entre

eles, de fazer com que todos os alunos da classe pudessem deles se aproveitar: e o curso passou para a Escola, com assistência de todos os alunos, e breve se transformou em um Centro Superior de Pedagogia. Andando os trabalhos, porém, verificou-se que a presença da totalidade da classe só tinha como consequência diminuir o rendimento geral. Aquela atividade devia ser, apenas, para os melhores alunos. E assim se fez. Há um professor encarregado de assistir aos trabalhos, de dirigí-los e mesmo de realizar pequenos cursos dentro deles. A atividade dos alunos é absolutamente livre, é livre a frequência, não há sanções de nenhuma espécie, etc. Para dar uma idéia dos trabalhos de Centro, diremos que num certo semestre realizamos, lá, um curso sobre a filosofia moderna e contemporânea, com o fito de fazer compreender aos alunos as bases filosóficas da Pedagogia. Como conclusão desse curso, e seu seguimento lógico, veio uma análise dos sistemas da Pedagogia contemporânea. De par, e em atenção às exigências de formação geral, se fez um apanhado das obras fundamentais da literatura mundial. Depois, no curso das diversas disciplinas, na atividade comum da classe, há sempre oportunidade para fazer o professor referências, tratando mesmo problemas elementares para as inteligências todas da classe, aos fundamentos superiores, aos princípios que os determinam. Dessa forma, não só se salienta a significação desses princípios, como, igualmente, se consegue fazer sentir aos alunos capacitados para tal a seriedade do pensamento pedagógico, que tantas vezes se repete — isolado dos princípios, — como cousa, apenas do senso comum. E, com êsse ligar a prática aos princípios, faz-se valiosíssimo trabalho de luta à rotina futura do professor.

i) — A par de tudo isso, para a formação geral dos professorandos, organizar-se-á um serviço permanente de estimullos e informações aos alunos que os leve aos concertos, exposições de arte, conferencias, e demais atos de cultura geral que na cidade se desenvolvam.

j) — Serão, ainda, incluídos no plano das atividades do Centro, a leitura de peças teatrais, as pequenas reuniões de grupos limitados de alunos que se interessem por um determinado assunto ou ramo de atividade, a audição de discos feita segundo um plano bem estabelecido, a organização de debates, etc.

k) — Far-se-á com que a Comissão de Propaganda,

convencendo os colegas da necessidade de cultura geral, induzando-os a que organizem um caderno em que vão anotando ou desenvolvendo tudo quanto à cultura geral lhes é proporcionado pelas diversas formas de atividade da Escola.

l) — A comissão de propaganda frequentará um curso sistematizado de técnica de propaganda, ao menos tempo em que aprenderá, em aulas especiais, tudo que se refira à definição, importância e plano de cultura geral. Desse modo ela se verá aparelhada para a sua função, ao mesmo tempo que, ela mesma, se irá integrando nessa importantíssima idéia de nosso plano.

m) — Organizar-se-á um plano, rigorosamente orgânico, de cultura geral, que deverá ser desenvolvido junto aos alunos, nos dois anos do curso, pelos diversos órgãos da Escola.

n) — O trabalho para a formação especializada, propriamente profissional, da Escola de Professores, supõe um plano organicamente elaborado com antecipação, ao modo do que se fez com a cultura geral.

o) — O trabalho, aqui, desdobra-se em trabalho realizado nas classes e realizado fora das classes.

p) — O trabalho realizado nas classes procurará ser o mais ativo possível, podendo assumir a forma de: exposição do professor; trabalho pessoal dos alunos; trabalho coletivo dos alunos e coleta e elaboração de dados para a solução de problemas vários; discussão livre; plano Dalton; método de projetos, ou outro de moldes semelhantes. Uma menção à parte deve merecer o chamado Trabalho Independente, realizado sob a direção exclusiva dos alunos, em horas especialmente designadas para isso, sem interferência alguma dos professores. No início do semestre são dados às turmas os temas que deverão ser tratados; serão temas de dificuldade crescente, visando os mais variados objetivos, ligados a matérias diversas, dados pelo assistente técnico, que poderá, para isso, ter ouvido os professores especializados das diversas cadeiras. Os alunos podem trabalhar no tempo que quiserem cada tema, desde que, ao terminar o semestre, estejam todos os temas tratados pela classe toda. Para o desenvolvimento do trabalho, a própria classe escolherá um grupo de monitores, que poderão ser trocados durante o trabalho si se mostrarem ineficientes, — aos quais incumbe a obrigação de coordenar os esforços, mantê-los sem interrupção, resolver as dificuldades de organização que possam surgir, aten-

der à parte disciplinar, etc. Esses monitores recebem um conjunto de instruções escritas sobre a maneira de conduzir cada um dos temas. Tudo o mais incumbe exclusivamente aos alunos. São os temas dados, geralmente, temas para trabalhos coletivos.

q) — O trabalho realizado fora de classe compreende atividades nos estágios, em casa, na biblioteca da Escola, em horas extraordinárias na Escola, nos Museus da Escola, etc. Procuraremos dar uma idéia dessas atividades todas.

— Nos Estágios. — Podem ser dados aos alunos temas para observações sobre o conjunto da classe, sobre aparelhagem, sobre o trabalho assistido, sobre certas manifestações particulares da vida escolar infantil, sobre crianças tomadas individualmente, etc. Para essas observações receberão os alunos questionários em que as dificuldades serão graduadas, questionários esses que poderão ser antecipadamente explicados aos alunos e se referirão a assuntos das diversas cadeiras do curso.

— Em casa. — Com frequência, certos temas serão dados para investigação pessoal do aluno, em sua casa e com os seus recursos pessoais. Visam essas atividades dar independência no trabalho, ao aluno, capacidade de resolver com as suas forças todos os problemas que possam surgir de futuro, em sua atividade, etc. Esses trabalhos podem ser teóricos ou práticos e podem assumir diversas feições.

Os planos para esses trabalhos, serão concebidos também organicamente, em conjunção com as atividades normais de classe, etc. Esses temas podem ser dados, quer à classe toda, quer a grupos de alunos ou a alunos individualmente.

— Na biblioteca da Escola: — Um plano de atividades progressivas dos alunos será organizado para as suas atividades na biblioteca. Os objetivos são, ainda uma vez, aquela independência do aluno em seus trabalhos, à parte o proveito da matéria estudada e a compreensão da constituição e funcionamento de uma biblioteca, etc. Um professor especial acompanhará turmas pequenas de alunos, em horas certas, determinadas no horário, nesses trabalhos de biblioteca, distribuindo os temas, anotando em uma ficha especial, que terá a seu cargo, os progressos realizados por cada aluno na seriação dos exercícios determinados, auxiliando-os, etc. Demais, cada aluno terá uma ficha pessoal na qual a bibliotecaria anotará todas as consultas que o aluno faça, servindo essas anotações para o ser-

viço de fichário dos alunos, a que já aludimos atrás, etc.

— No Museu — Assiduamente serão os alunos chamados a trabalhar no Museu Pedagógico da Escola, confeccionando material sobretudo, ou organizando as suas secções, preparando fichas para o seu material, etc.

— Em horas extraordinárias — Em quanto não for possível vigorar o regime de horário integral, serão frequentemente chamados os alunos para actividades extraordinárias, visando formar e manter o seu espírito de dedicação à escola, o que permitirá, de outro lado, novas ampliações em sua formação.

r) — Um capítulo de particular importância e dificuldade incontestável é o que se refere ao aprendizado prático dos alunos. Dada a singular importância da prática metodológica, dividiremos este capítulo da prática em dois sub-títulos: prática metodológica e prática das demais disciplinas — Num ou noutro caso, convém que o recordemos, parece-nos que se deve ter sempre em vista o que de início ficou dito sobre a doutrina que, a respeito, formulara a Escola Italiana de Gentile.

— A prática das diversas matérias pode assumir diversas formas, desde o tema dado para investigações e observações e realizações práticas do aluno, nos estagios, ou em casa, ou na própria classe, até essa aprendizagem prática que decorre do fato de o professor partir, no desenvolvimento de seu ensino, de situações práticas a resolver, problemas, projetos verdadeiros. Deve incluir-se aí essa atividade pessoal do aluno ao qual se tenham dado problemas que ele deva resolver sozinho, ou em colaboração com colegas, relativos a questões práticas das diversas cadeiras do curso.

— No que se refere à prática metodológica, ela compreende: assistência a aulas na Escola de Aplicação e em classe, umas e outras ou dadas pelos professores da Escola de Aplicação ou de Metodologia ou pelos próprios colegas; prática, propriamente, compreendidas, aí, aulas dadas perante o professor de metodologia, em classe, ou perante os professores da Escola de Aplicação, — além das regências de classe, que se fazem no último semestre do curso; e crítica pedagógica, de todas as aulas assistidas (trabalho escrito). Planejamento do trabalho para as aulas que devem os alunos dar na Escola de Aplicação. Está subentendido que, nessa prática, incluem-se atividade de medida objetiva do trabalho escolar, e todas as outras práticas

que possam relacionar-se diretamente com os nossos objetivos aqui.

s) — O capítulo que se refere à formação da personalidade do professor é o que nos deve merecer a atenção maior. São muitas as providências, são muitos os cuidados que empenhamos nesse propósito, fundamentais sobre todos, que a todos os demais valoriza ou deixa sem valia, conforme os seus resultados atinjam ou não os seus propósitos. Indiquemos sumariamente e de modo ordenado o que temos feito nesse sentido.

— Primeiro que tudo, o exemplo do mestre. Esses adolescentes, que são as nossas alunas, deixam-se facilmente contagiadas pelo exemplo.

— Segundo, o hábito, que procuraremos criar nelas, de atividades voltadas para um sentido social, para uma dedicação à escola, solicitando-as, constantemente, nessa direção. E pedimos-lhes, ora trabalhos individuais, ora trabalhos coletivos, em que é necessário que muitas alunas se empenhem em cooperação. Como exemplo, citaríamos as missões culturais, que temos realizado com elas. São essas missões culturais do tipo comum das missões culturais, ao modo do México, etc. Embarcam trinta alunas, por exemplo, em um caminhão, dirigem-se a um núcleo rural próximo, e lá, (em articulação, que foi feita previamente, com o professor da localidade, que já convidou os moradores da região, e fez propaganda, a propaganda necessária) cumprem um programa traçado com bastante cuidado e de sentido orgânico. Teatro para adultos, teatrinho de fantoches para as crianças, exposição de pintura, de arte fotográfica, roda de história para as crianças, canto coral, audição de discos, etc. Pensamos em preceder as excursões de um estudo da região e de suas necessidades, para que o programa que levemos tenha uma certa relação, tão íntima quanto possível, com as necessidades locais. Por exemplo, em zona de produção abundante e inaproveitada de frutas, levaríamos alguém capacitado para induzir os moradores, as mulheres sobretudo, a aproveitarem as frutas que se desperdiçam em uma produção cooperativa de geléias. Da mesma forma, procederíamos em relação a cuidados higiênicos, às necessidades da escola local (decoração, associações, técnicas especiais). Igualmente, sentimos a necessidade de levar mostras de obras de arte, fotografias, discos, livros, revistas, etc., que possam ficar sob a guarda do professor por alguns dias, uma ou duas semanas, para que

os moradores da localidade possam apreciar devidamente, para que o que lhes levamos possa, de fato, penetrar em seu espírito. Mas, quando estamos fazendo tudo isso, — essas nossas missões culturais, seguramente de pequeno porte, porque poucas, — o que pretendemos, mais, é a educação de nossas alunas no sentido de que a sua cultura tenha uma destinação social, habituando-as a viver a sua vida em função de certos ideais, etc..

— No Centro Superior de Pedagogia, procuramos por as nossas alunas em contacto com os superiores ideais da Humanidade, com as grandes figuras e os grandes movimentos.

— A metodologia do ensino de cada matéria, na Escola de Professores, deve ter um sentido de comunicação de ideais, ao lado de seu sentido de formação técnica do magistério. Na cadeira de História da educação, cabe salientar as grandes figuras do magistério; na de Psicologia, ensinar as nossas alunas a amar a criança, mostrando-a ora sofrendo por ser incompreendida, ora vítima de errôneas condutas do educador, etc.; na cadeira de metodologia, mostrando o contraste entre a rotina e a pedagogia científica, despertando o sentido de luta, etc., etc.

— A influência pessoal do mestre junto a cada aluno, àquêles alunos que podem merecer uma atenção mais especial, ou por uma deficiência ou, ao contrário, por se mostrarem particularmente bem dotados, tem sido, entre nós, de uma eficiência fora de toda a dúvida. Temos feito excelentes amizades entre os nossos alunos, e, assim, formado o entusiasmo de nossos melhores alunos, muitos dos quais nos confessaram que aprenderam um rumo na Escola de Professores.

— De importância inobscurecível é o trabalho de orientação educacional.

— Nós sabemos perfeitamente, de uma experiência reiterada, que a seriedade com que os alunos encaram o curso tem um reflexo decisivo na formação dos seus ideais relativos à sua vida profissional futura. Si o curso corre frouxamente, parece que uma molesia se vai apoderando do ânimo moral dos alunos e tudo está perdido. Parece que está aqui uma das forças mais poderosas para a formação da personalidade do mestre futuro. Isso não quer dizer, naturalmente, que se deva perder o equilíbrio, que se devam desprezar os limites das possibilidades dos alunos, que o curso deva ser uma extenuante atividade. Mas é necessário que seja severo; é necessário que o aluno tenha a sensação de que tem de trabalhar e de empenhar-

-se seriamente no trabalho. No início, tenho notado que os alunos, com um regime assim, têm uma sensação primeira de inadaptação e de dificuldade, terminando, breve, por ajustar-se e por se darem a sério ao trabalho. E, na mesma medida em que mais se afundam no trabalho, mais e mais vão se apegando a êle, vão a êle se dedicando com mais afinco, até que essa maneira de ser se transforma em modo habitual e em entusiasmo.

— No cuidado de criar entre os futuros professores uma mentalidade de pesquisa científica, na Escola de Professores, fomos levados a criar a cadeira de Método experimental em Pedagogia, que se estende do início ao fim do curso, na qual os alunos, ao mesmo tempo, aprendem as excelências e a necessidade da ampliação do uso do método experimental dentro do campo das ciências da educação, familiarizam-se com a sua técnica, com os conhecimentos necessários à sua utilização, e realizam pesquisas várias, segundo um plano orgânico, que lhes permite praticar as diversas modalidades do trabalho experimental.

No Centro Superior de Pedagogia, procurando orientar os nossos alunos no sentido da formação de uma verdadeira cultura, temos chamado a sua atenção para a necessidade de especialização, ao lado de uma bem orientada cultura geral, — e temos chamado a atenção, igualmente, para o fato de que, nessa especialização, si se quizer produzir obra séria, é necessário, num dos mais importantes caminhos, enveredar pela experimentação mais rigorosa, etc.

— Cabe, por fim, fazermos referência a uma idéia que já se encontrou disseminada em quasi todas as partes desta exposição: a de que, em nossa Escola de Professores, a formação dos alunos se faz em dois níveis. Dividimo-los, tão cedo as circunstâncias nos permitem, em dois grandes grupos, aquêles que pertencem à média da classe e os que estão colocados acima dessa média. E isso do duplo ponto de vista da inteligência e da personalidade total. E todo o processo educacional da escola se processa em dois níveis, ainda que não o percebam claramente os alunos. Aquêles alunos que se revelam líderes, então, merecem um cuidado ainda mais especial. E' para os do segundo nível, nível superior, que organizamos o Centro Superior de Pedagogia, onde procuramos iniciar os alunos nos fundamentos filosóficos da educação, fazê-los entrar em intimidade com os mais altos valores da cultura humana; é para eles que

destinamos, sobretudo, a atenção especial de um cuidado individual; é junto deles que procuramos exercer uma influência direta e pessoal; é deles que estudamos com maior atenção a ficha na sua totalidade; é a eles que confiamos as tarefas de direção, ensinando-lhes a iniciativa, a capacidade de liderar, etc; é deles que esperamos o maior e efetivo aproveitamento quando fazemos o ensino do método experimental; a eles atribuímos tarefas especiais, dispensando-os das comuns. E assim por diante. Em síntese, estamos, sempre, atentíssimamente voltados para os melhor dotados e procuramos destinar-lhes uma direção de trabalho de acôrdo com as suas possibilidades e as promessas que deles podemos esperar.

Para o comum da turma, destinamos um trabalho de caráter mais prático, mais de acôrdo com o seu desenvolvimento, com as suas possibilidades.

Em verdade, essa idéa da divisão o curso em dois níveis é uma das fundamentais de nosso plano. Melhor até que em dois níveis, talvez fôsse dizer, divisão do curso de maneira a poder realizar, dentro de certos limites, uma idéa de educação diferencial dos alunos, tendo em vista a sua posição futura no magistério.

COMPLEMENTO

UNIÃO

Em 1941, como padrinho das professorandas desse ano da Escola de Professores de Curitiba, nós lhes dissemos:

“Eu vos vejo reunidos. Ao em vez de vos ver reunidos ou preferira, melhor, ouvir de vós a afirmação: Nós estamos reunidos.

Preferira que se levantasse do meio de todos vós, como uma emanação de vossa reunião, como um espírito do que estivesse em vossos corações, a tão simples afirmativa: Nós estamos reunidos.

Sim, eu preferira. É que o fato de eu vos ver reunidos é apenas o sinal da presença de todos vós. E o poder eu ouvir-vos dizer: — Nós estamos reunidos, — significaria que afirmais a vossa reunião, significaria que a vossa reunião é um ato da vontade de vos reunirdes, o resultado de propósitos que vos unem, significaria que vossa reunião é uma união, união para fins comuns, união que parte de vossa inteligência e de vossa vontade, e se dirige para construções determinadas e, de certo, grandes, desde que vossos corações são puros, desde que sois a juventude. O estardes reunidos pode ser coincidência exterior de vossas presenças comuns. O afirmardes: Nós estamos reunidos, — é o sinal interior e profundo de vossas vontades comuns. A diferença é a que medeia entre o interior e o exterior, entre o superficial e o profundo, entre o propositado e o coincidente, entre a consciência e o inconsciente, entre a matéria e o espírito, quer dizer, entre o limitado e o infinito.

Si estais apenas exteriormente presentes, a vossa reunião se dissolverá ao terminar esta festa. Será reunião de um instante. E esse mesmo instante respirará os prenúncios pesados dos dias vulgares que principiarão amanhã. Todo o sonho que animais hoje, será, apenas, a grandeza de uma hora, seguida do vazio das horas incontáveis. Quando, ainda esta noite, vos demorar o sono, pelo enlévo de todas as coisas do dia, pode já que vos chegue a melancólica e envolvente impressão de um fim irremediável, de que todo o grande de hoje volverá à chatice comum. Pode que até o indiferente assobiar de algum notívago, ou até as cousas de vosso próprio lar, um simples móvel comum, vos recorde que amanhã virão os dias vulgares.

Si eu pudesse pensar em que tal iria suceder, digo-vos que eu estaria esmagado entre a vossa alacridade, digo-vos que todo o festivo e ridente desta cerimonia soaria aos meus ouvidos, como soam, aos ouvidos de alguém que venha exausto de derrotas sem remédio e sem consolação, os chilreios matinais dos pássaros nas árvores ensolaradas.

Eu não poderia desejar um tão triste fim para um tão grande sonho. Si, porém, dizels: Aqui estamos reunidos, a vossa reunião vos vem de vossa vontade, e, apartados embora depois desta festa, e distantes embora, ainda que muito distantes, e passadas semanas e passados meses, e passada não só esta reunião, mas até mesmo a vida, ainda estareis reunidos, ainda estareis incontestavelmente presentes.

A diferença é a que separa o transitório e de um instante, do que é permanente, estável e talvez eterno.

Eu desejava, infinitamente, que a vossa reunião reunisse os vossos espíritos, porque vós mesmos precisais dessa reunião e, sobretudo, porque o magistério dessa hora da Humanidade precisa de vossas forças reunidas. Poderéis dizer-me que eu erro, e que, mesmo sós, ireis iniciar a grande construção humana da educação. Eu vos repetirei, então, que o magistério desta hora da Humanidade precisa de vossas forças reunidas. Os trabalhos que vos esperam são grandes demais para as forças de indivíduos sós. Isolados sereis desmedidamente pequenos para a tarefa, que é escomunal.

Poderéis objetar-me, com desolação, que agora seria tarde para fazer o ver transformar-se em ouvir, para dar alma nova a esta reunião, e fazer dela uma verdadeira união de vossos espíritos. Felizmente não o é. Estamos ainda em bom momento. Aquela transformação pode comunicar-se à vossa festa, em qualquer tempo, mesmo depois que ela se tenha encerrado, mesmo amanhã, talvez mesmo até decorridos semanas e mezes. Pensai nisso. Pensai severamente, eu vo-lo rogo. Procurai sentir a verdade das minhas palavras. Eu temia que vos chegasse aquela impressão dolorosa de que a todo o grande de hoje sucederá o vulgar dos dias de amanhã. Temia a impressão de vazio que vos poderia aguardar. Eu o temia e agora o desejo. Desejo-o, para que sintais toda a verdade das minhas palavras, para que o ver se transforme em ouvir, e eu, amanhã, mesmo quando já estiverdes ausentes desta festa, possa ouvir, em meio ao ruído das cousas ordinárias, que se levanta uma grande voz, a voz cantante de vossa juventude, que me chega de toda a parte, dizendo: Nós estamos reunidos.

A simples idéia dessa extraordinária voz faz vibrar o meu coração, em alvoroço e entusiasmo: é a vossa festa, que parecia a efêmera festa de uma hora, com a duração das cousas permanentes e talvez eternas".

Dentro desse espírito, em 1945, presidimos à fundação do Centro do Professorado Primário do Paraná. Redigimos o manifesto abaixo, de novo posto aqui como um chamado permanente de reunir.

MANIFESTO AOS QUE CREM NOS PRINCIPIOS DA RENOVAÇÃO EDUCACIONAL

Os que crêm nos princípios da Renovação Educacional entre nós, os que pensam em uma Escola Nova, os que sonham com uma Escola Serena, os que aspiram uma educação dentro dos moldes científicos, os que desejam uma escola para fazer de uma infância feliz um homem feliz, estão crescendo de número. Já são muitos em nosso meio.

Urgia reuni-los.

O seu ideal era imenso, mas, por vezes, pela sensação de solidão, de isolamento em meio da rotina, vacilavam ou retraíam-se. Urgia reuni-los.

Hoje está fundada a Associação Paranaense de Professores Primários. Não é para todos os professores. É apenas para u'a minoria. É apenas para os que "tenham demonstrado interesse notório no sentido de integrar o processo educacional dentro da marcha progressiva do pensamento pedagógico mundial", segundo a expressão de seus estatutos. É uma organização de vanguarda. É para os que se habituaram a caminhar na frente. É para os que alimentaram o seu espírito no clima da escalada dos montes. É para os que souberam perseverar quando o meio quiz esmagá-los. É para os que

crêm. É para os que se inquietam de tristeza e de indignação, quando vêm a rotina, a superficialidade, a improvisação feitas mestras da escola. É para os que querem agir. É para ti, mestre de vanguarda!

Nós nos reunimos para enriquecer nosso espírito no convívio, para nos fortalecermos na ação, para nos enrijarmos na crença, para sabermos mais, para pôr a nossa escola em marcha, para fazer a nossa criança feliz, para fazer do homem um homem!

Não creiam os que descrem de tudo, que seremos apenas entusiasmo. Não pensem eles que vamos nos consumir apenas em exaltação. O nosso entusiasmo e a nossa exaltação estão munidos de uma vontade que nós disciplinaremos até o limite das nossas possibilidades, que nós faremos inflexível em nossos propósitos, ao serviço do espírito mais objetivo e mais claro, ao serviço da Ciência. Nós cremos na Ciência e levaremos para a Escola uma pedagogia científica, posta a serviço da criança e do homem. Nós o afirmamos e realizaremos.

Este manifesto é um chamado aos que crêm. É um toque de reunir.

Está escrito para pedir-lhes a sua inscrição imediata na Associação Paranaense de Professores Primários. É preciso que todos acorram. A hora é a hora da construção. Está constituído o órgão de que necessitávamos. Reunámo-nos dentro dele. Reunámo-nos para a ação".

• • •
Ao novo organismo, propuzemos a organização e os planos seguintes:

BASES E FINALIDADES

Unificação do magistério primário do Paraná que cre na importância de sua função e procura colocar-se à altura dessa crença, para:

- 1.º — Elaboração permanente de um Código dos direitos da Criança;
- 2.º — Elaboração permanente de um Código dos direitos do Mestre;
- 3.º — Elaboração permanente de um Código da função do Mestre;
- 4.º — Esforço para a efetivação desses Códigos.

ORGANIZAÇÃO

A. P. P. P. tem a sua sede em Curitiba.

A Assembléia Geral de seus membros é o órgão supremo da A. P. P. P. e se reúne todos os anos. As Assembléias fixam os princípios gerais da A. P. P. P., seu programa e seus estatutos; designam os membros do Conselho Diretor e a Comissão de Contrôlo.

O Conselho Diretor dirige os trabalhos da A. P. P. P. de uma Assembléia a outra e é responsável perante esta última. Compõe-se de dez (10) membros que são três (3) da Presidência, (Presidente, Secretário e Tesoureiro), e sete (7) do Conselho Consultivo. Compõe-se a comissão de controle de três (3) membros, e é encarregada de controlar a contabilidade da Presidência e apresentar um relatório à Assembléia Geral.

O Conselho Diretor reúne-se todo o primeiro domingo do mês, para traçar a parte tática da execução das decisões da Assembléa. A Presidência, pelos seus três membros, realizará a organização do aparelhamento, e do que mais fôr de mistér para a execução dos planos traçados.

Todos os membros da A. P. P. P. ficam obrigados a uma colaboração na execução dos planos aprovados pela Assembléa.

Os membros da A. P. P. P. ficam sujeitos ao pagamento adiantado da anuidade de Cr\$.

A admissão de sócios faz-se mediante proposta de dois associados e requerimento do candidato, sendo condição basilar que éste tenha demonstrado interêsse notório no sentido de integrar o processo educacional dentro da marcha progressiva do pensamento pedagógico mundial. A admissão é decidida por votação conjunta da Diretoria e do Conselho Consultivo. Igualmente, a votação conjunta dêsses dois órgãos decide da exclusão dos sócios, ficando esta exclusão condicionada, porém, à ratificação pela Assembléa Geral. A exclusão decretada pela reunião conjunta da Diretoria e do Conselho tem, até a ratificação ou veto da Assembléa, um efeito de suspensão sómente.

Para o seu primeiro ano de ação, a Associação Paranaense de Professores Primários traçou-se as seguintes diretrizes:

CÓDIGO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

- 1.º — A criança tem direito de nascer sã e ser filho legítimo.
- 2.º — A criança tem direito de dispôr do necessário para o seu desenvolvimento normal; alimento são e suficiente, roupa, habitação higiênica, com ar e sol, e educação completa.
- 3.º — A criança tem direito ao carinho e à proteção de seus pais e ao exemplo moralizador do lar.
- 4.º — A criança tem direito ao ar livre, desenvolvimento de seu corpo e de seu espírito, de acôrdo com os princípios e regras de higiene, da Pedagogia infantil, da economia e da moral social.
- 5.º — A criança tem direito à recreação, ao jogo e à alegria de viver.
- 6.º — A criança débil física e mentalmente, sub-normal ou anormal, assim como o orfão e o abandonado, têm direito a uma tutela e ao cuidado da comunidade e da nação.
- 7.º — A criança e o jovem têm direito a uma educação geral e técnica suficientes, pelo menos até aos 16 anos. Para isso aos 12 anos começar-se-á por determinar as aptidões e habilidades vocacionais do jovem, indicando-lhe a escola que lhe convém (sujeito tudo isso a verificações sucessivas). Todo o sistema de educação moderna deve organizar-se de maneira que fortifique no jovem as idéias, sentimentos e ações de solidariedade social (nacional e internacional).
- 8.º — A criança tem direito de ser protegida contra qualquer exploração.
- 9.º — A criança insubordinada ou desviada deve ser corrigida e atendida, de acôrdo com um tratamento médico-pedagógico especial.

10.º — A criança tem direito de receber aos 12 ou 13 anos, educação sexual.

11.º — Tôdas as crianças, seja qual fôr a sua raça e condição social, têm os mesmos direitos essenciaes.

CÓDIGO DOS DIREITOS DO MESTRE

- 1.º — Todo o Mestre tem direito a uma situação material que lhe permita, no meio em que esteja localizado, uma vida despreocupada de cuidados nêsse sentido, quer relativos ao presente que ao futuro.
- 2.º — Todo o Mestre tem direito a uma cultura geral e pedagógica permanentemente renovada, livre de qualquer coação.
- 3.º — Todo o Mestre tem direito a uma cultura político-filosófica, que o capacite para tomar uma posição consciente em face da vida mundial, permitindo-lhe orientar-se inteligentemente e orientar inteligentemente a sua atividade pedagógica.
- 4.º — Todo o Mestre tem direito a um serviço permanente de assistência aos seus interesses de cultura que lhe facultem a posse de livros, de revistas, conferências, etc., que o mantenha em dia com o andamento da cultura pedagógica mundial.
- 5.º — Todo o Mestre tem direito a uma assistência permanente e eficiente em seu trabalho no magistério, e isso tanto mais quanto mais afastado estiver êle dos centros de maior facilidade para a iniciativa individual nêsse sentido.
- 6.º — Todo o Mestre tem direito de exercer o seu magistério dentro de um clima de liberdade. Dentro dêsse direito, cabe o direito à autonomia didática no exercício do magistério.
- 7.º — Todo o Mestre tem direito a um amplo apóio moral oficial e a um irrestrito respeito à dignidade da sua função.
- 8.º — Todo o Mestre tem direito de participar como órgão de consulta das tarefas de direção do processo educacional a seu cargo.
- 9.º — Todo o Mestre tem o dever de procurar adquirir uma cultura político-filosófica que o capacite a tomar uma posição consciente em face da vida contemporânea.

A ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE PROFESSORES PRIMÁRIOS, traça-se as seguintes tarefas imediatas:

- a) — Que os seus membros procurem reunir-se, nas localidades onde trabalhem, para discutir e estudar os Códigos traçados pela Assembléa. Para isso a Junta Executiva realizará relações de tãmas, para debates, para conferências, para artigos, etc., destinados à atividade interna.
- b) — Que os membros procurem trazer ao público o esclarecimento sôbre os problemas levantados nos Códigos, debatendo-os nas reuniões de professores, nos órgãos da imprensa local, em conferências públicas, etc.
- c) — Que a Junta Executiva organize um serviço de informações sôbre a matéria dos Códigos, que permita aos seus membros ter à mão o material necessário para o seu estudo e difusão. Esse serviço de informação com-

preenderá informações periodicamente enviadas a todos, mediante boletins, etc., e um serviço especial para atender às consultas e fornecer elementos de toda a ordem, nesse sentido.

d) — Que a Junta Executiva procure, por sua vez, despertar tais estudos, debates e trabalhos de vulgarização.

e) — Que a Junta Executiva procure organizar inquéritos e investigações especiais no sentido de que o debate e estudo dos temas do Código, se possa fazer em termos objetivos.

f) — Que a Junta Executiva se esforce no sentido de obter das associações da classe sobretudo, que criem em suas bibliotecas secções que possam atender às exigências de cultura do magistério que se afirmam nos Códigos.

g) — Que a Junta Executiva procure constituir três órgãos basilares para atender aos três Códigos elaborados. Esses órgãos são técnicos e executivos, mas subordinados à Presidência da Associação.

h) — Que a Junta Executiva se esforce no sentido de levantar um quadro das necessidades de nosso ambiente em face das exigências dos Códigos, do aparelhamento disponível para tal, em instituições particulares e oficiais, e procure influir sobre tais órgãos, quando julgue de mistér, no sentido de melhorar o seu rendimento.

i) — Que a Junta Executiva cuide da propaganda da A. P. P. P. e de seus objetivos e da ampliação de seus quadros.

j) — Que a Junta Executiva procure colocar a A. P. P. P. em relação com as entidades do magistério no mundo, que representam uma posição avançada do pensamento pedagógico ou se esforcem nesse sentido.

k) — Que a Junta Executiva procure constituir veículos de expressão do pensamento da A. P. P. P. capazes de lhe permitir comunicar-se regularmente com os seus membros e de exercer influxo no ambiente, no sentido do aperfeiçoamento do processo educacional, dentro dos princípios definidos nos seus Códigos.

l) — Que a Junta Executiva procure o estudo e aperfeiçoamento dos Códigos mediante um regime de consultas-votos.

m) — Que a Junta Executiva procure fazer a vulgarização e defesa das conclusões do Congresso de Educação Democrática Brasileiro.

n) — Que a Junta Executiva promova a Regulamentação da Sociedade.

o) — Que a Comissão Diretora organize pelotões de educação, com a função de educação popular no que se refere aos direitos da criança.

E, como processo de realização de algumas dessas tarefas imediatas, propusemos a organização de um aparelhamento capaz de conseguir mobilizar grandes forças, mobilizar em extensão, mobilizar o povo.

A idéia é simples, mas poderosa: consiste em procurar organizar o povo para a educação. Até hoje, a educação tem sido tarefa ou fechada na intimidade da família ou entregue aos organismos especializados das escolas, coordenadas ou não pelo poder público.

Nós pretendemos nada menos que mobilizar o povo para a educação.

Consistiria o processo em organizar grupos de pessoas de boa vontade, em torno dos interesses educacionais da criança sobretudo. A idéia é fácil de propagar-se, pois a simpatia pela infância é dos mais poderosos instintos da vida humana. A mulher será um elemento pronto para a nova idéia. É uma questão de dirigir o seu maravilhoso potencial afetivo no interesse da educação de todos. No homem, cremos que o instinto de luta será a força maior que deva ser posta em ação. Os grupos seriam pequenos, mas múltiplos. Reuniriam, cada um, alguns elementos apenas, mas existiriam por toda a parte. Nós os organizaríamos por toda a parte. As tarefas desses grupos não é necessário que estejam rigorosamente definidas aqui, pois convém que haja a maior plasticidade em tais organismos. Constituir-se-iam de acordo com as necessidades de cada local e com as disposições dos seus membros. Assim, o que aqui se sugere é mais um exemplo do que uma norma. Venha, pois, o exemplo. Suponhamos que dois ou três elementos de boa vontade se reúnem. O ponto de reunião pode ser a casa pessoal de um deles ou uma sociedade, um escritório ou mesmo no ponto da esquina onde se reúnem as crianças da zona, pela noite ou pelas tardes, para brincar. Está constituído um dos Centros desse movimento, que denominaríamos O POVO ORGANIZADO PARA A EDUCAÇÃO. Digamos que é o primeiro Centro criado. Chama-lo-íamos de Centro I. Pode que as suas tarefas sejam, de imediato, reunir as crianças da zona, esses mesmos meninos que se reúnem pela noite em baixo da lâmpada elétrica da rua, ou constituem o clube de foot-ball da redondeza, e constituir com eles sessões de desenho, ou trabalhos manuais, ou a organização de um teatro de fantoches, ou a sistematização das atividades esportivas, ou a organização de excursões, etc. Mas esses trabalhos não serão mais do que o pretexto para reunir as crianças e influir sobre elas. Creio que chegaremos a ações de grande vulto. Quando os Centros se multiplicarem, podem as crianças de todos eles, podem os Centros coordenados emprender atividades de maior porte, como a criação de uma biblioteca infantil central, ou de grupos corais volumosos, etc., etc. Pensamos que esse caminho pode conduzir a construções de vulto.

Mas, com indicarmos a organização de tais grupos infantis não deixamos sequer esboçados os nossos propósitos com a ORGANIZAÇÃO DO POVO PARA A EDUCAÇÃO. O caso é que, partindo de uma tarefa dessa natureza, confiada ao povo, que necessitará, aqui, naturalmente, de uma assistência técnica da Associação de Professores Primários bem eficiente, — partindo, dizíamos, de um ponto assim, desse indicado ou outro, iríamos nos esforçando por criar no povo uma mentalidade de interesse pela educação popular, e iríamos passando de uns a outros problemas, até chegar a formar uma mentalidade popular capaz de influir decisivamente na vida educacional pública, até construir uma corrente poderosa de opinião popular em favor dos interesses maiores da educação, de modo a não permitir mais a imobilização do processo educativo pelo desinteresse dos responsáveis.

O nosso objetivo mais essencial é construir uma nova mentalidade popular, orientada e ativa, esclarecida e política, em relação aos interesses educacionais. Fazer, em resumo, o povo participar como uma força, da educação do povo, influenciando e construindo.

ÍNDICE

	Pág.
ESTE LIVRO, QUE É QUASI UM DIÁRIO	5
POSIÇÃO	11
INSTITUTO PESTALOZZI	13
I — Jardim da infância. — Arquitetura escolar, etc.	13
Teatro e música	20
Estudo do escolar	27
II — Curso primário. — Apontamentos para direção geral	39
III — Curso da extensão cultural	40
IV — Plano geral	43
ESCOLA PRIMÁRIA	45
Preliminar. — Idéias gerais para a organização de um programa de ensino primário	45
As técnicas de expressão. — Linguagem oral	50
Leitura	57
Desenho	66
Trabalhos manuais	70
Linguagem escrita	74
Ciências físicas e naturais	79
Aritmética	85
Geografia	99
ESCOLA RURAL	105
A escola rural. — Alguns apontamentos	105
Plano para uma Associação Funcional	109
Plano para uma Associação de Ex-alunos	113
Alguns considerações sôbre o ensino de certas maté- rias na escola rural	114
ESCOLAS DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO	117
COMPLEMENTO	113



Impresión y venta de libros

